

sobre tudo

Vol. 9 / Número 2
EDIÇÃO 2018

[tinyurl.com/
revistasobretudo](http://tinyurl.com/revistasobretudo)

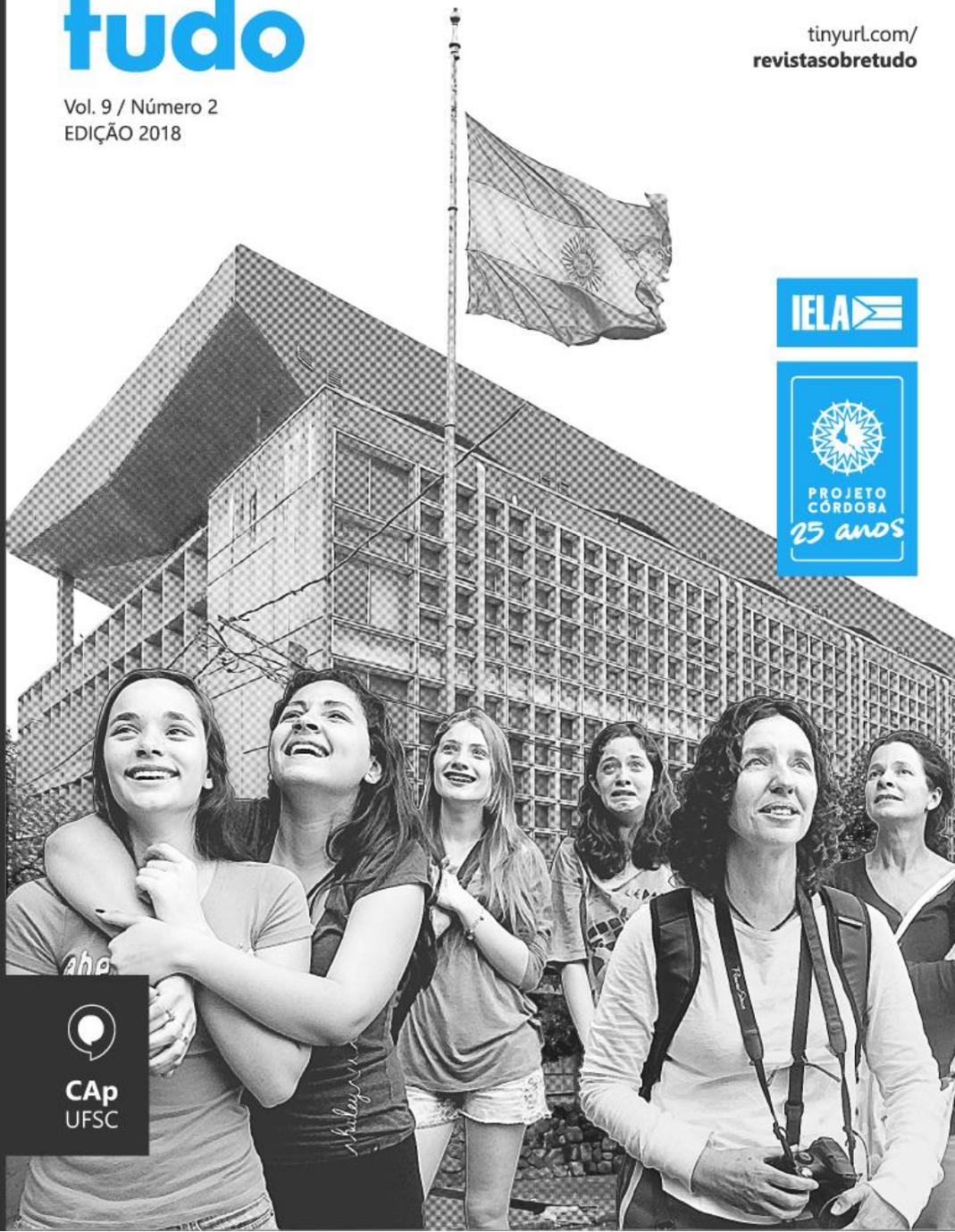
IELA 



PROJETO
CÓRDOBA
25 ANOS



CAP
UFSC



REITOR

Ubaldo Cesar Balthazar

VICE-REITORA

Alacoque Lorenzini Erdmann

PRÓ-REITOR DE PESQUISA

Sebastião Roberto Soares

DIRETOR DO CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

Antonio Alberto Brunetta

VICE- DIRETORA DO CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

Roseli Zen Cerny

DIRETOR DO COLÉGIO DE APLICAÇÃO

Edson de Azevedo

EDITORES

Fernanda Müller (Editora-chefe)

George França

Gláucia Dias da Costa

Lara Duarte Souto-Maior

Tomás Figueiredo Fontan

LAYOUT

Fernanda Müller

CAPA

Ramónn Wilhelm

COLABORADORES

Bárbara Collares Botelho (Estudante/CA UFSC)
Camila Alves da Silva (Bolsita PIBE/UFSC)
Gustavo Seemann Koerich (Bolsita PIBE/UFSC)

REVISOR DE RESUMEN (ESPAÑHOL)

Tomás Figueiredo Fontan, UFSC

CONSELHO CONSULTIVO

AVALIADORES DA UFSC

Adriana da Costa, UFSC
Alberto Vinicius Casimiro Onofre, UFSC
David Costa, UFSC
Francisco Emílio de Medeiros, UFSC
Iara Zimmer, UFSC
João Nilson Pereira de Alencar, UFSC
Josalba Ramalho Vieira, UFSC
Karen Rechia, UFSC
Lisley Canola Treis Teixeira, UFSC
Lúcio Ely Ribeiro Silvério, UFSC
Marcio Marchi, UFSC (*ad hoc*)
Marcio Markendorf, UFSC
Mônica Fantin, UFSC
Nara Caetano Rodrigues, UFSC
Romeu Augusto de Albuquerque Bezerra, UFSC
Sandra Madalena Franke, UFSC
Thereza Cristina Bertazzo Silveira Viana, UFSC
Thomás Figueiredo Fontan, UFSC (*ad hoc*)

AVALIADORES DE OUTRAS INSTITUIÇÕES NACIONAIS

Alba Regina Battisti de Souza, UDESC
Alexandre Sardá Vieira, IFSC
Ana Paula Pruner de Siqueira, IFSC
Anderson da Mata, UNB
Andressa Brandt, IFC
Angela Scalabrin Coutinho, UFPR
Angélica Caetano da Silva, COLÉGIO PEDRO II
Bruno Muniz Figueiredo Costa, Colégio de Aplicação João XXIII
Caroline Cubas, UDESC
Celso João Carminati, UDESC
Cristiano Mezzaroba, UFS
Daniel Godinho Berger, SME/PMF/FLORIANÓPOLIS
Edson Antoni, UFRGS
Eliete do Carmo Garcia Verbena e Faria, UFJF
Fernando Gonçalves Bitencourt, IFSC
Flavia Maia Moreira, IFSC
Geovana Mendonça Lunardi Mendes, UDESC
Gioconda Ghiggi, IFPR
Janaina Garcia Sanches, Colégio de Aplicação João XXIII
Juarez José Tuchinski dos Anjos, UNB
Julice Dias, UDESC
Karina de Araújo Dias, SME/PMF/Florianópolis
Lavinia Teixeira, UFPB
Lourival Martins, UDESC
Marcelo Barreto Cavalcanti, UFPE
Marcos Francisco da Silva, SME/PMF/FLORIANÓPOLIS
Micheli Cristina Starosky Roloff, IFC/Rio do Sul
Núcia Alexandra Silva de Oliveira, UDESC
Rosangela Francischini, UFRN
Silvia Sell Duarte Pillotto, UNIVILLE
Talle Viana Demos, IFSC

Valeria Milena Rohrich Ferreira, UFPR
Volmir Von Dentz, IFSC

AVALIADORES DE INSTITUIÇÕES INTERNACIONAIS

Jorge Larrosa, UNIVERSIDADE DE BARCELONA
Maria Beatriz F.L.de Oliveira Pereira, UNIVERSIDADE DO MINHO
Pier Cesare Rivoltella, UNIVERSITÀ CATTOLICA DEL SACRO
CUORE DI MILANO
Raquel Carranza, UNIVERSIDAD NACIONAL DE CORDOBA
Susana Ferreyra, UNIVERSIDAD NACIONAL DE CORDOBA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
COLÉGIO DE APLICAÇÃO

sobre
tudo

[tinyurl.com/
revistasobretudo](http://tinyurl.com/revistasobretudo)

V. 9, N. 2, ANO 2018
ISSN: 1519-7883
Florianópolis-SC



COLÉGIO DE APLICAÇÃO
desengavetandoideias

Capa de Ramón Wilhelm, com fotografias de Tomás Figueiredo Fontan (2014)
Editores: Fernanda Müller (Editora-chefe), George França, Gláucia Dias da Costa, Lara Duarte Souto-Maior e Tomás Figueiredo Fontan (convidado).

*Os conteúdos publicados são de inteira responsabilidade
de seus respectivos autores.*

Catálogo na fonte pela Biblioteca Universitária da
Universidade Federal de Santa Catarina

Revista Sobre Tudo [recurso eletrônico] / Universidade
Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação,
Colégio de Aplicação. – Dados eletrônicos. – Vol. 1, n. 1
(nov. 2000) - .- Florianópolis : CED/UFSC, 2000-

Semestral

Resumos em português e espanhol

Modo de acesso:

<http://ojs.sites.ufsc.br/index.php/sobretudo>

ISSN: 1519-7883

1. Educação. 2. Educação básica. 3. Abordagem
interdisciplinar do conhecimento na educação. I.
Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Ciências
da Educação. Colégio de Aplicação.

CDU: 37

Elaborada por Dêira Remedi – CRB 14/1396

Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina
Sala da Revista Sobre Tudo, Bloco C, térreo
Campus Trindade, Florianópolis – SC, CEP 88040-900
Fone: (48) 3721-9561
<http://ojs.sites.ufsc.br/index.php/sobretudo/index>
sobretudoca@gmail.com

*A primeira condição para modificar a realidade
consiste em conhecê-la.*

Eduardo Galeano

SUMÁRIO

A ESTRADA É BOA MESTRA	15
Comissão Editorial	21
PROJETO CÓRDOBA 2018	23
Coordenação do Projeto Córdoba	27
INTERCAMBISTAS DO PROJETO CÓRDOBA (1992-2018)	28
DE-CONSTRUYENDO FRONTERAS Y ESTEREOTIPOS: UNA PROPUESTA DE ENCUENTRO LATINOAMERICANO (1992-2010) ..	49
Coordenação do Proyecto Brasil.....	59
PELA INTEGRAÇÃO DA AMÉRICA LATINA: ENTREVISTA COM O PROFESSOR CÉSAR REGIS	60
Entrevistadora: Fernanda Müller	60
CÓRDOBA E O ESPAÇO GEOGRÁFICO: ENTREVISTA COM A PROFESSORA SANDRA MENDONÇA	71
Entrevistadores: Fernanda Müller	71
Tomás Figueiredo Fontan.....	71
O QUE NOS UNE: ENTREVISTA COM O PROFESSOR RODOLFO PANTEL	91
Entrevistadores: Fernanda Müller	91
Tomás Figueiredo Fontan.....	91
Intercambistas argentinos do Projeto Córdoba 2018	91
EDUCAÇÃO E INTEGRAÇÃO LATINO-AMERICANAS	107

Elaine Tavares.....	107
RECORRIDOS POR ABYA YALA LATINA	127
Yeni poet (Jimena Garrido).....	127
LA GENESIS DE LA “REFORMA DO ENSINO MÉDIO BRASILEIRO”	137
Thereza Cristina Bertazzo Silveira Viana	137
ABAJO DE LA ESCALERA.....	149
Mariana D’El Rei Martins	149
Sandra Mendonça	149
LA PERLA: MEMÓRIAS E RASTROS	177
DA DITADURA MILITAR ARGENTINA	177
Maria Luiza Pierri	177
Camilo Buss Araujo	177
TERCEIRA MARGEM.....	213
João Nilson P. de Alencar.....	213
CARTA AOS COORDENADORES DO PROJETO CÓRDOBA.....	219
Thomas Soltau.....	219
SOBRE UTOPIA E HORIZONTES.....	223
Maria Clara Prates Machado	223
ABRAÇANDO A IRMANDADE	235
Joana Milan	235
UMA EXPERIÊNCIA SOBRE CÓRDOBA	239
Júlia Toledo.....	239
A INTENSIDADE DOS AFETOS	243

Família Fantin-Dietrich	243
SENTIMIENTOS Y GRATITUD	247
Familia Vreys	247
ENTRE NÓS E AS LINHAS: FOTOMONTAGEM DA COMEMORAÇÃO DOS 25 ANOS DO INTERCÂMBIO ESTUDANTIL	251
Natasha Mota	251

sobre tudo

A ESTRADA É BOA MESTRA

A **Revista Sobre Tudo** Vol. 9, Número 2, oferece a vocês, nossos leitores e leitoras, uma edição especial, dedicada a homenagear os 25 anos do Projeto Córdoba. Até o presente momento, não haviam sido publicados exemplares temáticos ou comemorativos, mas a decisão de quebrar esse paradigma, celebrando um trabalho que admiramos e acompanhamos tão de perto, foi unânime entre os editores.

Estabelecemos muitas parcerias e agradecemos de antemão a todos e a todas que nos auxiliaram, compartilhando tão generosamente seu tempo, suas memórias e seu conhecimento. Seguramente o fizeram porque sabem da importância do Acordo Internacional de Cooperação, estabelecido em 1992, entre o Colégio de Aplicação, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), e a Escuela de Comercio Manuel Belgrano, da Universidad Nacional de Córdoba (UNC). Acordo que se desdobrou em inúmeras ações, entre as quais um intercâmbio que completou 25 anos e hoje é o mais antigo de nossa instituição.

Para elaborar a capa dessa edição foram utilizadas duas fotografias em que o Professor Tomás, integrante da

Coordenação do Projeto Córdoba desde 2012 e editor convidado dessa edição especial, lança seu olhar. São duas faces e dois destinos de um mesmo projeto – Brasil e Argentina.

No primeiro plano temos um grupo que estava reunido no terminal Rodoviário Rita Maria, em Florianópolis, anualmente palco de chegadas e partidas do Projeto Córdoba. A imagem registra o momento de embarque dos intercambistas cordobeses, no ano de 2014. São olhares de amigos que se despedem, lançando uma última mirada sobre o ônibus que conduzirá seus novos companheiros em uma jornada para casa, ao longo de cerca de 30 horas de viagem. Mariana, Bruna e Beatriz, as estudantes ali reunidas, carregam em sua expressão sorrisos, lágrimas, se abraçam e demonstram alguma saudade antecipada pelo recém-vivido. A foto ainda registra o olhar afetivo da Professora Danuza Meneghello, atual coordenadora, que há 20 anos se dedica arduamente a fortalecer o Projeto Córdoba e tudo o que ele significa. Ao lado dela, uma das mães, perfeita alusão às tantas famílias sem as quais o acordo também não sairia do papel ou, no mínimo, ganharia contornos completamente distintos.

Estudantes, professores, famílias: anéis que formam essa corrente e que tornam o Projeto Córdoba o que ele é hoje. Observando um pouco mais a imagem da capa, é instigante pensar sobre o significado de uma despedida tão marcante entre pessoas que até bem pouco tempo não se conheciam. Quanto sabiam da língua espanhola e da portuguesa? Talvez lhes chegassem apenas fragmentos da geografia, da história, da política ou da cultura do outro país via notícias de jornal ou filmes, mas hoje se vêem diante de um território que comporta múltiplos sentidos. Esse aspecto é sugerido no segundo plano da capa, o qual exhibe uma das fachadas da Escuela Manuel Belgrando, em

Córdoba. Uma arquitetura que passou a integrar o itinerário das memórias afetivas de cada um dos estudantes brasileiros que lá estiveram.

Os trabalhos aqui reunidos, como não poderia deixar de ser, revelam a origem de seus autores e o vínculo estabelecido com o Projeto Córdoba. Razão pela qual há artigos, pesquisas acadêmicas, entrevistas, vivências de intercâmbio de professores e de estudantes e relatos de famílias. Alguns em português, outros em espanhol. Alguns são de brasileiros, outros, de argentinos. Em todos os casos, são um convite que aguarda o nosso contato, a nossa abertura, o nosso “sim” para que o encontro se realize.

Os dois primeiros textos foram elaborados, respectivamente, por coordenadores do Projeto Córdoba e do Projeto Brasil – como é chamado na Argentina. Nosso já citado parceiro e geógrafo, Professor Tomás Fontan, assina o trabalho em nome da Coordenação do Colégio de Aplicação. Em seguida a Professora Susana Ferreyra, que atuou na Escuela Superior de Comercio Manuel Belgrano e é uma das responsáveis pela assinatura do Acordo lá, nos oferece um panorama de 1992 a 2010, período em que integrou ou coordenou o Projeto Brasil, em “De-construyendo fronteras y estereotipos: una propuesta de encuentro latinoamericano”.

Para reavivar lembranças e contar como foi a história do Acordo e do Projeto Córdoba, entrevistamos três colegas do Colégio de Aplicação da UFSC, de formação e atuação distintas, mas com posicionamento político muito claro no que se refere à América Latina. Na sala do Projeto Córdoba recebemos o Professor de Educação Física César de Medeiros Regis, entrevistado ao lado de uma gravura em que se lia: “Marielle

vive!”. Nossa equipe visitou alguns dias depois a casa da Professora de Geografia Sandra Mendonça, que nos recebeu com xícaras de café, chocolate, reflexões e emoção. Para fechar a tríade, realizamos no Laboratório de Geografia do Colégio de Aplicação a entrevista com o Professor de História Rodolfo Pantel. Um momento particularmente rico, porque contou com a presença dos intercambistas argentinos que estiveram em 2018 em nossa escola, permitindo que a entrevista que abordou da Reforma de Córdoba à situação da América Latina hoje ganhasse ao mesmo tempo ares de aula e de bate-papo. Registramos aqui um agradecimento especial ao bolsista Gustavo Seemann Koerich (Bolsita PIBE/UFSC), responsável por transcrever essas três entrevistas para a presente publicação.

Como o Acordo entre a UFSC e a UNC prevê a existência de trabalhos artísticos e culturais, mas igualmente de natureza acadêmica e científica, o que igualmente faz parte da política editorial desse periódico, trazemos também pesquisas desenvolvidas por três colegas. A primeira é um artigo da Jornalista e Pesquisadora Elaine Tavares, do Instituto de Estudos Latino-Americanos (IELA). O Projeto Córdoba mantém-se vinculado ao IELA, participa das **Jornadas Bolivarianas**, em reuniões e grupos de estudo sobre a América Latina e sobre a conjuntura brasileira, o que justifica a presença de “Educação e integração latino-americanas”, uma importante contribuição para esse especial.

O aporte seguinte vem diretamente da Argentina, trata-se do artigo da Professora Jimena Garrido, ou Yeni poet, como prefere assinar, uma das coordenadoras argentinas do Projeto Brasil atualmente. Em “Recorridos por abya yala latina”, compartilha algumas perguntas e inquietações sobre a América

Latina, leituras e estereótipos, a partir de sua experiência como professora de História Sociocultural Latino-Americana.

Do Colégio de Aplicação da UFSC vem a terceira pesquisadora. A Professora de Sociologia Thereza Cristina Bertazzo Silveira Viana, que já orientou número considerável de pesquisas desenvolvidas por intercambistas do projeto aqui e lá, participou, em 2017, da comemoração do 25º aniversário do Acordo, na condição de professora intercambista, em Córdoba. Nessa oportunidade, apresentou um trabalho que discutia a Reforma do Ensino Médio que estava em curso no Brasil. Lamentavelmente, com a aprovação da lei, as críticas contidas em “La genesis de la reforma do ensino médio brasileiro” revelaram-se pertinentes e atuais, razão pela qual o reproduzimos aqui.

Com o propósito de demonstrar qual o tipo de trabalho desenvolvido pelos nossos estudantes do ensino médio em Córdoba, trazemos a público duas pesquisas orientadas, produzidas e apresentadas no Colégio de Aplicação no âmbito do intercâmbio. “Abajo de la escalera” foi desenvolvida por Mariana D’El Rei Martins, em 2014, sob a orientação da Professora Sandra Mendonça. O trabalho dedica-se a analisar as condições de trabalho dos funcionários de serviços gerais, terceirizados, vinculados à Escola Superior de Comércio Manuel Belgrano, no que tange à satisfação no exercício da função e à valorização da categoria.

“La Perla: memórias e rastros da ditadura argentina” foi produzido Maria Luiza Pierri, em 2018, sob orientação do Professor de Estudos Latino-americanos Camilo Buss Araujo. Investiga a história do centro clandestino de detenção homônimo, durante a última ditadura civil-militar daquele país, governado por juntas militares ao longo de sete anos. Ao mesmo

tempo, demonstra a importância da consciência social e histórica quanto ao passado da nação – seja na Argentina seja no Brasil.

No que diz respeito às vivências de intercâmbio, abrimos a série com o relato do Professor de Língua Portuguesa João Nilson P. de Alencar, intitulado “Terceira margem”. Pai e professor de intercambista, vivenciou ainda o papel de professor visitante em Córdoba em mais de uma oportunidade e compartilha suas memórias numa escrita fluída, em que flerta com a literatura.

Na sequência, os estudantes retomam a palavra. Thomas Soltau, que embarcou para Argentina em 2014, se encantou tanto que hoje cursa graduação na UNC. Autor da “Carta aos coordenadores do Projeto Córdoba”, produziu um texto que é igualmente um gesto de agradecimento e carinho aqueles que marcaram sua trajetória pessoal. Duas intercambistas de 2016 somam-se a Thomas na tarefa de reconhecer a importância do projeto. Maria Clara Prates Machado nos oferece “Sobre utopias e horizontes”, enquanto Joana Milan reelabora sua experiência em “Abraçando a irmandade”. Júlia Toledo, intercambista em 2018, arremata a seção com “Uma experiência sobre Córdoba”.

Fechando com chave de ouro, temos um ensaio fotográfico que é poesia em imagem. A Professora de Artes Natasha Motta, integrante da comitiva de comemoração do intercâmbio em Córdoba, em 2017, capturou por lá as fotografias que editou por aqui, a fim de conceber “Entre nós e as linhas: fotomontagem da comemoração dos 25 anos do intercâmbio estudantil”.

Como últimas palavras, retomamos a epígrafe de Eduardo Galeano que abre essa edição especial, para quem “*A primeira condição para modificar a realidade consiste em conhecê-la.*” Seja

na forma da “Pátria grande” ou da “Abya yala”, esperamos que a leitura desse periódico permita conhecer um pouco da história de um projeto que há mais de 25 anos visa a integração entre dois países vizinhos, de passado comum e aproximação necessária. Nesse meio tempo o Projeto Córdoba já cruzou a fronteira que nos separa e nos une com mais de 500 estudantes e professores. Fica como lembrete uma frase que a Professora Danuza costuma repetir na formação dos intercambistas: “a estrada é boa mestra”. É em meio ao deslocar-se que se criam possibilidades de conhecimento e reconhecimento da realidade: a do outro e a nossa. Caminho que necessitamos trilhar a fim de superar estereótipos, medos e padrões pré-estabelecidos. Ter uma chance, enfim, de romper com o discurso de ódio e de rivalidade que nos é imposto e ir ao encontro do outro, estabelecendo vínculos e laços de amizade para uma vida inteira...

Uma boa leitura a todos e a todas!

Comissão Editorial
Fernanda Müller
George França
Glúcia Dias da Costa
Lara Duarte Souto Maior
Tomás Figueiredo Fontan

sobre tudo

PROJETO CÓRDOBA 2018

Em 2017, o Acordo de Cooperação Acadêmico e Cultural Brasil-Argentina, firmado entre a Universidade Nacional de Córdoba e a Universidade Federal de Santa Catarina, completou seu primeiro quarto de século. Firmado em 1992, selou a amizade entre duas instituições da educação básica pertencentes à rede federal, a Escuela Superior de Comércio Manuel Belgrano (ESCMB/UNC) e o Colégio de Aplicação (CA/UFSC), conhecidos e respeitados pelo seu compromisso com a qualidade de ensino e com a formação de professores.

Quando de sua assinatura, pelas mãos dos reitores Prof. Francisco J. Delich (UNC) e Prof. Diomário de Queiróz (UFSC), Argentina e Brasil trilhavam os caminhos da redemocratização, após longos e duros anos de ditadura civil-militar. De uma forma ou de outra, buscava-se afirmar direitos antes esquecidos e a integração regional, que vinha se dando pela cooperação militar da Operação Condor, assumia um caráter mais econômico consubstanciado pela criação do Mercosul no mesmo ano.

Desde então, enquanto Argentina e Brasil viviam governos mais liberais (Menem/FHC) ou mais desenvolvimentistas (Kirschner/Lula), o referido Acordo de Cooperação UFSC-UNC viabilizou o trânsito de mais de 500 jovens estudantes

secundaristas entre os dois países. Cada qual com suas expectativas, seus projetos de pesquisa, suas vivências familiares e escolares. Em sua curta estadia no país vizinho, em geral tecem vínculos de amizade bastante marcantes, alguns dos quais cultivam por anos a fio. Assim, o intercâmbio atinge um universo muito maior de pessoas, incluindo aqueles que convivem e se enriquecem com estes jovens viajantes.

O esforço das comissões que respondem pelo Acordo e coordenam o intercâmbio, aqui chamado Projeto Córdoba e lá de Proyecto Brasil, acompanhou as mudanças políticas e tecnológicas dos dois países. Da restrita troca de documentação por fax dos primeiros anos, testemunhamos o surgimento da internet e assistimos estupefatos à proliferação dos *smartphones*, que vieram a alterar profundamente a dinâmica da comunicação e das relações sociais que se estabelecem através do intercâmbio.

Os últimos três anos do Acordo foram particularmente marcantes. 25 de agosto de 2016, Córdoba. Milhares de pessoas se reúnem em frente ao Palácio da Justiça para acompanharem o julgamento de La Perla, nome de um dos centros de detenção clandestinos que funcionaram durante a última ditadura argentina. Dentre elas, onze intercambistas brasileiros, a comemorar a sentença final: 28 condenações à prisão perpétua, inclusive do General Benjamín Menéndez. Duas semanas após, por ocasião das comemorações pelo Dia da Independência do Brasil em Córdoba, presenciavam os atos de *“Fora, Temer!”* organizados pela comunidade brasileira residente no exterior, em protesto contra a destituição da então Presidente Dilma Rousseff. Quando retornaram ao Brasil, não só o governo havia caído, como o Colégio havia sido tomado pelos estudantes, na esteira das ocupações secundaristas que se espalharam pelo país.

Por ocasião das comemorações pelos 25 anos do Acordo, decidimos realizar um intercâmbio diferenciado em 2017. Optamos, então, por ampliar o número de intercambistas e convidamos os professores e técnicos interessados em participar. Compareceram os professores João Nilson de Alencar, de Língua Portuguesa, e as professoras Fabíola Burigo e Natasha Mota, de Artes Visuais. Juntos, desenvolveram uma formidável oficina intitulada “Memórias e desejos”, na qual os estudantes expressaram ideias e sentimentos sobre o passado, o presente e o futuro do intercâmbio por meio de diferentes linguagens artísticas. Somou-se ao grupo a Profa. Thereza Viana, de Sociologia, que proferiu uma palestra sobre a Reforma do Ensino Médio (Lei nº 13.415/2017) e promoveu um rico debate entre estudantes e professores brasileiros e argentinos na ESCMB. Dezesesseis intercambistas brasileiros prepararam a Mostra dos 25 anos do Acordo que foi levada a ESCMB, contendo cartazes e objetos sobre a educação no Brasil e América Latina, fotos e documentos históricos relativos ao intercâmbio e um vídeo documental com entrevistas realizadas na UFSC. Do outro lado, 18 intercambistas argentinos brindaram o CA/UFSC com uma apresentação acerca da importância e atualidade da Reforma Universitária de Córdoba (1918). Vieram acompanhados pelos professores Jimena Garrido e Carlos Cáceres, que ministraram oficinas sobre produção audiovisual e pesquisa em juventude na educação básica. Embora o período de estadia tenha se reduzido pela metade (de oito para quatro semanas), a relação entre estudantes e professores intercambistas em 2017 foi muito intensa, já que estiveram efetivamente juntos durante as duas etapas. Disto resultou uma experiência de intercâmbio mais curta e ampliada, coletiva e solidária, a qual não teria sido possível sem

o valioso apoio prestado pelo então reitor Prof. Luís Carlos Cancellier, a quem dirigimos aqui nossa gratidão e homenagens.

Finalmente, em 2018, retornamos ao modelo tradicional de dois meses de estadia com projetos individuais de pesquisa nos dois pólos do intercâmbio. Desta vez, foram as universidades argentinas a ponta de lança das mobilizações que sacudiram as ruas do país. Na pauta dos protestos, a crise econômica e o acordo negociado com o FMI, a militarização da segurança pública, a impunidade frente à morte do ativista Santiago Maldonado e a campanha pela legalização do aborto. Como de praxe, as trinta horas que separam os dois destinos servem, dentre outras, para que os intercambistas preparem os discursos que serão lidos nos atos oficiais de abertura nas escolas. Assim, notamos que algumas das questões que mobilizavam os setores universitários na Argentina surgiram no discurso que as intercambistas brasileiras elaboravam no ônibus. Em especial, e não por acaso, as oito jovens estudantes brasileiras manifestavam seu interesse e admiração pelo protagonismo político que as colegas argentinas vinham assumindo nas lutas femininas. Lamentavelmente, não puderam lê-lo pois chegaram em Córdoba em meio a uma paralisação nacional que duraria ainda um mês e meio e que inviabilizou o grandioso ato de boas-vindas tradicionalmente realizado em Córdoba. A força dos protestos nas ruas de Córdoba e a participação ativa da ESCMB nas mobilizações foi constante na avaliação das intercambistas, que ademais destacaram o estreitamento dos vínculos familiares em função da suspensão das aulas. Na outra mão, os jovens intercambistas argentinos no CA/UFSC acompanharam de perto as repercussões do processo eleitoral mais tenso ocorrido no Brasil desde a redemocratização.

Enfim, temos vivido anos de intensa agitação política nos dois países, com importantes reflexos no campo da educação e juventude. Muito além da integração dos mercados, foi a integração das pessoas comuns e seus afetos, o desejo fundante deste intercâmbio e o combustível de nossa resistência. O que esperar, porém, de um cenário em que a própria integração regional pelo capital tem sido colocada em xeque pelo governo eleito no Brasil?¹ Qual integração latino-americana desejarão os de cima e qual resposta darão os de baixo? Enquanto descobrimos as respostas, seguiremos sonhando juntos, em Córdoba e em Florianópolis. A todos os colaboradores que por aqui passaram, nosso mais sincero agradecimento. Borrar fronteiras, encurtar distâncias: eis nossa singela, porém árdua e significativa contribuição. Que venham outros 25!

Coordenação do Projeto Córdoba²
Professor Tomás Figueiredo Fontan³

27

¹ O futuro ministro da Fazenda e assessor econômico de Jair Bolsonaro, o economista Paulo Guedes, afirmou recentemente que o Mercosul é ideológico e não será prioridade em seu governo.

² A Coordenação do Projeto Córdoba no ano de 2018 é composta por Danuza Meneghello, Tomás Figueiredo Fontan, Fernanda Müller e Marcio Marchi.

³ Licenciado em Geografia pela UFSC e Professor de Geografia do Colégio de Aplicação da UFSC. Integrante da Coordenação do Projeto Córdoba. Contato: tomas.figueiredo@ufsc.br

INTERCAMBISTAS DO PROJETO CÓRDOBA (1992-2018)

1992

Brasileiros

Alan Stone

Ana Carolina Saupe

Ana G. Mamigoniam

Ana Paula de Souza

Ana Paula Morrossino

André F. B. Vila Nova

Andrey R. da Silva

Cristiane L. Carqueja

Denise S. de Souza

Diogo L. Scalco

Evelyn R. Fernandes

Felipe Oliveira Duarte

Gustavo Bouzon

Ivan Jerônimo I da Silva

Juliana Weingartner

Luiz A. R. Costa

Leonardo J. Fiuza

Marcos Mendes

Mariana C. Andrada

Mariana C. Ribeiro

Michelle P. Araújo

Nelson da R. Filgueiras

Osmar P. Silva

Plínio V. Neto

Renata Quint

Rodrigo R. Moraes

Rubia H. N. Coelho

Shelley Ceccato

Silvia S. S. Costa

Susana C. Moritz

Tatiana Rotolo
Vanessa S. Cunha
Victor A. Gomes
Willian Vargas

Argentinos

Ana Alloco
Leonardo Gabriel Apri
Diego Alejandro Artaza
Mariana Leonor Bianco
Homero Bilbao
Noelia Silvana Boaglio
Ramiro Agustín Burgeser
Natalia García Campos
Mirna Capponi
Irene García Coni
Laura Daroqui
Cristina Laura Ferraris
Maria José Franco
Soledad Gil
Silvina Karina Grasso
Maria Florência Leiguarda
Leonardo López
Martín Alejandro Maldonado
Mônica Noemi Miranda
Paula Vidal Pérez
Sonia Elizabeth Pérez
Gastón Piñero
Juan Rodolfo Polak
Matías Rodeiro
Débora Carolina Rumis
Paula Mariana Schargodorodsky
Paula Beatriz Sosa
Estela Moissett de Spanes
María Cecilia Tissera
Carina Tumini

Natalia Bruno Vaccaro
Matilde Vaudagna
Fando Agustín Vidal
Mariano Adolfo Vidal
Gabriela Verônica Zabala

1994

Brasileiros

Ângela Queiroz
Emiliana Vargas
Guilian Buhl Peres
Maria Carolina da Rocha Alves
Gustavo Bouzon
Theo Bud

Argentinos

Ana Hocsman
Emiliano Fessia
Roger Derirco
Romero Waldino
Carolina Murad
Magdalena Gonzalez

1995

Brasileiros

Thaisy Backes
Maria Ester Bud
Aline Santos
Claiton Coelho
Andréia Agostii
Bruna Amarante
Priscila Wiggers
Rafaella Correa
Ana Maria Vicenzi
Carlos Furtuoso
Maíra Castilhos

Person Coutinho

Argentinos

Federico Veredinelli

Lorena Gill

Mariela Chervin

Julia Astegiano

Lisandro Ferreyra

Juan Polak

Paola Venavidez

Mariana Maine

1996

Brasileiros

Fernanda A. Silva

Luciana C. Assini

Marcio B. Pereira

Mirela S. Vieira

Renata F. da Silva

Rutsney Schmitz Jr

Argentinos

Gabriela Szuster

Agustina Gentili

Ana María Alday

Érika Rossanigo

Mónica Barrionuevo

Natalia Cosacov

Alejandro Bacigalu

1997

Brasileiros

Rita Coitinho

Eliziane Costa

Maria Helena Lenzi

Carolina Cano

Argentinos

Mariela Zanazzi
Eliana Ratti
Julieta Sánchez
Pablo Strasorier
Mariel Grenon
Juan Pablo Alcalde
Valeria Serra

1998**Brasileiros**

Guilherme Coutinho Silva
Elizabete Lourenço
Luciana Rosa Leite
Débora da Cunha Kirst
Marne Carlilo Schu
Gabriela Caldeira de Andrada
Shaiani Souza Gyrão

Argentinos

Cíntia Chervin
Martín Delgado
Fabián Zanazzi
Gabriela Bufa
Silvina Oviedo
Eugenia Gimenez

1999**Brasileiros**

Leticia Silveira
Pâmela C. Silva
Cláudia França de Abreu
Naila R. Tomelero
Leandro Silveira
Diego Bento da Silva

Gustavo José Valério Maia
Alden Liuri Nascimento
Caroline Stefanés
Sabrina Hülbert
Talita Madeira

Brasileiros (intercambio deportivo)

Adriana C.F.Laffin
Aline Falqueto
Anna B. Verani
Cláudia F. de Abreu
Diego B. da Silva
Elisa Garcia Torres
Fernanda M.da Rosa
Graziela G. Machado
Guilherme S. Rocha
Gustavo H. Furtuoso
Gustavo José V. Maia
Gustavo S. Schneider
Julio Ventura Jr.
Karina D. Ferreira
Leandro M. Schaden
Leonardo C. Valenza
Maíra F. Andrade
Monique Ouriques Maia
Priscila Testa
Sara Farias da Silva
Tiago José da Silva
Willian Takahashi

Argentinos

Guadalupe Delfino
Paula de las Casas
Julieta
Natalia Mercado
Gonzalo Gomez

Ernesto Ambrosino

Patricia Flores

Argentinos (intercâmbio esportivo)

Leandro Blanck

Federico Malvido

Facundo Tobares

Diego Mizraji

Facundo Luque

Benjamin Ellemberger

Pablo Arteta

María Victoria Smidt

Emilia Smidt

María Fernanda Pérez

Yanina Gutiérrez

Laura Giliberti

Fernanda Jaime

Maria Eugenia Marcuzzi

Maria Pía Vilches

Eugenia Muñoz

Flavia Cabral

Cecilia Moltoni

2000

Brasileiros

Juliana Esteffano

Raquel da Rosa M. Moraes

Thayse Antunes da Silva

Aline Teixeira Pereira

Argentinos

Carlos Ariel Penha

Maria Eugenia Brizuela

Diana Luz Rabinovich

Noelia Laura Derecynski

Maria Soledad Pavesi

2001

Brasileiros

Cecília Corrêa Lenzi
Maiá Gomes Medeiros
Priscila Testa
Sheyenne Ribeiro Grisalt
Alan Zettermann Dias de Azevedo
Alexandre Kindermann Bez

Argentinos

Valentina Pesce
Fernanda Pica Ponte
Santiago Bazan
Cecili Moltoni
Cecília Zárate
Maria Paz Buthet

2002

Brasileiros

Aline Bernardo Coelho
Liz Meneghello de Abreu
Adson Buriol Zanuzo
Gabriela Ecco
Marco César da Silva
Felipe Weber
Vanessa
Caue Fantin Dietrich
Mirian K. Haufffe
Sheyenne R. Grisalt
Mexiana Zabott Adriano
Matheus da Silva Grandi
Vinícius Anaissi Possebon
Vinícius Vieira
Mariana F. Maioral
Lucio Proença

Argentinos

Bazan Santiago
Beacon Julieta
Moltoni Cecilia
Bustos, Selva
Guiñazu, Yohana
Verrua Romina
Zarate Cecilia
Bonato, Alejandro
Malano, Julieta
Rivas, Jimena
Scribano, Maria de la Paz
Bennun, Natalia
Molina, Cecilia

2004

Brasileiros

Alex B. Ribeiro
Bolívar M.P.Machado
Carolina Cruz
Fernanda Silva
Israel H. Dutra
João Clemente
Juliana Damielewicz
Pedro L. Gonálves
Ramon Facchin
Thiago U. Pereira
João Medeiros

Argentinos

Mariel Denise Torres
Eugenia Cavanagh
Cecília Vreys
Guadalupe Seia
Maria Laura Sabbione

Laura Alvarez
Lucas Manuel Cajiao
Maria Luisa Stille
Maria Laura Velazquez
Nicolas Martin Salvia
Maria Ludmila Oyola
Nadia Gabriela Jaime
Juan Martin Zanotti
Paola Virga
Celeste Peon

2005

Brasileiros

Bárbara Romariz Tenfen
Bruna Lunardi Taffe
Camila C. de Oliveira
Carolina Becker Peçanha
Danilo Nunes do Carmo
Lucas Toresan
Maiara Pires Bastos
Maira Fantin Dietrich
Marcelo Carvalho Pestana Silva
Bárbara Romariz Tenfen
Bruna Lunardi Taffe

Argentinos

Agueda Ortega
Anahí García Calzad
Eduardo Rubím
Joaquín Robles
Georgina Petrusa
Laura Villarreal
Lisandro Ambrosino
María Del Mar Berrotarán
Guadalupe Roque
Diana Julieta Alcalde

Cecília Vreys

2006

Brasileiros

Camila Bergamim

Carolina D. Azevedo

Eduardo Zen Cerny

Gaia L. Tornquist Sartori

Guilherme Reis Kraieski

Júlia de Fáveri

Júlia Muller

Mayan Cavalcanti Spach

Rafael Fonseca Benevenuto

Ruth Steyer Araujo

Susan Toshimi Kakihara

Argentinos

Daniela Anahí Ingaramo

Daniela Machado

Florencia Placereano

Juan Diego Pinotti

Julieta Gonzalez

Laura Virga

María del Pilar Buteler

María Gabriela Capdevila

María Victoria Cooper

Paula Albrecht

Romina Gil Lazzatti

2007

Brasileiros

Rodrigo Simões Cahgas

Vicky Chula Martins

Igor P. C. da Costa

Gustavo Dias Rocha

Tainam Marinho Pessoto

Beatriz Pereira da Silva
Thayse Stein Nicácio
Priscilla Kern
Jana Perrone Machado
Moara Bouvier Daniel
Vito Ribeiro Venturieri

Argentinos

Ailín Ayelén Ontivero
Micaela Ritacco
Alicia Irene Serra
Andrea Saal
María Elisa Rivarola
Gisella Dayana Tini
Lucia Olmos
María Luciana González Appenbach
Mailin Celina Cadaro Mrco Del Pont
Maite Berenice González

2008

Brasileiros

Lucas Heymann Monr
Tomás Barcellos
Julia Milan da Silva
Iohana Campos Rolder
Isadora Bet da Rosa Orssato
Beatriz C. Wandscherr

Argentinos

Sofía Sánchez Porta
Melina Sol Oyola
Ana Josefina Schindler
Daniela Leiva Mora
Cindy Rodríguez
Ramiro Díaz
Santiago Soto

Natalia Vreys
María Sol Correa

2009

Brasileiros

Arthur Bobsin de Moraes
Bianca Henrique Francisco
Fabrina Nunes da Silva
Hannane Katty Frigotto Cherif
Lucas Selézio de Souza
Luiza Vieira Mariot
Luna Cassel Trott
Yoli Vigânigo Inácio

Argentinos

Agustín Francisco Mauro
Emilia Campagnon
Enrico Kreiman
Enzo Cima
Franco Manuel Stutz
Frida Josefina Negro Hang
Guillermina Cortassa
Leonardo Esteban Quinteros

2010

Brasileiros

Alcenir Cláudio Bueno
Arthur Nazario Palma
Marina Lemos Carcereri Mano
Thiago Novo da Cruz
Lina Ribeiro Venturieri
Yuri Vandresen Pinto
Iarima Castro Alves Cardoso
Nádia Brasil Silva

Argentinos

Agostina Belén Cattaneo

Paloma Rubin

Shams Selouma

Julián Virga

Florência Tranquilli

Julia López

2011

Brasileiros

Nahari Castro Alves Cardoso

Thomas Soltau

Paulo Remus Gregório

Lucas Brandalise Machado

Marcella Machado

Caio Domingues Lopes

Gabriela Tountonje Mitozo

Paulo Roberto Nunes Jr.

Argentinos

Estefanía Motta Milesi

Candela Blanco

Emília Guevara Olcese

Luca Salvatierra

Daniela Saranz

Hernan Diaz Sardoy

Luciano Guibert

Candela Englert

2012

Brasileiros

Isis Shandra S. Santos

Ana Luiza S. Spinelli

Giulia Birollo Alberton

Esther Figueiredo de Oliveira

Ariel F. Tornquist
Larissa Leal de Souza Martins
Gabriel Moresco Vieira
Henrique Goulart da Silveira
Mateus Mota Gonçalves
Ana Cristina B. Junckes
Thiago Romeu Antunes

Argentinos

Ana Laura Ferreyra
Irene Rivarola
Santiago Aguirre Rivas
Maria Laura Bellitti Francia
Rodrigo Zavala
Luca Rapagnani
Irene Bonansea
Julieta Lucia Arena Rosales
Camila Conti Girela
Camila de Resa
Mariam Jeppesen

2013

Brasileiros

Maria Eduarda de M. Sirydakís
Mateus R. de Alencar
Graziela Cardoso Nogueira
Natália Dias Goulart
João Vitor S. Coelho
Rai Fantin Dietrich
Ana Paula M. Couto
Maíra Moreira Mayer
Maria Eduarda V. Barcelos
Julia Juchem
Thiago Machado Raskopf

Argentinos

Ana Laura Chaer
Camila Pérez
Brenda Yasmin Pilo Lacuadra
Federica Lozada Chaves
Federico Romano
Natacha Belén Godoy
Robins Nicolás
Sabina Linares
Sofia Puma Zanelli
Tamara Nizetich
Tomas Ferreira

2014

Brasileiros

Valentina Paiva
Mariana D'el Rei
Beatriz Alvares
Stéphanie Bilhan
Vitória Martins
Nicollas de Souza
Julia Pozzetti
Bruna Hoepers
Beatriz Pereira
Juan Thiago Rivas
Maylin Gama

Argentinos

Fermin Marconi
Ana Emília Brambilla
Paloma Arnolds
Ignacio Jewsbury
Laura Aguero
Valentina Zamora Mehl
Paloma Hernández
Rocio San Roman

Malena Torres
Eva Schiaffino
Sofia Fleiderman

2015

Brasileiros

Ricardo Krüger
Mariana Silva
Tais Ceccato do Amaral
Clara Nogueira Pacheco
Sofia D'Ávila Heidenreich Lacerda
Gabriel Margutti Fridriszewski
Cristiany Rosa
João Guilherme da Silva Santos

Argentinos

Melina Amarilla
Lucas Asef
Julieta Rigatuso
Gastón Frutos
Tomás Poeta
Luciana Goldraij
Lourdes Revol
Candela Sarmiento
María Florencia Aranda
Florencia Duartez
Julieta Cuevas

2016

Brasileros

Isadora Peruyera Sanchez
Joana Milan Lorandi
Heloísa Peres Luz
Tadeu Velloso Cabral
Arthur Andrade
Maria Clara Prates

Bianca Reis Martins
Maria Luísa dos Santos Rosa
Ana Carolina Costa Agostinho
Maria Antonia Matheus López

Argentinos

María Sol Aranda
María Milagros Bellotti
Regina Pedraza
Agustina Blas Flores
Florencia Quinteros
Micaela García
Luana Correa Garcia
Agostina Lourdes Caparelli
Lucía Valdemarca Nazareno
Catalina Santamaria
Guadalupe Guzmán

2017

Brasileiros

Ana Paula Cabral
Bruno Fazzioni
Camila Santana
Carla Marina
Carolina Belloc
Cassiano Hasselmann
Eduardo Oliveira
Giovani Meira
Hans Buss Heidemann
Larissa Martins
Lucas Pazin
Luiza Hoffmann
Maria Luisa Fernandes
Nicolle Águiar
Nicolli Heidemann
Roberta Gainete

Heloísa Peres Luz
Maria Antônia Lopes

Argentinos

Constanza Rocio Vera D'Andrea
Esteban Abad
Sofia Issidoro
Sara Mariel Lezten
Cinthya Gonzalez
Yaco Peralta
Norberto J. Rebuffo
Juan Manuel Gaitan
Genaro Carta
Violeta Schiaffino
Matias Ariel Murat
Chiara Ballaben
Camila Ripoll
Josefina Lilien Mercado
Maria de los Milagros Martin
Maria Florencia Jimenez
Jazmin Abad
Victoria A. Maldonado

2018

Brasileiros

Ananda Batista Moreira
Camila Fernanda Zimmer Alves
Iana Beatriz dos Reis Rogério
Julia Toledo M. Braga Henriques
Maria Luiza Pierri
Marianna I. Figueiredo Grants
Marina Martins Pesce
Renata dos Santos Ramos

Argentinos

Milena Dassie Wilke

Santiago Infante López
Eugenia Lucía Raisz
Tomas Misael Trejo Rodriguez
Ignacio Nicolas Lozada
Julieta Cerezo Vasquez
Ignacio Giménez
Elías Ramón Sfeir Velázquez
Rocío Issidoro
María Agustina Duartez

sobre tudo

DE-CONSTRUYENDO FRONTERAS Y ESTEREOTIPOS: UNA PROPUESTA DE ENCUENTRO LATINOAMERICANO (1992-2010)

1. Los inicios

A fines de la década del 80, argentinos y brasileros nos re-descubríamos. Parecía que no éramos solamente turistas en las playas maravillosas o en los lagos patagónicos. ¿Podríamos construir una mirada que saliera de ser sólo los eternos rivales en las canchas de fútbol?.

En medio de un contexto latinoamericano en que volvíamos a reencontrarnos con la democracia, muchos de nosotros nos atrevíamos a soñar con una patria grande, latinoamericana, en la cual se borrarán las fronteras impuestas arbitrariamente desde los espacios de dominación.

Precisamente allí, una pareja de esas personas que le hacen a uno pensar que transformar este mundo es posible, que las utopías son horizontes a perseguir, no construcciones inimaginables, el Arquitecto Víctor Nicola y su esposa la Dra. Marta Bravo, en ese momento padres de alumnas de la Escuela Manuel Belgrano, junto a entrañables amigos de ellos relacionados con el Colégio de Aplicacao, la familia de la Prof.

Querubina Ribas Pereira, comenzaron a soñar con un intercambio entre las dos escuelas que podría enriquecerlas, por similitudes que encontraban entre ambas. Pensaban contribuir desde ese lugar de encuentros y experiencias de docentes y alumnos al fortalecimiento de lazos de fraternidad latinoamericana entre las dos naciones, lazos que seguramente serían más duraderos que los que crea el turismo o el comercio, en momentos en que el MERCOSUR era todavía una utopía.

Después de muchas gestiones ante las autoridades universitarias, Víctor y Marta consiguieron contagiarnos a algunos de nosotros parte de su sueño y un grupo de profesoras del Belgrano⁴ viajamos a su casa en Florianópolis para participar de un *Encuentro de Profesores de Historia y Geografía en setiembre de 1991*. Y desde allí comenzó todo.

2. Las formalidades

A comienzos del año 1992 la Secretaría de Relaciones Internacionales de la Universidad Nacional de Córdoba, junto con su homóloga de la Universidade Federal de Santa Catarina elaboraron los borradores del Convenio y en abril del mismo año, se reunió en Córdoba una comisión de trabajo, integrada por profesores de ambas instituciones para redactar un acta que sería agregada al acuerdo, definitivamente firmado por ambos rectores en octubre de 1992. El documento fue refrendado por el H. Consejo Superior de la Universidad Nacional de Córdoba en marzo de 1993, el que establecía las normas que regirían el

⁴ Beatriz Ensabella, Estela Valdés (Geografía), Adriana Chavich (Letras), Carmen Orrico y Susana Ferreyra (Historia)

intercambio en general, por tres años, al término de los cuales podría prorrogarse de común acuerdo.

En el acta se detallaban las condiciones y requisitos indispensables para que los integrantes de cada uno de los estamentos involucrados pudieran participar del intercambio. También se crea en cada Escuela/Colégio una Comisión a tal efecto, las que estarían coordinadas por Susana Ferreyra en Córdoba y César de Medeiros Regis en Florianópolis.

El Acuerdo Marco entre las Universidades lleva la firma de las máximas autoridades universitarias. Durante estos años (1992-2010), aquella primera firma del Dr. Francisco Delich, refrendada por el H. Consejo Superior, fue seguida por el Dr. Staricco, el Dr. Juri, el Ing. González, la Dra. Carolina Scotto....Lo mismo ocurrió en la Universidade Federal de Santa Catarina.

Ese octubre del 92 se cumplían 500 Años del Descubrimiento de América y la utopía no parecía tan lejana...- Y fue una realidad el *Primer Encuentro Latino-americano de Jóvenes Córdoba – Florianópolis*. Sesenta chicos y chicas y varios profesores comenzábamos a compartir esa esperanza.-

A partir de allí se realizaron evaluaciones parciales anualmente y, al finalizar cada período del acuerdo, se realizó entre 1995 y 2010, una reunión especial de evaluación con las dos comisiones, en ocasiones en Córdoba y en otras en Florianópolis. Cada vez que caducaba la vigencia del Acuerdo- trianual- , las autoridades de las dos instituciones, por medio de sus profesores designados al efecto proyectamos nuevas pautas de trabajo y solicitamos de los Rectores de la Universidade Federal de Santa Catarina y de la Universidad Nacional de Córdoba su renovación. Esto ocurrió en 1995, 1998, 2001, 2004 y así sucesivamente hasta hoy.

3. Las personas en Córdoba

3.1 Comisiones

Desde los inicios, en la Escuela Manuel Belgrano se había conformado un grupo de trabajo compuesto por el Regente de Ciclo Final, Prof. José María Alday, la Prof. Susana Ferreyra, el Preceptor Leandro Cisneros, los esposos Víctor y Marta Nicola y, alternativamente, otros profesores, preceptores, familiares y amigos, que colaboraron activamente en las gestiones a efectos de obtener la firma del Acuerdo y, más tarde, en la organización y realización del *Primer Encuentro Latino-americano de Jóvenes Córdoba - Florianópolis Octubre de 1992*.

En el mes de abril de 1993, la entonces Directora de la Escuela, Prof. Delia Beltrán de Ferreyra, designó a las Profesoras Susana Ferreyra (Coordinadora de la asignatura Formación Histórica) como Coordinadora del que se llama en Córdoba *Proyecto Brasil*, y a Adriana Chavich (Coordinadora de la asignatura Formación Lingüística Castellana) como Vicecoordinadora del mismo, ambas *ad-honorem*.

En ese año quedó conformada una Comisión que integraron los/las profesores/as Alday, Margarita Genero de Labonia, Magdalena Juez, Raquel Carranza y el preceptor Leandro Cisneros, además de la Coordinadora, con la colaboración para selección de alumnos de las profesoras Julia Guzmán y Ana María García Montaña y la Sra. Directora. Al año siguiente se incorporaron Ana María García Montaña y Dante Bertone, apartándose Alday y Carranza. Durante el año 1995 se apartó Magdalena Juez.

Conseguimos que otros más se interesaran en compartir ese entusiasmo que, por suerte, lográbamos contagiar y, sin

presupuesto, pero con muchas ganas, con la calidez de anfitriona de Silvia, que cobijó en su casa a casi todos los profesores brasileros durante varios años, seguimos hasta 2010. Con Magdalena, Leandro, Andrea, Diana, Sergio, Dante, Nancy, Santiago y, por supuesto, con César, Sandra, Ana María, Danuza, Rodolfo, Romeo y otros más del otro lado, con el mismo empuje y las mismas ganas.

En el año 1996, la Comisión se compuso con los profesores Susana Ferreyra, Ana María García Montaño, Dante Bertone y Leandro Cisneros. En 1997 se incorpora la Preceptora Andrea Lacombe y en 2000 el Preceptor Sergio Nievas. En el año 2000 se aparta Lacombe, en 2001 Cisneros y en 2005 Nievas. En el año 2001 se integra Nancy Aquino y en 2003 Santiago Llorens. Años después se integraron Ana Della Schiava y Lilia Moroni, representantes de los Departamentos de Psicopedagogía y de Trabajo Social y Silvia Ferreyra, del área Administrativa, que desde el inicio colaboraban con nosotros, aún sin ser parte de la comisión.

En marzo del año 2011, con una nueva dirección en la Escuela, surgieron diferencias sobre la gestión del Intercambio, lo que provocó la renuncia de todos los miembros de esta comisión para dar lugar a nuevos actores y objetivos. A pesar de la renuncia, todos nosotros consideramos importante que se continuara con esta experiencia por la que tanto habíamos trabajado en ambos países y así fue manifestado a las autoridades de Córdoba y de Florianópolis.

3.2 Familias

La participación de las familias de nuestros alumnos fue intensa desde el primer momento. Contamos con la colaboración de los padres, ya sea como anfitriones de los alumnos brasileros, o apoyando en la organización de eventos académicos y sociales (viajes, visitas, reuniones y otros). Su participación en reuniones de evaluación e información resultó muy provechosa para el Proyecto, permitiéndonos modificar y adaptar pautas vinculadas a requerimientos de los chicos, que desde su lugar de padres, tenían más próximos.

La relación establecida entre padres e “hijos” es uno de los mayores logros del intercambio, ya que se generaron intensos lazos de afecto que involucran a ambas familias, las de padres anfitriones y padres naturales, que continúan comunicándose y visitándose.

A lo largo de estos años se ha dado que, en general, las familias que aspiraban a que sus hijos viajaran se ofrecieran y alojaran a los alumnos visitantes pero, además, hemos contado con varias familias que recibieron en sus hogares a los chicos sin ninguna otra pretensión que participar de esta manera en el intercambio, lo que valoramos especialmente. Allí están los Vreys, los Alcalde, los Virga, Los Moltoni y tantos otros.

En palabras de Marily Vreys, una de esas madres que pusieron todo de sí y más:

Participar de la experiencia de Intercambio fue para nuestra familia algo que impactó más allá de lo que nosotros mismos pudimos pensar. En un primer momento creímos que albergar a jóvenes de Brasil sería compartir unos días con un turista que está de

paso y que ofreciéndoles lo único que teníamos y tenemos a nuestro alcance, nuestro cariño, podrían pasar unos hermosos días en Córdoba. Con el paso del tiempo y a partir de los lazos que se fueron creando con cada joven que llegó a nuestra familia fuimos tomando conciencia que “intercambio” es más que una experiencia compartida. (M.V: Discurso a los quince años de Intercambio).

3.3 Los más importantes, alumnas/os

Desde el año lectivo de 1993, primero de vigencia real del Acuerdo, el intercambio de alumnos se realizó de manera simultánea, durante el bimestre Agosto - Septiembre. Y, excepto un año – 1995- en el cual se recibió a los alumnos brasileros en mayo-junio, continuó así.

A partir de allí, esta instancia del intercambio se ha desarrollado sin interrupción entre alumnos de cuarto a octavo año de nuestra Escuela y octava série del primer grau a segunda série del segundo grau del Colegio de Aplicação. Desde el año 2000, por el cambio de Plan de Estudios del Belgrano, no participaron más los alumnos de 4to. Año, y, excepcionalmente los hacen en 8vo. ya que deben cumplir con asignaturas cuatrimestrales.

En el período analizado hemos intercambiado más de quinientos alumnos/as cordobeses y brasileros, incluyendo un importante Encuentro Deportivo en 1999. (ver anexo).

¿Cuántas amistades y hermandades hemos contribuido a construir entre tantos adolescentes con una nueva experiencia inolvidable?

4. Experiencias académicas

Más allá de la experiencia de los jóvenes, los equipos docentes de ambas instituciones podemos mostrar muchos logros académicos, como trabajos de investigación comparada, publicaciones, presentaciones a jornadas y congresos, la inclusión del español y la asignatura Estudios Latinoamericanos en la currícula del Colégio de Aplicaçao.

En agosto 1996 los profesores Romeu Bezerra y Sandra Mendonça del Colegio de Aplicaçao dictaron en Córdoba un curso sobre *Teorías críticas en geografía* para docentes de la Escuela e invitados; en octubre de 1997 la Prof. Diana Basile de la Escuela Manuel Belgrano concretó una propuesta elaborada por el equipo docente de geografía a fin de observar métodos y estrategias didácticas de aplicación de las teorías críticas en clases de geografía en el nivel medio del Colegio de Aplicaçao.

En septiembre de 1997 entre profesores de historia de ambas instituciones se intercambiaron borradores de un anteproyecto de investigación comparada sobre la *Enseñanza de la historia de América Latina en las escuelas de nivel medio universitario*, en 1998 año ese proyecto fue redactado y presentado a autoridades universitarias y organismos de financiamiento. El Proyecto de Investigación brindó importantes aportes académicos a las dos instituciones y concretó dos publicaciones con referato a nivel internacional, dos artículos en Revistas especializadas y el libro *História de América. Ensino, poder e identidade* editado por Letras Contemporâneas (Florianópolis) en 2004.

En noviembre 1998 el preceptor Leandro Cisneros (en ese momento estudiante del Profesorado y de la Licenciatura en Filosofía, UNC), a partir de la experiencia de un taller extracurricular sobre *Argumentación en filosofía* llevada a cabo

con estudiantes de la Escuela Manuel Belgrano realizó una experiencia similar con estudiantes del Colegio de Aplicação; en noviembre de 1998 el Prof. João Nilson Pereira de Alencar del área de literatura envió un proyecto de investigación comparada sobre *Representaciones de lo nacional en la literatura* para su evaluación por nuestro equipo de docentes.

Que la lengua es el mejor vehículo de encuentro entre los pueblos es uno de los presupuestos básicos de cualquier intercambio cultural. En nuestro caso, era también un importante obstáculo para sortear, ya que no existía en la currícula de nuestra Escuela el portugués como asignatura⁵. En Brasil la enseñanza de español tenía características de extracurricular. A los efectos de comenzar a resolver ese problema, para el primer año de intercambio se efectivizaron dos propuestas, una en cada escuela a cargo de las profesoras Ana María Sabino del Colegio de Aplicação y Raquel Carranza, de la Escuela Manuel Belgrano.

El trabajo de la Profesora Carranza marcó un avance académico importante para la enseñanza de español para extranjeros. La producción de material didáctico mereció elogios de expertos y fue propuesto para publicación en la U.F.S.C. (Departamento de Lenguas). En Florianópolis, luego de su visita, surgió una interesante inquietud por el idioma español que finalmente fue incluido en la currícula del Colegio desde el año 1995.

El Proyecto ha sido presentado por los colegas brasileros en diversos Congresos en Brasil atendiendo a las temáticas de

⁵ Esto está siendo modificado en 2018, cuando en el nuevo Plan de Estudios se incluye Portugués como materia electiva para los alumnos.

Historia de la Educación Latinoamericana, Enseñanza de la Lengua y Educación en el MERCOSUR.

Por parte nuestra, llevamos nuestro trabajo al *I Congreso Universos da Lingua Portuguesa* Mendoza abril de 1994. En septiembre de 1997 fue presentado en las *V Jornadas de enseñanza media universitaria y IX Encuentro de rectores y directores de escuelas medias universitarias*, Huerta Grande, Córdoba. En mayo de 1998 en el *I Encuentro nacional de profesores de portugués de la República Argentina*.

En 1999 la comisión fue contactada por los gestores del MERCOSUR Educativo, proyecto dependiente del Ministerio de Educación y Cultura de la Nación, adonde concurrimos para dictar un seminario breve sobre las posibilidades de integración curricular en ambos países en escuelas de enseñanza media.

Desde allí en adelante, nuestro trabajo fue presentado ya sea por los colegas brasileros o por la Comisión de Córdoba en Jornadas, Congresos y, en una oportunidad, en reuniones de la Asociación de Universidades del Grupo Montevideo. Por otra parte, conocemos que varias investigaciones y proyectos de maestría y doctorados realizados en Brasil han tomado el Proyecto de Intercambio como su objeto de estudio.

5. A modo de conclusión

Para el grupo de coordinación del Proyecto *Brasil* que tuvo a su cargo la tarea desde 1992 hasta 2010, ésta ha sido marcada por las responsabilidades y los intensos lazos afectivos generados por el intercambio.

Compartimos con los colegas la idea de que el contacto con otra institución, por este medio ideal de la presencia de “*una en la otra*” es extremadamente valioso.

En su momento, con el intercambio, la Escuela Superior de Comercio “Manuel Belgrano” y el Colegio de Aplicação se colocaron en la vanguardia de este “nuevo orden” educativo del MERCOSUR que implicaba, en cierto modo, borrar las barreras culturales entre pueblos hermanos, sin perder las identidades, reconociendo las diferencias, pero haciendo hincapié en las relaciones y semejanzas. No tenemos certezas de haber logrado romper con aquellos viejos y consolidados estereotipos contra los que luchábamos a principios de los 90.

Pero sí tenemos en claro que ha valido la pena persistir en la propuesta, sin desoír aquello que se propusieron los fundadores cordobeses, viejos luchadores por la identidad latinoamericana, Víctor y Marta, que aún nos preguntan sobre *su proyecto*. Hoy el Intercambio continúa, a cargo de otros actores institucionales, con otros formatos organizativos. Quisiéramos pensar que, aún con estas diferencias, aquellos sueños de hermanamiento latinoamericano no han sido abandonados, pese a los nuevos tiempos históricos y políticos en que nos desenvolvemos.

Coordenação do Projeto Brasil
Professora Susana Ferreira⁶

⁶ Profesora de Prácticas de la Enseñanza de la Historia en la Facultad de Filosofía y Humanidades de la Universidad Nacional de Córdoba. Profesora de la Escuela Superior de Comercio Manuel Belgrano (UNC) desde 1986 a setiembre de 2018. Coordinadora del Intercambio y/o miembro de la Comisión, co- autora (en equipo) del Convenio entre la UFSC y la UNC desde 1992 hasta marzo de 2011.

sobre tudo

PELA INTEGRAÇÃO DA AMÉRICA LATINA: ENTREVISTA COM O PROFESSOR CÉSAR REGIS⁷

Entrevistadora: Fernanda Müller⁸

ENTREVISTADORA: Estamos reunidos num lugar muito especial, a sala do Projeto Córdoba, nesse 25 de outubro de 2018, para conversar sobre os 25 anos de história do Acordo de Cooperação Internacional entre o Colégio de Aplicação da UFSC e a Escola Superior de Comércio Manuel Belgrano da UNC. Como tudo começou?

PROFESSOR CESAR: Era uma época em que discutíamos a criação do Mercosul, na oportunidade também começavam a discutir as festividades dos 500 anos do “descobrimento” da América. Além

⁷ Educador Físico, professor de Educação Física e diretor do Colégio de Aplicação da UFSC. Membro fundador e Coordenador do Projeto Córdoba entre 1992 e 2000. Contato: cmregispsol@gmail.com

A entrevista foi gravada e transcrita na íntegra pelo bolsista e colaborador (PIBE 2018) Gustavo Seemann Koerich.

⁸ Doutora em Literatura pela UFSC e Professora de Língua Portuguesa do Colégio de Aplicação da UFSC. Coordenadora do Projeto Córdoba. Contato: f.muller@ufsc.br

disso, havia toda uma discussão política acerca da globalização, que segmentos da sociedade contestavam, ponto de vista que eu comungava. Também se intensificavam as inter-relações que o turismo trazia, porque Florianópolis começava a ser descoberta pelos turistas da América Latina, principalmente pelos argentinos. Este movimento possibilitou que duas famílias se aproximassem nas horas de lazer – a professora Querubina Ribas Ferreira, de Português, aqui do Colégio de Aplicação da UFSC, e o arquiteto Vitor Hugo de Nicola e sua esposa, Martha Bravo de Nicola, da cidade de Córdoba, na Argentina, que tinham seus filhos frequentando a Escola Superior Manuel Belgrano naquela cidade. Então a professora Querubina conversou com a professora Clarmi R. Figueiredo, que era Coordenadora do Ensino Básico na época, e propôs um intercâmbio entre as duas instituições. Foram convidados mais alguns professores aqui no colégio. Construímos um coletivo interdisciplinar para construir um anteprojeto. Este coletivo tinha gente da área de Português, Filosofia, História, Geografia, Educação Física, das quais faziam parte os professores: Querubina Ribas Ferreira, Claudete Amália Segalin de Andrade, Ana Maria Sabino, Maria de Fatima Sabino Dias, Cleusa Ramos, Jandira de Faria, Deraldo Ferreira Oppa, Joao Tachini e eu. Em linhas gerais foi isso que foi construído nos anos de 1991 e 1992.

ENTREVISTADORA: Qual era o Objetivo Inicial ?

PROFESSOR CESAR: A ideia era discutir a integração dos países da América Latina, começando por Brasil e Argentina, e o fato de termos algumas divergências regionais, uma certa rivalidade na época. Achávamos que os processos educacionais e culturais conseguiam estabelecer um diálogo mais profícuo entre as duas

nações, em relação as questões econômicas. A música brasileira é muito admirada na Argentina, nos esportes há um misto de admiração e de competitividade entre as duas nações. Nosso objetivo passava por diminuir essa rivalidade, sistematicamente alimentada pela mídia esportiva, para aumentar os índices do IBOPE em suas transmissões. Pretendíamos conhecer a Argentina, ver nossas semelhanças e diferenças, ver aquilo que poderíamos acrescentar um ao outro, e dessa maneira crescermos conjuntamente. Criava-se a possibilidade de trocar experiências entre professores, alunos, servidores técnico-administrativos e também na área da organização e da documentação escolar, as quatro áreas que ficaram definidas.

ENTREVISTADORA: Quando foi a primeira vez para Córdoba, o que esperava? Já conhecia essa cidade antes do intercambio?

PROFESSOR CESAR: Não conhecia, não. Alguns membros da Coordenação talvez tivessem realizado essa experiência, mas eu não saberia responder nesse momento quais deles. Vou colocar uma questão pessoal aqui: eu, particularmente, não gosto de viajar, mas sempre viajei. Conheci o Brasil inteiro, e em particular Córdoba, pelas atividades acadêmicas, sindicais e políticas. Isso me fez conhecer um pouco do Brasil e da América Latina, como consequência, principalmente a Argentina. Eu já tinha muita simpatia pela Argentina, para mim, se eu tivesse que escolher uma segunda pátria seria essa, pois eu já tinha uma grande admiração pelos aspectos que eu conhecia desse país. Então nós elaboramos os projetos e submetemos para aprovação nas instituições, sendo consentido que fizéssemos uma viagem para formalizar a proposta.

ENTREVISTADORA: O trabalho ocorreu de modo paralelo o tempo todo?

PROFESSOR CESAR: Sim, o tempo todo, As duas coordenações, assim que se estabeleceu essa relação de amizade entre as famílias, trataram de estabelecer uma relação institucional também. A partir daí se criou uma Comissão Coordenadora do Projeto Brasil em Córdoba, sob a Coordenação da professora Susana Ferreyra, e uma Comissão Coordenadora do Projeto Córdoba aqui, sob a Coordenação da professora Querubina. E começamos a trocar correspondências. Era uma dificuldade tremenda, porque na época era tudo pelos Correios, por telegrama ou fax. A comunicação era muito complexa e demorada. A coordenação de lá preparou uma visita para fazer uma reunião preliminar, e sete docentes do CA-UFSC viajaram naquela oportunidade para conhecer a Escola Superior de Comércio Manuel Belgrano. Ao chegarmos foi só admiração: as diferenças que a gente percebia na dimensão da cidade, na arquitetura, na paisagem. A própria instituição tinha o dobro do tamanho da nossa, tanto nas dimensões físicas da escola quanto no número de estudantes: o dobro de nossa escola. No mais, eram escolas com características próximas, a Escola daqui pertencendo à Universidade Federal de Santa Catarina e a de lá à Universidade Nacional de Córdoba. Fizemos uma visita às dependências da escola, reuniões com a direção, na época a Diretora era Délia Beltran de Ferreira, e assinamos um protocolo, registrando em ata o que faltava para realmente finalizar a escrita do projeto. Na oportunidade era Diretora do CA a professora Terezinha de Fatima Pinheiro.

ENTREVISTADORA: Como o Projeto Córdoba impactou na sua vida?

PROFESSOR CESAR: Ah, conhecer outra cultura é sempre muito interessante. E Córdoba é uma cidade muito bonita, bastante antiga, a primeira universidade da América Latina foi fundada lá. Temos muitos aspectos semelhantes e nossa língua é muito próxima, só uma ou outra expressão gera dificuldade. Curti imensamente o fato de estar em Córdoba.

ENTREVISTADORA: Como foi a relação do Projeto Córdoba com os professores argentinos e brasileiros?

PROFESSOR CESAR: Entramos em um aspecto político, uma parcela significativa de pessoas que participaram da elaboração do projeto tinha um viés ideológico de esquerda. Isso criou alguma, não vou dizer dificuldade, mas alguns encaminhamentos foram mais demorados. Contudo, como o projeto tem uma dimensão educacional e cultural e os dois países tinham interesse nessa relação, não seriam as nossas instituições a impedir um acordo de cooperação internacional naquele contexto. Com o passar do tempo, todas as pessoas que tiveram uma relação com as atividades foram abraçando a ideia, extremamente simpáticos, acreditando no projeto. Então a gente observou bastante otimismo, sinceridade desde a recepção, o que facilitou o desenvolvimento e crescimento do projeto. Entre os professores brasileiros, a gente encontrava algumas resistências ideológicas. Mas as pessoas respeitavam, elas faziam críticas de acordo com o desenvolvimento das atividades acadêmicas, participando e contribuindo para a construção, já que o projeto perpassava por todas as disciplinas do ensino médio. Sobre a participação dos professores argentinos tínhamos limitações para avaliar sua participação, mas nunca tivemos incidentes que pudessem

colocar em dúvida a aceitação das atividades do projeto. Assim, a contribuição de diversos professores, independentemente de qualquer viés político ou ideológico, foi importante para o estabelecimento do Acordo de Cooperação.

ENTREVISTADORA: Como foi sua experiência como Coordenador do Projeto?

PROFESSOR CESAR: No começo, como idealizadora do intercâmbio, a professora Querubina era a Coordenadora. Um intercâmbio entre duas escolas, universidades e países tinha muitos entraves burocráticos no seu encaminhamento e eu gosto da área administrativa – tanto que cheguei a ser Diretor do Colégio de Aplicação, obviamente considerando os aspectos educacionais e culturais – comecei a fazer a parte burocrática, além das discussões acadêmicas e culturais. Reconhecendo o meu empenho, no sentido de colaborar para a construção do intercâmbio, em algum momento fui designado coordenador pelo coletivo. Foi ótimo, uma experiência maravilhosa! Até hoje tenho o reconhecimento da instituição, da universidade, como um professor que ajudou a construir esse projeto. E gostaria também de destacar o período bastante grande e significativo em que a professora Danuza Meneghello coordenou o intercâmbio.

ENTREVISTADORA: Observando tantos estudantes que partilham dessa experiência, o que você acredita que o intercâmbio acrescenta na vida dos jovens?

PROFESSOR CESAR: obviamente eu sou suspeito para falar, mas, sem dúvida o projeto é grandioso e todos os alunos que participaram tiveram um acréscimo significativo de conteúdos

aos quais nunca teriam acesso. Porque eles têm uma experiência extremamente diferenciada, que coloca em evidência distintos padrões familiares, institucionais, educacionais e culturais. Percebem outro modo de vida. Não tivemos um único aluno, por mais que tivesse pouco envolvimento com o projeto, que não tenha sentido um crescimento na sua experiência de vida. Do ponto de vista social, tivemos alunos com limitações financeiras que talvez nunca mais tenham oportunidade de vivenciar a experiência de conhecer outro país.

ENTREVISTADORA: Já tiveram problemas com o intercambio ou com algum intercambista em especial?

PROFESSOR CESAR: Do ponto de vista disciplinar eu não me lembro. Dentro dos entraves burocráticos, daí sim! Por exemplo, um aluno esquecer alguns dos documentos pessoais e os professores ficarem retidos na alfândega. Aqueles com documentação correta seguiam, enquanto se providenciava que a documentação completa chegasse. Já houve também alguns adolescentes que não se adaptaram à família acolhedora, muito mais pelo desconforto dos próprios intercambistas do que propriamente pela recepção das famílias. Porque, lógico, se eles vieram para um país, uma cultura, um modo diferente de viver, era evidente que teríamos que lidar com desconfortos e conflitos, mesmo com todo o trabalho de preparação para tal momento. Esses problemas envolveram muito poucos alunos, só não posso deixar de registrar aqui.

ENTREVISTADORA: Como o projeto impactou no colégio? Que desdobramentos ele trouxe, o que acrescentou para a escola, para o Colégio de Aplicação da UFSC?

PROFESSOR CESAR: Veja só, depoimentos de alunos e professores ao longo dos anos têm apontando diferenças no modo acadêmico de construir o processo educacional. Essas diferenças certamente acrescentaram tanto aos professores quanto aos alunos. Também tínhamos sempre, na recepção e na despedida dos intercambistas, um momento coletivo com a escola inteira, em que as crianças dos anos iniciais também participavam. Tivemos alunos que relataram que seu interesse em participar vinha desde o momento que cursavam as séries iniciais, sonhando em integrar o projeto no futuro, quando tivessem idade suficiente. Também tivemos professores dos anos iniciais que produziram trabalhos acadêmicos envolvendo as crianças e os intercambistas visitantes do ensino médio. Então teve uma intervenção bastante interessante dentro da escola. Mas o principal feito é desmistificar essa rivalidade que supostamente existe entre Brasil e Argentina. Os alunos percebem que nós temos muito mais coisas em comum do que propriamente divergências, fato que poderia facilitar o crescimento conjunto das duas nações. O intercâmbio impactou nas famílias, nas salas de aulas, nos alunos, na própria universidade. Os argentinos participavam, por exemplo, das Olimpíadas do CA. Além disso, ao compararmos o rendimento escolar - aí é uma visão minha! - acho que a população argentina tem um compromisso maior com a literatura, com o processo educacional, isso fazia com que a gente percebesse que eles tinham um bom desempenho acadêmico. A interrelação com os alunos fez com que os estudantes brasileiros percebessem que poderiam igualmente melhorar seu rendimento, então acho que houve uma contribuição significativa.

ENTREVISTADORA: Quais momentos mais marcantes você destacaria na trajetória do projeto, de 1992 pra cá?

PROFESSOR CESAR: O intercâmbio de alunos teve maior sucesso pela facilidade com que se constrói essa história. Os estudantes tinham segurança em participar do projeto, visto que existe uma coordenação que faz todo o processo preliminar da viagem, e sabiam que teria uma coordenação que os recepcionaria em Córdoba, isso facilita muito o intercâmbio. Mas o momento mais marcante, na minha opinião, foi o intercâmbio de professores. Nós tivemos a professora Ana Maria Sabino, que foi lecionar Português lá em Córdoba, participando da organização dos alunos que viriam para o Brasil, e, paralelamente, a professora Raquel Caranza, que realizou em Florianópolis a experiência de oferecer aulas de Espanhol, ensinando essa disciplina aos nossos alunos que iriam para lá. O professor Romeu Augusto Albuquerque Bezerra, da área de geografia, fez uma experiência lá, e a professora Diana veio retribuir a visita discutindo currículo e literatura nessa mesma área. Tivemos a experiência de uma atividade esportiva, em que o professor Antônio Farias Filho levou uma equipe de handebol. Por ocasião das comemorações dos 500 anos do “descobrimento” da América, tivemos uma experiência educacional e cultural, na oportunidade organizamos uma viagem com aproximadamente 40 alunos, acompanhadas de um grupo de professores e servidores técnicos administrativos. Ficamos uma semana em Córdoba, discutindo temas sobre América Latina, integração, desenvolvimento regional, aspectos educacionais e culturais. Após o retorno, recebemos uma delegação de cordobeses da mesma proporção, para realizarmos um evento no Brasil retomando a discussão daqueles temas. Uma

contribuição importante do Acordo de Cooperação foi a implantação da disciplina de Espanhol no CA. Estranhamente, apesar de fazermos fronteira somente com países da língua espanhola, não tínhamos esta disciplina. Mas contávamos com as disciplinas de Alemão, Francês e Inglês. No início, como não tínhamos a disciplina de Espanhol, tivemos uma contribuição bastante importante do professor Diego Arenanza, que de forma voluntária, oferecia aulas preparatórias para nossos estudantes que participariam do intercâmbio.

ENTREVISTADORA: Na sua opinião, o que aproxima brasileiros e argentinos?

PROFESSOR CESAR: A perspectiva de construção de uma cidadania latinoamericana. A clareza que, se a Argentina crescer e se desenvolver, o Brasil também cresce e se desenvolve conjuntamente, e vice-versa. Essa é a mesma perspectiva que temos em relação aos demais países da América Latina. Acredito que, durante os governos de esquerda, houve em nosso continente um salto extremamente qualitativo nessa integração, o aprofundamento e a ampliação do Mercosul, a criação de uma emissora de televisão da América do Sul. Integração de processos educacionais e culturais através de congressos entre as universidades e entre escolas de ensino médio. Nesse sentido, é de se esperar que juntos conseguiremos fazer nossa América muito melhor nos aspectos políticos, econômicos e sociais.

ENTREVISTADORA: Tendo em vista a conjuntura atual, o que podemos esperar do futuro? Um recado final?

PROFESSOR CESAR: (Risos) Veja, é importante que esse projeto continue do ponto de vista discente, docentes, das escolas e das instituições. Toda iniciativa de integração dos países da América Latina é importante. Outras experiências de projetos de integração já aconteceram entre universidades, escolas e até entre cidades. Mas, dentro do viés macro político, vemos com muita preocupação o crescimento de governos de direita por aqui e por toda a região, desconstruindo todo um processo que houve na América nos últimos anos, sobretudo em relação aos direitos humanos e aos indicadores sociais. Vejo com muita preocupação esse cenário, porque sinto que existe um processo internacional dando sustentação a este movimento. Há uma contraposição a uma nova ordem mundial idealizada com a criação do BRICs e de um olhar da América para os países da África. A alternativa conservadora neoliberal percebeu esse movimento e tenta desconstruir essa nova história mundial. Mas é um caminho sem volta, podemos ter ciclos de direita, mas os projetos de esquerda foram bem sucedidos no Brasil, na Argentina, na Venezuela, no Paraguai, na Bolívia, etc. Então, mais cedo ou mais tarde, a população vai comparar o que foram os governos de esquerda e vão perceber que tiveram muito mais avanços do que problemas. Encerro essa entrevista com um agradecimento especial a todas as pessoas que, de uma forma ou de outra, contribuíram para que o Projeto Córdoba fosse viabilizado. Inclusive a você, Fernanda, que nesse momento organiza esse compêndio, resgatando anos de vivências e experiências multinacionais.

sobre tudo

CÓRDOBA E O ESPAÇO GEOGRÁFICO: ENTREVISTA COM A PROFESSORA SANDRA MENDONÇA⁹

Entrevistadores: Fernanda Müller¹⁰
Tomás Figueiredo Fontan¹¹

ENTREVISTADORA (FERNANDA): Obrigada por nos receber em sua casa nesse chuvoso 26 de outubro, Professora Sandra! Suas lembranças são muito importantes para reconstituir a memória dessa relação que se criou entre Florianópolis e Córdoba, entre a UFSC e a UNC, devido à criação de um projeto.

⁹ Doutora em Geografia pela UFSC e professora de Geografia do Colégio de Aplicação da UFSC. Fundadora e Coordenadora do Projeto Córdoba de 1992 a 2015. Contato: samen1957@gmail.com

A entrevista foi gravada e transcrita na íntegra pelo bolsista e colaborador (PIBE 2018) Gustavo Seemann Koerich.

¹⁰ Doutora em Literatura pela UFSC e Professora de Língua Portuguesa do Colégio de Aplicação da UFSC. Integrante da Coordenação do Projeto Córdoba. Contato: f.muller@ufsc.br

¹¹ Licenciado em Geografia pela UFSC e Professor de Geografia do Colégio de Aplicação da UFSC. Coordenador do Projeto Córdoba. Contato: tomas.figueiredo@ufsc.br

ENTREVISTADOR (TOMÁS): A primeira questão que a gente pensou é como Córdoba chegou até você?

PROFESSORA SANDRA: Em 1990 eu fazia mestrado em São Paulo, então eu dava aulas aqui e viajava para lá toda semana, porque minha liberação para formação só saiu quando eu não precisava mais viajar. Nesse período havia um grupo pensando no projeto Córdoba. A ideia de um projeto de intercâmbio surgiu em 1989 e fundamentalmente em 1990. Aí, numa dessas idas e vindas, porque a vida estava bastante difícil, eu encontrei os cordobeses e via meus colegas indo se reunir para conversar sobre um possível intercâmbio. Nos intervalos entre as aulas me informavam em que pé estavam as reuniões, as discussões e tal. Nessa época estavam presentes, lembro de algumas pessoas, a Susana Ferreyra, mais especificamente, talvez a Silvia estivesse também, mas eu não estou lembrada. Havia mais colegas argentinos. Sempre fui simpática a ideia de intercâmbio, especialmente com América Latina, e foi assim que Córdoba chegou até mim. Eu participava do jeito como dava naquele momento, por causa do mestrado, pois também foi uma briga institucional minha poder fazer formação.

ENTREVISTADOR (TOMÁS): Nessas reuniões iniciais, o que se pensava, o que se queria naquele momento?

PROFESSORA SANDRA: Queria se conhecer, ver o que era possível fazer, não é? A ideia era permitir que as escolas se visitassem, se conhecessem e comesçassem a pensar a possibilidade de um intercâmbio. Porque nem se conheciam, então era uma ideia muito bacana. Não se faz um intercâmbio do nada, assim, “quero fazer intercâmbio!” e se começa a fazer. É um processo. O projeto

já nasce com uma base bastante sólida, porque o grupo de professores que veio visitar o Colégio de Aplicação veio conhecer a nossa estrutura, saber qual era a nossa filosofia, com que parceiros eles iriam trabalhar. Inicialmente era um grupo bem grande envolvido nessas discussões e nas visitas. Assim também os professores do Aplicação visitaram o Belgrano com o mesmo objetivo.

ENTREVISTADOR (TOMÁS): Eram uma espécie de “missão de reconhecimento”?

PROFESSORA SANDRA: Sim. Conhecer que escola era essa, suas atividades, o que pensavam, em que cidade estava inserida, que estrutura iria disponibilizar para fazer o intercâmbio dos estudantes e estabelecer uma base de segurança familiar. Já que era um intercâmbio nesses termos, as famílias participariam com alojamento e alimentação, disponibilizando condições de permanência aos intercambistas. E depois, também, discutimos em que termos o acordo de cooperação entre as universidades seria assinado. À frente dos professores, aqui em Florianópolis, estavam Querubina, Ana Sabino, e Fátima Sabino. Também tomaram parte César Regis, Jandira de Faria e Silvia Auras e outros colegas que não me recordo no momento.

ENTREVISTADORA (FERNANDA): Sandra, você participou de qual período do projeto Córdoba? Como foi sua experiência como Coordenadora do Projeto?

PROFESSORA SANDRA: Desde 1992 até não sei quando. Então a Professora Danuza assumiu como coordenadora, não me lembro de fato em que ano foi isso (talvez 2006), e eu me afastei para fazer outras coisas, como atuar no sindicato e depois o

doutorado. Fui para o sindicato em 2006, depois não voltei para a coordenação do Projeto Córdoba, mas sempre acompanhei e colaborei.

Como coordenadora do intercâmbio, tinha algumas críticas sobre o rumo que o projeto estava tomando. Por exemplo, dizíamos aos alunos algumas frases como: “– Isso aqui não é um agência de turismo, isso aqui não é um turismo barato que você vai usar pra ir pra lá passear e depois voltar.” Era um intercâmbio acadêmico e cultural, mas estava sendo mais cultural que acadêmico, então, minha ideia era inserir alguma coisa que orientasse uma reflexão mais profunda dos intercambistas. Introduzimos a metodologia de pesquisa para orientá-los a aprofundar sua experiência em temas que lhes interessassem.

ENTREVISTADORA (FERNANDA): Então, o projeto de pesquisa surge nesse momento, ele não vem desde o começo.

74

PROFESSORA SANDRA: Não, antes era só o intercâmbio entre estudantes e famílias, eles frequentavam a escola e faziam um relatório sobre a experiência . Essa necessidade surgiu em algum momento porque mudam as gerações e o compromisso com o projeto estava mais enfraquecido. Os novos intercambistas começaram a tratar o intercâmbio de outra forma, às vezes até as próprias famílias não tinham o mesmo nível de comprometimento. E até escutávamos algo como: “– Eu quero mandar meu filho mas eu não quero hospedar”. Então algumas pessoas ali do grupo, entre elas eu, percebemos como isso era complicado. Nós fazíamos um trabalho muito sério, como é feito até hoje, de preparação, de escolha, de infraestrutura, enfim. Tudo o que precisa ser feito para assegurar que o intercâmbio aconteça com segurança. Mas sentimos falta de refletirem sobre

questões como: por que fazer um intercâmbio? Por qual razão ir para Córdoba? O que aprenderam com a experiência? O que significa ser latino americano?, enfim.

Além dos projetos também realizamos intercambio de conhecimento. Uma experiência muito rica. Formamos grupos de estudo no Colégio e no Belgrano, com o prof. Leandro Cisneiros. Lemos o mesmo livro e nos encontravamos para debater as leituras realizadas. Além disso, foram oferecidas oficinas teóricas, com participação voluntária, não eram necessariamente só os intercambistas que participavam.

ENTREVISTADOR (TOMÁS): A próxima pergunta que pensamos passa por aí. Por que Córdoba? Por que não qualquer outra cidade? Quais relações pretendiam estabelecer entre cidades, espaços e fronteiras?

PROFESSORA SANDRA: Por que Córdoba? Justamente porque surgiu a oportunidade desse laço familiar entre a Professora Querubina e uma família de lá. Ela conhecia um casal da Argentina, os filhos deles eram estudantes do Manoel Belgrano. então eles trouxeram essa ideia. As duas escolas eram vinculadas à universidades. Córdoba surgiu por isso, em parte pela oportunidade e em parte porque o grupo de professores que se interessou pelo intercâmbio já lançavam um olhar sobre a América Latina, sobre a necessidade da aproximação dos povos, já conheciam autores latino-americanos e ficaram muito interessados na parceria com a Argentina.

ENTREVISTADOR (TOMÁS): Qual era sua relação com a Argentina? Já tinha viajado para lá antes? Como professora de Geografia, quais

foram suas impressões? Que relações podemos estabelecer com Florianópolis, por exemplo, ou com o Brasil de forma mais geral?

PROFESSORA SANDRA: Não, nunca tinha viajado para lá antes. Aliás, foi o primeiro país estrangeiro que eu conheci. Sobre minhas impressões... conhecia o processo histórico, a colonização espanhola, essa ideia que nos aproxima por termos sido explorados, por termos vínculos históricos. Em relação à cidade, à questão da Geografia, eu diria que tem um contraste. Era uma possibilidade para os nossos alunos saírem de uma cidade bem provinciana, na época, e irem para uma cidade cosmopolita, industrial, a segunda cidade mais importante da Argentina. Para nós, significava possibilitar aos alunos uma experiência “super”. Conhecer um povo vizinho, com história semelhante, e romper um estereótipo muito forte por causa do turismo. Aqui na ilha falavam: “– Os gringos estão chegando!”, e havia a exploração do turismo em Canasvieiras¹² desde 1970. Lento em 1970, um pouco mais acelerado em 1980 e depois um turbilhão desde 1990! Ou seja, havia a possibilidade de uma aproximação que me encantava, havia a possibilidade de proporcionar aos meninos e às meninas um outro tipo de formação. A vivência numa casa diferente da sua, numa escola muito maior, com uma organização e dinâmica familiares totalmente diferentes. Lá, por ser uma cidade grande, todo mundo trabalha e estuda e todos também têm que dar conta da vida e da casa, diferentemente dos nossos meninos que eram mais mimados, pais trazendo de carro para a escola. Alguns contrastes culturais interessantes, aprofundando seus olhares sobre a América Latina.

¹² Bairro no Norte de Florianópolis onde, ainda hoje, há intensa circulação de turistas argentinos durante as temporadas de verão.

ENTREVISTADOR (TOMÁS): O que a escola Manoel Belgrano tem a nos ensinar?

PROFESSORA SANDRA: Acho que tem muitas coisas a nos ensinar. Em primeiro lugar, o Manoel Belgrano é uma escola ligada à Universidad Nacional de Córdoba é uma referência, a primeira coisa que tem a nos ensinar. Nós também somos uma escola dentro de uma universidade, mas não conseguimos ser referência nem mesmo dentro da nossa cidade. Nós somos reconhecidos, mas não referência. A gente não consegue interferir, por exemplo, em uma discussão curricular da prefeitura, em uma discussão curricular do Estado, nós não somos chamados para fazer formação de professores, a não ser que nós a ofereçamos. O primeiro contato é a UFSC, o CED, não chamam diretamente o Colégio de Aplicação. É muito raro. Nós somos uma escola muito boa, que faz projetos muito bons, e não somos uma escola de elite. Deveríamos ser referência, mas na realidade somos desconhecidos até mesmo dentro da própria universidade. O segundo aprendizado diz respeito à estrutura que o Manoel Belgrano tem: apesar de ser uma escola de comércio, eles têm uma estrutura de tempo integral que a gente não tem. Agora, depois de 25 anos, nosso país começa a discutir a questão do ensino integral. E, mesmo assim, em nenhum momento o Colégio de Aplicação chamou os colegas do Manoel Belgrano para escutar como fazem lá. Assim como não chamam também outras escolas do país que já implementaram o turno integral, temos muito a aprender com essas escolas.

Uma outra coisa que nos ensinaram ao longo do tempo se refere ao currículo: eles têm metodologia de estudo. Ensinar a estudar, mais do que oferecer o tempo, orientam os estudantes como

estabelecer metodologias de estudo. Isso sempre chamava muito a atenção, a minha e a de outros colegas também, e sempre quisemos trazer essa experiência para dentro do Aplicação. Não basta cobrar de crianças e adolescentes que estudem, nós precisamos ensinar os alunos a estudarem. Penso, inclusive, que o Projeto Pés na Estrada do Conhecimento, desenvolvido aqui no colégio nas turmas de nono ano, nasceu um pouco dessa ideia, da metodologia de estudo de Córdoba e inserindo a iniciação científica. Tem esses aprendizados e tem muito mais.

ENTREVISTADOR (TOMÁS): E o Colégio de Aplicação, o que nós teríamos a contribuir com o Belgrano?

PROFESSORA SANDRA: Acho que a luta pela condição de trabalho. A gente tem Dedicção Exclusiva, horas de trabalho para ensino, pesquisa e extensão, que é uma condição de essencial para exercer a profissão como ela deve ser. As condições de trabalho dos docentes na Argentina são diferente. São muito precárias. O que mais a gente pode ensinar para eles? Não necessariamente ensinar, mas trocar experiências sobre os projetos, livros... Não saberia dizer muito mais, acho que a gente tem mais a aprender do que a ensinar.

ENTREVISTADOR (TOMÁS): Sandra, como o projeto impactou na sua vida, pessoalmente?

PROFESSORA SANDRA: Ah, eu tive que estudar muito, tive que ler muito, conheci autores, músicos latino-americanos. Já tinha lido e ouvido: Simón Bolívar, José Martín, Mercedes Sosa, Víctor Jara, Violeta Parra... passei a ter mais responsabilidade sobre as questões da América Latina, de perceber como temos que ser bem criteriosos com as notícias, com as relações entre as pessoas,

com a influência negativa da mídia (estereótipos). Passei a olhar com outros olhos, porque o turismo argentino daquela época não é o turismo argentino de hoje. Era um turismo de pessoas mais pobres, pois a situação econômica argentina era melhor naquela época, o que lhes permitia viajar mais. Os primeiros turistas que vinham para cá em massa eram pessoas de classe média baixa, famílias que enchiam seu carro, taxistas que botavam suas famílias no táxi e vinham.

E, finalmente, impactou na minha vida porque em algum momento eu tive que assumir a representação do intercâmbio e falar em nome da coordenação, da UFSC, o que mexeu comigo pessoalmente, porque não gosto de exposição, não gosto de dar palestra e isso me tocava de dentro para fora. Fiz alguns amigos por conta do trabalho realizado.

ENTREVISTADORA (FERNANDA): Puxando a sardinha para a minha brasa: a literatura, a música, as artes plásticas e o cinema latino-americano e, especialmente, argentino, também entraram mais na sua vida depois do intercâmbio?

PROFESSORA SANDRA: Entraram, claro. Conheço alguns atores que se tornaram referência para mim. Gosto de filmes chilenos, cubanos, argentinos, ou até... sei lá... acho que mais chilenos mesmo. A música entrou bastante na minha vida, porque as pessoas que comecei a conhecer nos presenteavam com músicas argentinas. A literatura também entrou, entrou mais, a gente era presenteado e adquiríamos livros e músicas, o cinema nem tanto. Quando a gente ia para lá, até hoje é assim, tínhamos pouco tempo para coisas extras. Então... muitas reuniões para afinar o trabalho e geralmente não dá tempo para atividades extras. Eu mesma nunca tive oportunidade de ir ao cinema na Argentina.

Teve uma época em que trocamos fitas de filmes, mas era VHS e era incompatível com o nosso sistema (risos). Então parecia uma grande oportunidade, porque eles selecionaram excelentes filmes, nos reunimos e aí, quando fomos exibir para os meninos, todos nós muito felizes, descobrimos que não havia como! Tentamos até fazer a conversão de sistema, mas não conseguimos de jeito nenhum, então foi uma perda de oportunidade naquele momento. Depois as coisas mudaram. Hoje temos mais acesso, através das mídias.

ENTREVISTADOR (TOMÁS): Ao longo de sua carreira, você se dedicou à formação de professores e pesquisadores e à pesquisa de um modo mais amplo. Qual é a contribuição do Projeto Córdoba para a pesquisa e a formação de professores?

PROFESSORA SANDRA: Existem todas as possibilidades! Eu acho que quando trouxemos Estudos Latino-Americanos (ELA) para o currículo escolar, gerou-se a possibilidade de estágio nessa disciplina, então também se tornou parte da formação de professores. ELA era para ser ofertada pela área de humanas, mas por uma questão de contexto, ficou com História, que tinha um número maior de professores e precisava justificar uma carga horária determinada naquele momento. Inclusive, os colegas de História brigaram muito para ficar com a disciplina, mas na verdade o projeto inicial era que fosse interdisciplinar. Poderia ser no mesmo ano, todo mundo trabalhando junto, ou a cada ano uma disciplina assumiria ELA. Essa era a discussão inicial. Concordamos naquele momento em pensar futuramente como seria. Tentamos entender o contexto daquela época e também sabíamos que os colegas fariam um bom trabalho, não tínhamos nenhuma dúvida disso.

Outra coisa que começou a acontecer foi a possibilidade de intercâmbio de professores, a gente não teve muitos, mas já fizemos isso algumas vezes. A Professora Ana Maria Sabino (UFSC) e a Professora Raquel (UNC) foram as primeiras e realizaram uma experiência simultânea. A Raquel trabalhou aqui com os alunos, mas também ofereceu formação de professores. A Professora Ana Sabino trabalhou português no Belgrano.

Além disso, eu e o Professor Romeu Bezerra participamos de um processo de formação sobre questões teóricas da Geografia Crítica, pois no Brasil esse debate já havia amadurecido um pouco mais, desde os anos 1970. Na década de 1990, já tínhamos um acúmulo teórico que questionava a Geografia positivista, tradicional, por isso fomos convidados para fazer uma formação de professores em Córdoba. Lá, trabalhamos com um número grande de professores da rede pública e privada. Romeu, era meu colega, professor de Geografia. Não fazia parte do Projeto Córdoba, mas como gosto de trabalhar em parceria, trabalhamos alguns autores juntos. Entre eles Foucault, Castoriades, Henri Lefebvre, Claude Leford, Milton Santos e alguns conceitos sobre marxismo. Uma contribuição para eles pensarem método, metodologias e conhecerem estes pensadores. Eles já tinham alguma bagagem, a gente só foi contribuir e, a partir disso, se organizaram e criaram um curso de formação de professores em Geografia na Universidad Nacional de Córdoba, outra contribuição do projeto. Até então os professores viajavam para fazer formação porque não tinham licenciatura, a denominação lá é diferente. Eles tinham o terciário, então podiam dar aulas, mas não tinham ainda o professorado, então a partir disso ficaram empolgados. Já estavam pensando nisso, obviamente. A partir dessa nossa incursão eles levaram adiante a criação do curso.

Também foi introduzido no Aplicação o espanhol, como mais uma língua estrangeira. Estreitamos laços de pesquisa, produção de textos. Estas são algumas das contribuições relevantes.

ENTREVISTADOR (TOMÁS): O projeto encontrou mais participação ou resistência nesses 25 anos?

PROFESSORA SANDRA: Os alunos sempre mantiveram esse nível de procura, acho que talvez em relação aos primeiros anos até tenha aumentado, porque parece que quando inicia as pessoas têm mais resistência até ir conhecendo. Mas acredito que manteve um mesmo número de intercambistas ao longo dos anos. Não acompanhei muito, mas penso que nos últimos anos teve muitos inscritos, mas o número de intercambistas acaba sendo o mesmo.

Em relação aos professores, penso que o colégio funciona de uma maneira fragmentada, não tem articulação entre as pessoas e os projetos. Já houve momentos em que se possibilitou que os professores apresentassem em seminários internos os seus projetos para todos os colegas. É uma ótima iniciativa e, quando acontece, permite que a escola conheça os projetos de Física, Português, Geografia ou História que estão sendo desenvolvidos. Porque, em geral, a gente não conhece. E se não conhece, não aproxima, não estabelece vínculo. Bem, há resistências também, normalmente alegando que os alunos “perdem” as aulas quando viajam. Alguns professores afirmam que os alunos podem ser prejudicados. Mas esse tipo de discurso é minoritário. Nós sempre consideramos que a formação dos meninos é ampla e não se reduz a sala de aula. E eles têm aulas na outra escola. Geralmente, ou melhor, sempre, quem participa dos intercâmbios dá conta dos conteúdos e, além disso, consegue

aprofundar as análises, as comparações, têm mais bagagem cultural e vivência para produzir melhores textos. São processos formativos complementares. Em 25 anos penso que tivemos somente uma reprovação e foi por outro motivo.

ENTREVISTADOR (TOMÁS): É possível identificar o perfil das famílias intercambistas? Como é o envolvimento das famílias no projeto? O que elas buscam?

PROFESSORA SANDRA: A princípio, as famílias estão mais centradas na possibilidade de seus filhos experimentarem um intercâmbio. Participam para oferecer a experiência para seu filho. São somente dois meses. Não entendem a dimensão do Projeto. Eu acho que isso foi ficando mais claro ao longo dos anos, talvez no início fosse diferente. Porque no primeiro ano tínhamos um grupo mais coeso, com famílias interessadas no projeto e na ideia da América Latina. Ao longo dos anos, no entanto, o que eu observo, é que alguns usufruem mas não participam efetivamente. Tanto é que, quando pedimos relatos da experiência vivida e a presença em reuniões no ano seguinte para conversar com as próximas famílias, são poucos os pais que participam. Isso é o mínimo de contribuição que uma família poderia dar. Nem todas as famílias procedem assim, mas sinto este perfil meio utilitário.

Eu já reverti “n” situações, eu e a Ana Maria, de pais que queriam enviar seus filhos, mas não queriam receber ninguém. A gente visita as casas para conhecer um pouco melhor a rotina das famílias, pois há toda uma responsabilidade de preparação, e quando percebíamos que a família tinha todas as condições de receber, fazíamos uma intervenção mais enfática. Isso porque a família parecia querer “tirar férias” do filho, e eu sempre fui

bastante clara, objetiva. Ana me apoiava e sabemos que o intercâmbio só se mantém com o apoio das famílias. Assim conseguíamos reverter e na hora mudavam de opinião. E foram bons intercâmbios, às vezes era uma família que ficava muito ausente de casa, trabalhava e tal, mas aí a gente colocava ali, como sempre fazemos, uma pessoa com mais autonomia, que se adaptava melhor, e corria tudo bem. Mas há famílias que se envolvem também e são bons parceiros para além do intercâmbio de seu filho. São solidários em ocasiões em que há necessidade de hospedagem, por exemplo.

ENTREVISTADOR (TOMÁS): Quais foram os maiores desafios enfrentados pelo projeto?

PROFESSORA SANDRA: Todo ano é uma batalha. O mais difícil foi aquele ano em que o reitor prometeu um ônibus para um evento de aniversário do projeto, não lembro bem se era o de 10 ou 15 anos. Assumi o compromisso com um grupo de famílias, porque era um intercâmbio que ia levar um número maior de alunos, inclusive equipes esportivas e de artes, enfim. Fundamentalmente tinha a ver com o esporte, então era um grupo enorme de pessoas envolvidas, faltava uma semana e não recebíamos resposta. Acho que foi um dos momentos mais difíceis que passamos. Ter que cobrar do reitor, em um nível que parecia que estávamos brigando. Não estávamos, mas era preciso resolver o problema. Outro momento complicado também foi por uma questão de ônibus. Estávamos Silvia, Danuza e eu e fomos à reitoria para pedir a definição do ônibus, faltando poucos dias da viagem de intercâmbio, num momento em que nós travávamos uma luta na universidade contra as fundações, pela falta de transparência da distribuição e administração dos recursos. Até

que o reitor pegou o telefone e falou: “– Ah, só um instantinho, deixa eu ver se resolvo aqui.” Ligou para uma fundação e disse mais ou menos assim: “– Estou aqui com o pessoal do Projeto Córdoba e tal, precisando de um ônibus, você acha que dá?”. Uma conversa assim. A Danuza deu as costas para o reitor, porque achou um absurdo o que estava acontecendo. A Silvia começou a me olhar, porque sabia que era uma Fundação... eu estava em uma ponta e o reitor na outra. Aí ele falou que tinha um ônibus, mas era a fundação quem ia pagar, e questionou se nós tínhamos problema com isso. A reação que eu tive na hora foi dizer: “– Isso é um problema seu. Porque o dinheiro da Fundação, que eu saiba, é público. Você é o reitor, falou que conseguiria o ônibus e assinou um convênio com Córdoba.” Deu tudo certo e saímos de lá com o ônibus. Mas são momentos chatos que a gente passa, porque tem sempre uma questão política presente e a gente tem que resolver da melhor maneira possível para garantir a continuidade dos trabalhos, assegurando o que é essencial. Além disso, todos os anos há algum entrave em relação à passagem e à diária para o professor. Gasta-se tempo com coisas que já deveriam estar no planejamento da universidade.

ENTREVISTADOR (TOMÁS): Já falamos de momentos difíceis, agora os momentos mais marcantes, no sentido mais positivo.

PROFESSORA SANDRA: Ah, são tantos, sabe? O processo de preparação, a viagem com os meninos, estar no ônibus com eles, atravessar fronteiras, permitir que percebam as distâncias entre as cidades, observar as paisagens durante a viagem, conhecer outra escola, outra estrutura escolar, outras famílias, outra cidade e sua organização. Conhecer os colegas das mesmas áreas de

atuação e trocar experiências. Ler alguns bons relatos e projetos desenvolvidos pelos estudantes...

ENTREVISTADORA (FERNANDA): Exatamente, eu ia falar sobre isso! Como geógrafa, como é a travessia entre as cidades, passar sobre a ponte que nos separa e nos une...

PROFESSORA SANDRA: A primeira travessia durou 36 horas porque o ônibus quebrou! Foi a travessia mais longa! Acho que essa experiência de você sentir espacialmente o que é uma viagem, o que é atravessar a fronteira, passar pela experiência de falar com a fronteira nacional e a fronteira estrangeira, ver as diferenças: que uma é militar e a outra é civil; que em algum momento você pode ter suas malas abertas – e nós já passamos por isso também. O controle dos países. São momentos importantes porque amadurecem os meninos e a gente mesmo. A própria viagem já é, em si, um fato positivo. A recepção em Córdoba é uma coisa extremamente bonita, é uma escola que recebe muito bem! Uma escola muito grande e receptiva em relação aos estrangeiros que chegam, sempre senti isso nas vezes em que fui. A escola pára, todo mundo fica ali, não tem aquela coisa de aproveitar que não tem aula para circular, eles estão ali. Majoritariamente estão ali. Uma outra coisa que acho muito bonito, quando os argentinos se aproximam dos brasileiros e começam a perguntar, perguntar, perguntar, são curiosos. Mais abertos a receber. Isso é uma coisa muito bacana. Outra coisa são os laços que conseguimos estabelecer com os colegas e... [lágrimas] São laços profissionais, mas que acabaram se tornando laços de amizade. Me emociono porque é muito forte mesmo, são meus amigos até hoje, para além da universidade, para além dos trabalhos acadêmicos. A gente troca, lê os textos uns dos outros,

viajamos juntos para além do intercâmbio. Então, assim como os meninos conseguem estabelecer vínculos após o intercâmbio, apesar das distâncias e das fronteiras, a gente também aproveita esse mundo com as comunicações facilitadas e fortes laços que se perpetuam.

ENTREVISTADOR (TOMÁS): Como você avalia o projeto hoje?

PROFESSORA SANDRA: Acredito que tem a mesma importância que sempre teve. Ele é o único projeto na América Latina no colégio e pioneiro na UFSC. Uma servidora da Secretaria de Assuntos Internacionais da UFSC, que acompanhava todos os projetos da universidade, disse em uma das nossas solenidades de recepção dos intercambistas, que era o único intercâmbio acadêmico que funcionava efetivamente todos os anos desde que surgiu. Então conserva uma importância institucional muito grande. Os reitores sempre se referem a ele em seus discursos institucionais. Ele é um projeto que antecede o Mercosul, que é econômico, enquanto o nosso procura aprofundar laços humanos, laços sociais, laços históricos, tão formativos, não é? Enfim, só acho que não ocupa o lugar que deveria ocupar na universidade: todo ano é a mesma “batalha” por passagem e hospedagem dos professores... parece que todo ano o projeto se inicia.

ENTREVISTADOR (TOMÁS): Estamos falando muito sobre o intercâmbio estudantil, que é uma das possibilidades que o Acordo de Cooperação Institucional abre. Mas pensando em termos mais amplos, quais deveriam ser as novas apostas?

PROFESSORA SANDRA: Estimular o intercâmbio entre professores, acho que é um caminho. Entre estagiários,

estudantes de espanhol, ampliar com o departamento de línguas, acho que isso seria uma coisa bacana a se fazer. Poderíamos tentar ampliar as relações com as licenciaturas, com o curso de professorado em Córdoba. De tempos em tempos, ampliar o número de professores que viajam para conhecer e trocar experiência com suas áreas de conhecimento.

Uma das coisas que eu insistia, quando fui coordenadora, era que todo mundo que viajasse para Córdoba tivesse contato com sua área de atuação. Então, por exemplo, se eu fosse para Córdoba encontrava o grupo de Geografia, quando a Fernanda for para Córdoba se reúne com o grupo de Literatura e assim por diante. Então não era só ir, mas ter alguma responsabilidade em relação ao seu grupo de trabalho, trazer essa experiência para nossa escola. Eu levava livros de Geografia e trazia livros de Geografia de lá, e a mesma coisa era com livros de Literatura ou jornais. No intercâmbio tal, algum professor tem disposição de levar um grupo de alunos, compartilhar suas experiências, fazer um curso, oferecer um minicurso? Às vezes dava certo, às vezes não. Assim como pais e alunos, existem professores que querem apenas turismo mais em conta, pago pela instituição. Passa por uma seleção: apresenta um projeto do que vai ser desenvolvido lá, e ver com a coordenação na Argentina se há interesse na proposta. Tudo isso dá muito trabalho, é muito cansativo. Veja, preparar o intercâmbio discente já é bem trabalhoso, toma tempo. Então vejo essas possibilidades, e também talvez a ampliação para outros países, como o Uruguai, por exemplo. O nosso país é tão gigantesco que nós podemos fazer intercâmbio entre Colégios de Aplicação, como há com o Tchê-Mané, com o Aplicação da UFRGS. Poderia fazer com o Nordeste, que é uma realidade totalmente diferente, nem que fossem intercâmbios curtos. Mas,

claro, é trabalhoso. Os coordenadores de Córdoba não têm fôlego para tudo isso, precisaria haver uma coordenadoria de intercâmbios na escola, isso já foi proposto, mas ainda não se efetivou. Penso que poderíamos retomar as leituras conjuntas também.

ENTREVISTADOR (TOMÁS): Como geógrafa, como você vê o futuro da América Latina?

PROFESSORA SANDRA: Hoje? Nesse contexto? Ah... acredito que tivemos alguns avanços na América Latina, mas pisamos na bola com as frentes que tomaram o poder e que não são a esquerda. No caso de América Latina, eu acho que a gente errou muitas vezes, especificamente no Brasil, a gente aceitou. Quando digo “a gente” é porque temos compromisso com a esquerda desse país, mas a esquerda é muito desunida. Eu não sei exatamente como é a esquerda em outros países, mas parece que é a mesma coisa no caso da Argentina. Quando eu converso com os colegas, eles relatam as mesmas dificuldades, parece que é um problema das esquerdas no mundo inteiro. Recentemente estive em Portugal, e para formarem a frente de esquerda que existe hoje lá, com um bloco formado pela parte mais radical da esquerda, houve muita pressão popular para se unirem. Assumir o poder significa administrar um país, assumir o poder não é nada mais que administrar melhor as verbas para o país. Dar melhor destino aos recursos. Não significa revolução, no contexto em que estamos. Na última década, a pobreza recuou no continente, graças aos programas progressistas, com sistemas de proteção dos direitos dos mais pobres. Com a crise econômica e o avanço do conservadorismo isso pode retroceder. No IDH da ONU, o Brasil já recuou de 74^a. Para 75^a. Posição na lista de 188 países em relação

aos índices de saúde, educação e renda. Eu vejo os próximos anos como um período de muita dificuldade, porque há um avanço da extrema direita na Europa e nos EUA e uma articulação internacional para que se derrubem as novas tentativas que têm surgido. A Venezuela lida com uma realidade complexa desde a época em que eu visitei esse país para participar do Fórum Social Mundial, quando o Chávez ainda era vivo. Já naquela época havia muitas dificuldades com relação ao abastecimento de alimentação, agora muito agravado. A extrema direita avançou muito, recentemente foram descobertos 20 grupos neonazistas em São Paulo! Isso é um espelho da América Latina, da direita na América Latina. A gente tem o governo Macri na Argentina, com uma política que vai contra o próprio liberalismo. Apesar das dificuldades, acredito na tese de que é na época de crise que as pessoas vão repensar tudo e construir o novo. A gente não tem um caminho traçado, pronto, então temos todo um caminho a fazer. Precisamos voltar a falar com as periferias. Rearticular os sindicatos, os movimentos sociais. Eu sinto essa dificuldade, então acho que as esquerdas vão ter que continuar a aprender e, talvez, seja a juventude que traga alguma proposta que avance. Mas estamos caminhando. Já experimentamos alguns bons caminhos. Só precisamos nos organizar mais.

sobre tudo

O QUE NOS UNE: ENTREVISTA COM O PROFESSOR RODOLFO PANTEL¹³

Entrevistadores: Fernanda Müller¹⁴

Tomás Figueiredo Fontan¹⁵

Intercambistas argentinos do Projeto Córdoba 2018¹⁶

ENTREVISTADORA (FERNANDA): Estamos reunidos no Laboratório de Geografia, do Colégio de Aplicação, para conhecer um pouco

¹³ Historiador e professor de História do Colégio de Aplicação da UFSC. Coordenador e Integrante do Projeto Córdoba de 2000 a 2010. Contato: maraqqpantel@hotmail.com

A entrevista foi gravada e transcrita na íntegra pelo bolsista e colaborador (PIBE 2018) Gustavo Seemann Koerich.

¹⁴ Doutora em Literatura pela UFSC e Professora de Língua Portuguesa do Colégio de Aplicação da UFSC. Coordenadora do Projeto Córdoba. Contato: f.muller@ufsc.br

¹⁵ Licenciado em Geografia pela UFSC e Professor de Geografia do Colégio de Aplicação da UFSC. Coordenador do Projeto Córdoba desde 2013. Contato: tomas.figueiredo@ufsc.br

¹⁶ Intercambistas argentinos do Projeto Córdoba 2018: Elías Ramón Velázquez, Eugenia Lucía Raisz, Ignacio Giménez, Ignacio Nicolas Lozada, Julieta Cerezo Vasquez, María Agustina Duartez, Milena Dassie Wilke, Rocío Issidoro, Santiago Infante López e Tomas Rodriguez Misael.

mais a história do Projeto Córdoba e a sua visão sobre a América Latina e a conjuntura atual. Como o Projeto Córdoba chega até você?

PROFESSOR RODOLFO: Eu não fiz parte dos fundadores do projeto. Mas participava orientando ou contribuía com essa história de dar aula para vocês no dia a dia. Então eu entrei no projeto em 2000. Fui uma primeira vez, depois fui mais várias vezes a Córdoba, ou levando ou trazendo vocês e fiquei muitos anos na comissão. Sempre tinham professores de Português, ou de Geografia ou mesmo de História. O intercâmbio, por ter uma conotação política, atrai os professores das áreas sociais. Os professores de Filosofia e de Sociologia, que são os meus colegas. Então a comissão sempre me foi atraente, porque sempre foi composta por professores que faziam parte da minha convivência, do meu dia a dia no colégio.

ENTREVISTADOR (TOMÁS): O Projeto Córdoba surgiu em 1992, no contexto do Mercosul, não foi?

PROFESSOR RODOLFO: Sim, e sobre isso também era legal de vocês pensarem um pouco, não é? Da época em que surgiu o projeto, como estavam as coisas tanto na Argentina quanto no Brasil e em boa parte da América Latina. Estávamos saindo de uma ditadura militar, a do Brasil terminou em 1984, a de vocês a mesma coisa. Então, veio o Alfonsín, veio aquela parte liberal, para substituir o regime militar que estava posto ali. Foi uma abertura, o início de uma saída de um regime muito autoritário. Aqui no Brasil também, a gente teve uma saída bem liberal ao final da ditadura militar, tipo Sarney. Não sei se vocês já ouviram

falar. Muito pior que o Alfonsín, de uma ala mais conservadora, não autoritária, porém de direita. É nesse contexto que devagarzinho surge a ideia do intercâmbio, porque quando existiam as ditaduras militares elas eram articuladas, Plano Condor etc. Quando veio essa maré liberal, também veio articulando os países. Uma dessas articulações, pela direita, meio burguesa, voltada em grande parte para o comércio e a economia, resultou no surgimento da ideia do Mercosul. Para nós do projeto foi fantástico, porque esse contexto favoreceu. Imagina, na época da ditadura a gente não conseguiria fazer esse intercâmbio, a não ser que fosse só esportivo. Foi nesse contexto de abertura política, mesmo pela direita, mesmo liberal, que se criaram condições para os dois colégios pensarem numa relação como a que acabou surgindo. Se vocês observarem, nesses vinte e poucos anos, esse contexto histórico mudou várias vezes. A gente passou por Fernando Henrique, Menem, depois Lula e Kirschner, não é? E agora Temer, então sabe-se lá o que vai acontecer nos nossos países. Eu não temo pelo projeto, eu acho que já anda sem precisar tanto de um contexto favorável, ele já é institucional, já é mais sólido. Mas precisamos imaginar que temos novamente uma situação bem diferente em termos históricos e que com certeza vai mexer nas nossas relações. Quando o Projeto Córdoba nasceu era um momento de esperança, um momento de mudança, uma perspectiva de melhora, saindo da ditadura, limpando as feridas, tentando um recomeço.

ESTUDANTE ARGENTINO (SANTIAGO): Quando foi pela primeira vez para Córdoba, o que você esperava? Por que é uma ansiedade

muito marcante, pelo menos para os estudantes. Como é para um professor?

PROFESSOR RODOLFO: Também é. Porque, como eu disse para vocês, a gente não tinha muitas outras experiências para se mirar. Era uma coisa nova que a gente estava fazendo e tinha que construir do nada. Alguns professores ficaram bem amigos, Suzana, Dante, Nancy. E foi assim comigo. Na primeira vez em que eu fui, fiquei muito no hotel. O pessoal saía à noite, eu falava que não ia sair porque precisaria acordar cedo na manhã seguinte, que iria dormir. Sou um pouco tímido mesmo. Levou um tempo para eu me acostumar com essa coisa dos argentinos! Me acostumar com vocês e me sentir bem lá. Porque eu me sinto muito bem em Córdoba. *Me gusta la ciudad, me encanta*. Foi um pouco isso. A pergunta foi sobre o que a gente sente, não é? Então, Fernanda está há três anos no projeto, Tomás, há seis, Marcio foi pela primeira vez esse ano. Estão começando. Mas a gente tem um grupo que ficou mais tempo, que está praticamente há 20 anos no projeto e continua no projeto, como a Danuza. E tem os novos, que devem passar por essa experiência de ficar emocionados ao atravessar a fronteira, mudar de língua e conhecer os *hermanos*, porque a experiência é estar ali, a vivência de dois meses. Eu nunca fiquei dois meses em Córdoba, mas como eu fui muitas vezes, somado o tempo, dá mais do que isso. Mas dois meses eu acho que é bastante tempo, em termos de vivência, de experiência que vocês podem ter, essa coisa de mexer com as emoções, não é? E que começa antes. No início do Projeto Córdoba, só havia carta, não existia telefone, nem as comissões conseguiam se falar. A gente confiava uns nos outros e falava: “– Eu acho que eles vão mandar os *chicos*.” Porque não

conseguíamos nos comunicar. Então ninguém sabia com qual família ia ficar. Passavam dois meses quase sem falar com os pais, escrevendo cartas que demoravam um tempão para chegar. E agora vocês já sabem, já se conhecem antes de vir, já conversaram, já viram fotos. Parece que as emoções agora passam por outro ritmo, mas a gente sentiu essas coisas também, de ficar emocionado, de tentar algo novo, de conhecer pessoas diferentes.

ESTUDANTE ARGENTINO (IGNÁCIO): Como os professores do Brasil viam os professores argentinos? Por que agora alguns professores não gostam muito do intercâmbio e como era antes?

PROFESSOR RODOLFO: Era pior! Porque o contexto era esse. A gente estava saindo de um Estado muito autoritário e nós, esses que estão no projeto, éramos oposição e minoria no colégio. Houve um movimento pela democracia, para ter a Malvinas, o governo de vocês tinha que cair, o nosso também caiu. Houve um movimento pela democracia, pelo fim da ditadura. Aí, nós que sempre fomos perseguidos no trabalho, que não podíamos falar francamente com os estudantes, que tínhamos os livros censurados, começamos a ter um pouco mais de liberdade, mas continuávamos sendo uma minoria dentro da escola. Primeiro, há uma visão técnico-científica do ensino: de que Matemática é muito mais importante que História; de que Química é muito mais importante que Filosofia; de que Física é muito mais importante que Geografia... imagina Educação Artística, que nem cai no vestibular! A escola, a nossa pelo menos, era muito técnico-científica, conteudista, preparando os alunos para fazer universidade. Quem predominava aqui eram professores

conservadores, de direita, que achavam que as Ciências Exatas eram as que iam salvar o mundo. Então nós estávamos numa situação que não era muito confortável. Fazer, criar e desenvolver o projeto sempre foi na base do enfrentamento para conquistar espaço. E hoje, para garantir os espaços que a gente já conquistou, porque parece que vem de novo uma visão de escola mais fechada. A gente consegue ir tocando o intercâmbio porque é um bom intercâmbio, porque é uma coisa que pedagogicamente funciona. Vocês vão aprender um pouco de Português, vão perder um monte de preconceitos, vão sair daqui melhores pessoas, entendem?

A gente tem que manter esse espaço democrático, que é o intercâmbio, porque defendo a ideia de a gente ser contra o sistema. De que nós não estamos satisfeitos com a sociedade em que a gente vive e que vocês terão que assumir já, daqui a pouco. Eu me sinto como um adolescente insatisfeito com o mundo dos adultos, que tem o desejo de que a gente possa transformá-lo. E o intercâmbio é uma ferramenta incrível de transformação.

ENTREVISTADORA (FERNANDA): Levando em conta que, entre os presentes aqui, você, Professor Rodolfo, é quem mais transitou entre Brasil e Argentina, estabelecendo vínculos e laços de amizade com os *hermanos*, na sua opinião, o que aproxima brasileiros e argentinos?

PROFESSOR RODOLFO: Tem muito mais coisa que une do que nos separa. Eu acho que se nós nos vemos como *hermanos* será mais fácil de a gente se reconhecer. Acho que é uma questão fraternal. Primeiro, porque os seres humanos são seres humanos, eles não são brasileiros ou argentinos: antes de tudo, nós somos seres

humanos. Segundo, porque nós não somos brasileiros ou argentinos, nós somos ou burgueses ou trabalhadores. A elite argentina é péssima tanto quanto a elite brasileira. A nossa união é a união dos povos latino-americanos: tem um pouco de povo latino americano na Argentina, como tem um pouco de povo sul-americano no Brasil e nós estamos tentando articulá-los. Por isso a gente diz que o projeto é crítico, anti-sistêmico, porque nós queremos uma América Latina onde os povos sejam fraternos.

ENTREVISTADORA (FERNANDA): Observando tantos estudantes que vão e voltam do intercâmbio, o que essa experiência acrescenta na vida dos jovens?

PROFESSOR RODOLFO: Isso eles é que têm que dizer, não é? Ao final dos dois meses. Eu acho que vocês passam por um amadurecimento bem grande, porque é uma situação forçada, vocês não podem fugir, e vocês optaram, vocês quiseram vir. Havia algum interesse, algum desejo que moveu vocês pra vir pra cá. Então esse envolvimento, traz mudanças. Vocês vão passar por experienciais indeléveis, que serão marcantes, talvez inesquecíveis. Primeiro porque são jovens, tudo é meio novidade, vocês estão descobrindo o mundo, tudo é muito importante. Primeiro amor. Tudo primeiro. E todas essas experiências que são assim primeiras, elas são muito marcantes nas vidas das pessoas. Vocês estão no momento certo, compreendem?

ENTREVISTADOR (TOMÁS): Como o projeto impactou no colégio? Quais desdobramentos ele trouxe, o que acrescentou na escola?

PROFESSOR RODOLFO: Não é só a experiência pessoal, que é legal. Essa vivência que vocês têm já vale muito. Mas as duas instituições têm que ganhar alguma coisa, os dois colégios. Não se trata de turismo, de diversão, ao estilo “–Vamos à praia!”. Tem que ter alguma coisa: vocês têm que fazer pesquisa, tem que fazer um bom trabalho, tem que ser bons estudantes, tem que respeitar a família onde estão e tem que conhecer a cidade, certo? Ainda não é só isso, não pode ser só isso. São duas escolas públicas e os custos são altíssimos, tem aqui quantos professores e estagiários envolvidos por causa de vocês? A escola tem que sentir o caráter pedagógico do projeto. E a gente percebeu, por exemplo, que tinha aula de Português, Francês e Alemão. Não se estudava Espanhol, porque não era valorizado. É o tal do preconceito, dessa coisa do Brasil ficar de costas para Argentina. Sabemos muito mais da Europa ou dos Estados Unidos do que o que está acontecendo em Buenos Aires, certo? Apesar de próximos, somos muito distantes. Mas por causa do intercâmbio, junto com o Mercosul, passamos a oferecer a disciplina de Espanhol no colégio. Isso é fruto, praticamente direto, da força do intercâmbio. Vocês ainda têm Estudos Latino-Americanos no ensino médio? Nós fizemos uma mudança de currículo na escola, para introduzir essa disciplina que se chama ELA. O Belgrano que é enorme, grande e tradicional, ainda não introduziu o Português por lá.

ESTUDANTES (IGNÁCIO): Introduziu, agora.

ENTREVISTADORA (FERNANDA): 25 anos depois.

PROFESSOR RODOLFO: É uma coisa meio complicada mexer no currículo e o Belgrano é grande, tradicional. Mexer lá, talvez seja um pouco mais difícil do que mexer aqui. Mas me parece que mesmo uma escola grande como a de vocês está tendo que perceber que existe o Brasil, que existe a Língua Portuguesa e que estamos ao lado de vocês. E que vocês todos vem aqui na nossa praia, no verão. Então é um contrassenso não ter Português no Belgrano, mas é fruto dessa lógica. Vocês também preferem estudar Inglês, ou Alemão, ou Francês porque são línguas clássicas. A universidade tem orgulho de ter um intercâmbio internacional como esse e ele se dá justo na educação básica. Dois colégios públicos, dentro de duas universidades nacionais fazendo um intercâmbio desse tipo muda o caráter do colégio, da universidade. Se a gente não existisse, iria haver uma ausência, uma falta, como fazia falta o Português no Belgrano.

ENTREVISTADORA (FERNANDA): Mudando um pouco de assunto, mas não muito, poderia comentar um pouco sobre os 100 anos da Reforma de Córdoba e nos dizer qual reforma estamos precisando agora?

PROFESSOR RODOLFO: Sou professor de história e penso assim: tem momentos em que a gente avança na História e outros em que a gente recua. Vocês já ouviram falar da dialética? Ou da contradição? A História se move por causa da dialética, por causa das contradições. Por muito tempo a educação aqui nas colônias da América era responsabilidade da igreja, principalmente dos jesuítas, que têm muito esse papo de lidar com as crianças para logo doutrinar. Aqui no Brasil, os jesuítas trabalharam com os índios, com os filhos dos índios, para ir aculturando, para que já

começassem a acreditar em Deus. Então as universidades eram muito limitadas, restritas, eram controladas pelo pensamento escolástico. Mas os jovens estudantes cordobeses daquele momento estavam vivenciando um governo liberal. Porque lá na Argentina, como no Brasil, tem o golpe, a ditadura militar, um governo liberal, mais um golpe e um governo liberal. Então se aparece um Kirchner, um Perón ou um Lula é um deus nos acuda: aí vem outro golpe! Naquele momento a gente tinha um periodozinho mais aberto na sociedade Argentina e os estudantes puderam perceber certas coisas, certas contradições. Aqueles péssimos professores, aquele autoritarismo dentro da universidade, aquela forma de pensar que era praticamente anticientífica em pleno século XX. Em 1917, já tinha revolução socialista na União Soviética. Falei de contradição dialética, pois então, não tinha só o capitalismo liberal ou o capitalismo autoritário, tinha já uma proposta concreta de um povo que vai lá e modifica a sociedade de forma concreta. Tinham muitos imigrantes vindo para cá, italianos e alemães, e muitos deles eram anarquistas. Há uma mudança grande na sociedade argentina com a entrada desses imigrantes europeus, não são só mais gaúchos do pampa ou caipiras de Córdoba, agora começa a surgir um monte de gente que podemos chamar de classe média. Alguns estudantes vão percebendo que já não é possível uma faculdade tão antiquada, anacrônica, fora do tempo, e iniciam um movimento pela cátedra livre. O que os estudantes de Córdoba pensaram foi numa universidade como a que temos hoje, uma universidade pública gratuita, laica, republicana, cidadã, universal. Isso começou em Córdoba, essa ideia de universidade que depois se alastrou, se organizou em comissões, em intercâmbios. Iam para o Peru, para o Chile, e ali começava a

reforma universitária no Peru e no Chile. Aí vão para o México e é a mesma coisa. Aqui no Brasil demorou mais, porque nós fomos muito escravistas. A nossa elite é muito, muito, muito atrasada mesmo, de mentalidade escravocrata. Acha que o povo não existe, não é? Então demorou mais, mas também acabamos conquistando espaços como a UFSC, a UNICAMP, a UFRGS e assim por diante. E vocês têm a Universidade de La Plata, a de Buenos Aires e novas universidades que surgem dentro desse modelo reformista. Os estudantes invadiam e ocupavam as reitorias, *las tomas* começaram lá. Foram à Buenos Aires em comissões e falaram com o presidente, convencendo-o a derrubar o reitor, foram falar nos sindicatos dos trabalhadores, foram junto ao *pueblo* para fazer teatros, montar bibliotecas. Eles acreditavam que as universidades teriam que ter uma extensão, que estar comprometidas com seu entorno. Hoje o povo morre de fome aqui na Serrinha ¹⁷ e não pode comer no Restaurante Universitário? Então, que universidade é essa, de fachada? E antes era muito mais, agora já está muito melhor. Eu acho esse modelo de universidade uma coisa que nós devemos lutar para proteger, porque a ideia neoliberal é simplesmente privatizar, é tirar o caráter público, republicano e cidadão da universidade, que foi conquistado a duras penas e que resistiu a ditaduras, tanto argentinas quanto brasileiras. Claro que tivemos intervenções, tivemos vários professores e cientistas presos ou mortos por tortura. Ou como agora no Brasil, quando professores estão indo embora para os Estados Unidos ou sei lá para onde por falta de recursos. Por que vão ficar aqui, não é? Nessa situação. Por isso afirmo que a universidade que veio da reforma está muito

¹⁷ Bairro popular no entorno da UFSC.

ameaçada nesse momento, refletir sobre a reforma de 1918 é super atual, não é um assunto da História que já passou. É um assunto presente, novamente está sendo discutido qual tipo de universidade nossos países precisam. Se a decisão couber a nossas elites, estamos mal. Então nós, estudantes e trabalhadores, infelizmente, estamos meio distantes da universidade, quando deveríamos estar mais próximos, mais dentro. No Brasil temos cotas para negro, índio, pobre. Tem mudado um pouquinho a cara dos estudantes universitários, de vez em quando se vê o que não estávamos acostumados: um que não é um branco, de classe média, com carro. Mesmo assim, nossa universidade é muito elitista, nós temos o vestibular que seleciona muito. Deveríamos lutar contra o vestibular, mas é uma luta meio complicada, agora que a própria universidade reformista está sendo ameaçada. Então seria legal podermos comemorar no sentido de lembrar, de ter a memória de que os estudantes fazem parte da sociedade e de que os estudantes podem ser sujeitos de transformação da história importantíssimos.

ENTREVISTADORA (FERNANDA): Uma última pergunta para finalizar. Pensando no Projeto Córdoba e no desejo de aproximação entre os países da América Latina, qual é a importância do projeto para alcançar esse ideal?

PROFESSOR RODOLFO: Eu acho que a América Latina está em construção, está em disputa. Que tipo de América Latina nós vamos ter daqui para a frente? Eu percebo que existe toda uma conjuntura internacional, uma conjuntura que nos modela, nos molda, nos oprime, nos condiciona de uma certa maneira. O

projeto não é livre para unir a América Latina (risos) e... eu não sei quantos... quatrocentos e poucos intercambistas?

ENTREVISTADORA (FERNANDA): Quase 500.

PROFESSOR RODOLFO: Então, isso aí já dá um... bem, eu não sei o que dá isso (risos). O que conseguimos fazer com 500 pessoas? Eu acho que para fechar a ponte precisamos de uns cinco mil.

ESTUDANTE (SANTIAGO): Com 500 pessoas você conscientiza 2.000.

PROFESSOR RODOLFO: É assim que funciona. Vocês souberam do projeto de alguma maneira, não só porque um professor falou, não? Vocês conhecem algum ex-intercambista?

103

ESTUDANTES (EM CORO): Sim [todos].

PROFESSOR RODOLFO: Sim, sim, sim. São colegas de vocês. E falaram do que aconteceu com eles aqui, muitas histórias, não? Vejam como se multiplicam essas histórias, que podem estar numa entrevista, num livro e que estão na vida das pessoas. Como eu disse, eu acho que vocês mudam com essa experiência. Estamos sempre mudando, mas essa experiência, em especial, ela é limite. Os colocam em situações em que vocês falam: “– Putz, caraca, o que está acontecendo comigo, eu tenho que me virar, eu tenho que sobreviver a isso e aprender com isso tudo.” Então daqui 20 ou 30 anos vocês ainda vão lembrar do Brasil, dos *hermanos brasileños*, dos preconceitos que vão sendo quebrados, dessa proximidade que a gente vai criando aqui. Ela é uma célula,

é uma semente que a gente vai plantando, ainda mais porque vocês são jovens. Vocês têm quinhentos, replica dois mil, imagina esses 500 durante 10 anos. 200 mil, 20 mil, 2 milhões? Eu não sei, bom, vai pensando aí, né?! Vamos pegar a Matemática, os algoritmos, e ver que o nosso poder não é tão pouco assim.

ENTREVISTADOR (TOMÁS): Este ano, no ato de boas-vindas, quando vocês chegaram, a Professora Danuza leu o nome de todos os intercambistas de 1992 – brasileiros e argentinos. Para nós talvez sejam apenas nomes que foram lidos, pois eu mesmo tinha 10 anos quando começou o intercâmbio. Eu não sei quem são aquelas pessoas, mas são importantes, porque há outras iniciativas de intercâmbio na história do Belgrano, como aquele estabelecido com Belo Horizonte, que já se perderam. Era uma tentativa recente e que fim deu? Não é fácil construir um intercâmbio igual ao Projeto Córdoba, então as pessoas que já passaram por aqui são fundamentais.

PROFESSOR RODOLFO: E o intercâmbio do ano que vem são vocês que fazem. As histórias que vocês forem contar lá depois, vão atizar outros que vão querer vir pra cá no ano que vem. Então é uma corrente. Nós estamos todos ligados, e é uma coisa assim meio subterrânea. Que não aparece num livro de História, parece que não acontece. Parece que não existe na História, não é? Mas na verdade existem esses laços que vão sendo construídos no dia a dia, pouco a pouco, e isso vai adquirindo uma dimensão que em algum momento aflora, entendem? São essas coisas meio subterrâneas que a gente não vai vendo direito, que a gente vai pensando só nos grandes presidentes, grandes guerras, revoluções e tal, e essas coisas ficam assim meio, subterrâneas

mesmo, mas elas vão se ligando. Dentro da história do socialismo, mesmo que a gente perca, essas derrotas são valiosas. Eu estava vendo a entrevista do Antônio Cândido, uma das que ele concedeu. Um dos grandes pensadores brasileiros do século XX. E ele é socialista, a vida inteira foi socialista ferrenho, foi perseguido na ditadura, essas coisas, professor universitário renomado, de várias obras publicadas. Ele disse que o socialismo não foi derrotado. As poucas coisas boas que têm no capitalismo, foram os socialistas que arrancaram a ferro e a fogo. Então, é isso que eu digo, essas lutas todas vão acontecendo e estão interligadas. E tem um momento em que nós vamos de novo nos rebelar por uma universidade melhor e tomar a reitoria. A classe operária em algum momento vai se rebelar e mudar a sociedade. E as experiências que a gente vem tendo vão ser fundamentais nesses momentos, para aglutinar e fazer a síntese. Eu falei da dialética: a tese, a antítese e a síntese, um movimento lógico que está também na natureza e na realidade social. Nós estamos acirrando as contradições, para que haja um movimento qualitativo de mudança. Que em algum momento vai acontecer, ou nós vamos morrer todos (risos). A revolução vai acontecer. E as experiências que estão sendo construídas vão ser importantes. Ah, lembra do Che? Sim, sim, lembro do Che. Temos que lembrar. Lembra do Mao? Ah, lembro, sim. Lembra do Lênin? Então, essas histórias estão aí, acirrando as contradições. Então é isso, vamos acirrar as contradições. Vamos atrás da síntese.

ESTUDANTES (IGNÁCIO): Eu queria perguntar isso. Porque você está falando da luta. Como esse intercâmbio, ajuda na luta? Porque, por exemplo, eu encontrei muitas lutas que na Argentina eu não havia me questionado. Como o Movimento do Passe Livre, do

Lixo Zero, ou essas coisas que estão por aí na nossa educação pública, mas são pequenas coisas que se encontram no dia a dia. Então queria perguntar como vê as formas de luta que existem aqui no Brasil e as da Argentina?

PROFESSOR RODOLFO: Eu acho que toda luta é válida.

ESTUDANTES (IGNÁCIO): A luta pelo coletivo, não é isso?

PROFESSOR RODOLFO: A luta certa, sim.

sobre tudo

EDUCAÇÃO E INTEGRAÇÃO LATINO-AMERICANAS

Elaine Tavares¹⁸

“Professor é o que ensina a aprender e ajuda a compreender”

Resumo: O texto apresenta uma biografia comentada do educador caraquenho Simón Rodríguez, um dos mais importantes teóricos da educação na América Latina, considerado um plantador de escolas. Por onde passou criou escolas e, com o libertador Simón Bolívar, tentou implantar uma educação libertária para formação de republicanos na América que saísse do jugo colonial. Na discussão dos principais pressupostos de Rodríguez, buscaremos pensar as possibilidades educativas no contexto do Brasil que, a partir de 2019, mergulha num tempo extremamente conservador podendo regredir profundamente na área da educação. O trabalho está ancorado nas obras completas de Simón Rodríguez, publicadas pelo governo bolivariano da Venezuela.

Palavras-chave: Educação; Liberdade; América Latina

¹⁸ Jornalista e pesquisadora no Instituto de Estudos Latino-Americanos (IELA), da Universidade Federal de Santa Catarina, parceiros do Projeto Córdoba. Contato: iela@contato.ufsc.br

Resumen: El texto presenta una biografía comentada del educador caraqueño Simón Rodríguez, uno de los más importantes teóricos de la educación en Latino América, considerado un sembrador de escuelas. Creó escuelas por donde pasó y, con el libertador Simón Bolívar, intentó implantar una educación para la formación de republicanos en la América que salía del yugo colonial. En la discusión de los principales presupuestos de Rodríguez, buscaremos pensar las posibilidades educativas en el contexto brasileño que, desde el año 2019, se ha hundido en un tiempo extremadamente conservador que puede regresar profundamente en el área de la educación. El trabajo está anclado en las obras completas de Simón Rodríguez, publicadas por el gobierno bolivariano de Venezuela.

Palabras clave: Educación; Libertad; América Latina

O Brasil se prepara para um momento de grande mudança na educação. A eleição de Jair Bolsonaro para a presidência da República abre as comportas para inúmeros retrocessos além da possibilidade de um totalitarismo político e religioso na escola. A recorrente ideologia do que seus apoiadores chamam de “escola sem partido” ganha força nas comunidades e não são poucos os casos de quase histeria de pais contra professores, os quais acusam de “doutrinadores” sem ao menos conseguir dizer sobre que doutrina estão falando. Na verdade, a direita popular, organizada desde 2013 a partir de sítios na internet, vem disseminando – via notícias falsas – que a escola é um antro de dominação comunista, o que seria engraçado se não fosse trágico. Afinal, se há um lugar onde o comunismo dificilmente é entendido é justamente na escola. Primeiro, porque a formação da maioria dos professores segue a lógica bancária já apontada por Paulo Freire – desde o fundamental até a faculdade – e,

segundo porque o ritmo e o volume de trabalho imposto ao professor dá pouca margem para uma educação crítica e de qualidade. Poucos conseguem manter a cabeça fora da mediocridade. Já é uma tragédia a educação brasileira, mas pode ficar pior. Justamente porque a “escola sem partido” é, ao contrário do que diz, a completa partidarização da educação no rumo do pensamento único e provavelmente do proselitismo neopentecostal.

Nesse contexto como pensar então uma educação que saia do modelo bancário e que avance para uma compreensão não apenas da realidade brasileira, mas latino-americana? Esse é um desafio que assume agora dimensões gigantescas, visto que falar de integração remete ao bolivarianismo, e o bolivarianismo é atacado como “comunista”, numa deturpação completa da ideia original do libertado Simón Bolívar que nada mais era do que o liberalismo esclarecido e com tintas latino-americanas. Bolívar nunca foi comunista. Ele acreditava que seria possível a América Latina se integrar ao modo de produção vigente na época da libertação de Espanha, numa visão que poderíamos hoje agregar ao que alguns chamam como “capitalismo humanizado”. Ou seja, era um liberal que queria acabar com a escravidão, levar a América Latina à modernidade, industrializar, fazer crescer. Mas, pensava que isso não poderia ser feito de maneira isolada pelas então províncias. Sua proposta então era criar um bloco único, a Pátria Grande, que poderia assim dialogar em igualdade de condições com o império inglês e o dos Estados Unidos já em formação. Isso é bolivarianismo: uma proposta de integração dos países latino-americanos. Coisa muito longe do comunismo.

Mas, naqueles dias, como hoje, falar em integração de uma região até então sob o jugo da colônia era uma heresia. E,

por isso Bolívar foi traído e a América Latina toda separada em pequenos países. Dividir sempre foi a melhor tática para dominar. Não é sem razão que quando essa generosa ideia volta à baila com o presidente da Venezuela Hugo Chávez, em 1998, de novo os traidores da liberdade tenham se colocado em guerra para impedir que a integração aconteça. A onda conservadora que hoje varre a América Latina está intimamente relacionada a essa batalha: impedir que a periferia latino-americana seja soberana e forte.

Nesse processo de destruição da ideia de Pátria Grande a educação haverá de cumprir importante papel. Destruir os pequenos avanços conquistados ao longo dos últimos 20 anos será fator fundamental, por isso a batalha do “escola sem partido”. A intenção é varrer dos currículos e das propostas pedagógicas qualquer referência ao pensamento crítico e à história de resistência dos povos. O retorno da moral cívica e do ensino religioso será o caminho para a formatação de uma geração de cordeiros que deverá desconhecer a realidade latino-americana. Resistir a isso será tarefa urgente e necessária. Para tanto, há que voltar a um importante educador latino-americano – Simón Rodríguez – e com ele compreender o que está em jogo na América Latina hoje.

1. Formar para a República

E educação sempre foi uma preocupação de Simón Bolívar quando formulou sua proposta de Pátria Grande. Ele sabia que essa parte do mundo estava para dar um salto histórico de grande importância - sair da escravidão colonial - e, para isso precisaria de uma educação nova, capaz de formar as crianças para os novos

tempos que estavam por vir. Não foi sem razão que ele chamou de volta à América Latina o seu velho professor, Simón Rodríguez, um homem que tinha todas as ferramentas para formular a nova educação para a nova pátria que se formava, liberta da colônia e no caminho republicano. Naqueles dias Simón vivia na Europa, mas se dispôs a voltar, sabendo que era necessário. Mas, afinal, quem era esse Simón e o que pensava sobre a educação? É o que vamos conhecer.

Findava o século 18 quando nesse continente dominado pela ocupação espanhola uma voz solitária propunha outra forma de educar as crianças, para além do simplesmente escrever o nome e soletrar algumas palavras. Essa voz era a do jovem Simón Rodríguez, professor de primeiras letras numa pequena escola da cidade de Caracas, Venezuela. Num documento que entra para a história, ele faz uma ácida crítica ao sistema educacional da época e expõe suas ideias. Segundo Simón, o estado tinha de investir pesado na formação de professores e a educação não podia mais ficar restrita aos jovens brancos bem nascidos. Era necessária uma educação popular capaz de formar meninos, meninas, negros e índios. Essa proposta, revolucionária para aquele então, o colocaria para fora da escola, mas começava aí a incrível trajetória desse educador sem igual na América Latina.

2. O começo

Simón Rodríguez nasce em Caracas no ano de 1771. Ele mesmo contava que fora um menino exposto, daqueles que são colocados nas portas dos conventos. Foi criado por Caetano e Rosália Rodríguez, embora sua educação estivesse a cargo do tio, que era sacerdote. Naqueles dias, a cidade de Caracas era um

lugar aprazível, de grandes solares onde viviam os espanhóis e os *criollos*, servidos por escravos. Para essa sociedade, o trabalho era basicamente uma desonra e aos filhos da classe dominante se permitia unicamente a carreira militar além dos postos de mando da vida cotidiana. Havia apenas três estabelecimentos de educação na cidade: o convento dos Franciscanos, uma escola pública e a Universidade. Simón foi alfabetizado em casa, pelo tio, mas era um garoto aplicado e observador. Amava ler e devorou cada livro que encontrou na biblioteca do tio, que era bem servida. Na Caracas daqueles dias chegavam os franceses da ilustração (Montesquieu, Voltaire, Rousseau) e Simón os conhecia. Também tinha acesso aos escritos que chegavam dos Estados Unidos e acompanhou o processo de independência daquele país, bem como o da Revolução Francesa. Forjava-se nele o espírito da rebelião.

Em 1791, com apenas 20 anos, consegue o cargo de professor na escola pública e tem sob seu comando 114 alunos. Simón não tem experiência, mas observa que o ensino ministrado não tem um método e começa a matutar sobre essa deficiência. Amante de Rousseau, quer estabelecer outra relação com os alunos, mas fica prisioneiro das regras. Então, decide ensinar alguns dos alunos em sua própria casa, que gradativamente torna-se uma escola. A cidade olha curiosa para aquele garoto de aparência séria que dedica sua vida ao ensino. E é essa pequena “fama” que faz com que o tutor de Simón Bolívar peça ao educador que assuma a educação do garoto, então com nove anos. Começa aí a relação dos dois Simóns que mudará a face da colônia.

No começo Simón atende o garoto Bolívar na casa da família e passa a usar com ele as ideias de Rousseau. Uma

educação ao ar livre, repleta de brincadeiras e exercícios físicos. O ensino das letras vai devagar. Com o passar do tempo, a família de Bolívar percebe que não há muito avanço e exige mais. Então, Simón propõe que o garoto fique na escola que mantém em sua casa, junto com os demais alunos. Já naqueles dias a escola de Simón era bem diferente. Recebia, além de filhos da aristocracia, crianças de famílias pobres, uma coisa praticamente inédita para a época. E lá se vai Bolívar estudar com negros e índios, além de dividir o quarto, coisa até então impensável para um herdeiro *criollo*. Há quem diga que foi aí que aquele que seria o “libertador” forjou seu amor pelas gentes da América. Mas, isso são especulações.

O certo é que Simón não se conformava em ver a educação das crianças colocada nas mãos de gente sem formação e sem método. Então se dispõe a registrar uma crítica avassaladora do sistema. Escreve o texto: “Reflexões sobre os defeitos que viciam a Escola de Primeiras Letras de Caracas e os meios para uma reforma por um novo estabelecimento”. Nele, o jovem professor arrasa com o sistema vigente, critica o fato de só ser oferecida educação às crianças brancas e aponta a necessidade de educar as crianças pobres, aos agricultores, aos artesãos. “O regime deve ser de igualdade”, diz. Mostra também que o sistema não se preocupa com a formação dos professores e insiste que esse deve ser o principal fator de mudança. Como proposta exige o aumento do número de escolas, capaz de atender todas as crianças em idade escolar, a formação de professores profissionais, salários dignos para os educadores, jornada de seis horas, móveis adequados para o ensino e finalizava exigindo que se tomasse a sério a escola de primeiras letras. “Uma escola até pode ser superficial, mas não inútil. O

aluno não pode esquecer o que aprendeu. Há que ter cuidado e delicadeza para dar às crianças a primeira ideia de uma coisa”. Dizia isso porque havia a tradição de ensinarem até nas barbearias, enquanto afeitavam os clientes. Simón abominava isso. Defendia que como nessa idade a criança se distrai com qualquer coisa, era necessário um ambiente adequado e que o professor também prestasse atenção nas brincadeiras. “É necessário saber ler em todos os sentidos e dar a cada expressão o seu próprio valor”.

As reflexões de Simón não são bem vindas, nem na escola nem na administração. Ele se indigna e deixa o cargo, seguindo apenas com sua escola, em casa. Nesse meio tempo se engaja num movimento conspiratório pela independência que já existia em Caracas. O grupo é descoberto e Simón acaba fugindo para a Jamaica, visando escapar da justiça colonial. No dia do embarque recebe a visita de seu aluno, Bolívar, do qual se despede. Chegando à Jamaica Simón troca de nome, passa a chamar-se Samuel Robinson. Não quer nenhuma ligação com a vida antiga e jura nunca mais voltar à Venezuela. Pouco tempo depois vai para os estados Unidos onde fica por três anos trabalhando numa gráfica. Lá, ele aprende a editar e inventa uma nova forma de montar os textos, usando letras maiúsculas para destacar bem como criando manchetes.

Tem 30 anos (1801) quando embarca finalmente para a França. Lá abre escolas, ensina espanhol e inglês, lê como um louco e vai consolidando seu pensamento educativo. Três anos depois encontra, em Viena, seu antigo aluno, Bolívar, que passa a conviver com o mestre. Eles leem, estudam e viajam juntos. No ano de 1805 os dois seguem à pé até a Itália, aproveitando para discutir a realidade do mundo e da velha pátria colonizada. E é

justamente no Monte Sacro que os dois fazem seu histórico juramento: libertar a pátria ou morrer. A partir daí, Bolívar retorna para a Venezuela, onde nos anos seguintes vai dar consequência a essa promessa. Simón segue no velho mundo criando escolas por todo o lugar onde passa: Itália, Alemanha, Prússia, Polônia e Rússia. O educador acompanha as façanhas de seu aluno na colônia e percebe que a vida por ali está prestes a sofrer uma grande transformação. Decide então, voltar para casa.

3. O retorno para a América

Simón tem 52 anos quando desembarca em Cartagena em 1823, disposto a dar todo o seu conhecimento para construir a Pátria Grande, liberta do jugo espanhol. Vinha honrar o juramento que fizera com Bolívar há quase 20 anos. As guerras de independência já estavam quase consolidadas. Bolívar era o grande libertador e comandava os destinos de toda a Gran Colômbia. Simón então viaja até Bogotá onde começa a pôr em prática a sua proposta pedagógica, amadurecida por longos anos de estudo e prática. Todos ali já sabem que ele é o grande mestre de Bolívar e todos os recursos são colocados à sua disposição para a criação da **Casa de Indústria Pública**, o que vem a ser o inovador método educativo de Simón. Nessa casa as crianças teriam ensino por tempo integral e além de estudarem as matérias clássicas aprenderiam também um ofício, aprendendo artes mecânicas. Seu foco eram as crianças mais pobres, que precisariam enfrentar o mundo que nascia com uma formação adequada. O educador entendia que o que estava nascendo era uma forma nova de ser nação e por conta disso era necessária também uma nova educação. “Formar o povo deve ser a única ocupação dos que se

ligam a uma causa social”, dizia e, para ele, as novas repúblicas eram essa causa social.

Toda a sua linha de agir pedagógico já tinha sido eternizada num escrito chamado: “Sociedades Americanas”, que ele só conseguirá editar em 1828. Nele, Simón defendia que o aluno dessa nova forma de ser nação tinha de ser um sujeito pensante. “O que pensa, procede segundo sua consciência. O que não pensa, só imita”. Sua preocupação não era formar letrados e sim cidadãos, pessoas capazes de compreenderem seu espaço geográfico e político. Por isso insistia que em vez de papagaiar sobre os persas e os egípcios era necessário entender os índios. Simón queria tomar para si a tarefa de educar os jovens pobres que estavam pelas ruas, os abandonados, os ilegítimos, fazendo com eles se tornassem homens cientes de seus direitos na nova sociedade. “Deixemos a França e vejamos a América”, bradava. Sua proposta era de educação popular para que todos pudessem viver sem amos. “Na educação popular o filho do sapateiro se educa como o filho de um negociante. Ambos aprendem a faculdade do pensar. A instrução é para o espírito assim como o pão é para o corpo”. Simón tinha plena certeza de que se todos fossem instruídos, os ignorantes de então poderiam vir a ser conselheiros e os ladrões, companheiros de viagem. Certo de que a ignorância era a causa de todos os males, seu remédio era a educação. “A América é original, original hão de ser suas instituições e seus governos, e originais os meios de fundar um e outro. Ou inventamos ou erramos”.

Simón Rodríguez não podia conceber que a nova nação se erguesse sob bases antigas, sob imitações da Europa. Queria saídas originais e sabia que isso era possível. Queria homens e mulheres capazes de gerir sua própria história sem precisar de

heróis ou mitos. Um homem que pensa é um homem livre, afirmava. E, para isso, era preciso investir tudo na formação de professores. Depois, com eles, criar as condições para que o ensino fosse um fazer-se compreender e não o velho estilo de trabalhar a memória. A proposta era formar homens úteis à República. Também insistia que era necessário educar e ensinar as mulheres “para que elas não se prostituíssem por necessidade, nem buscassem o casamento para garantir sobrevivência”. Toda a base de sua pedagogia era mesclar o ensino social, corporal e científico. “O fundamento do sistema republicano está na opinião do povo. Ninguém faz bem o que não sabe, então não se pode fazer uma república com gente ignorante”.

Seu conceito original de escola, a escola social, é o que ele tenta pôr em prática na Colômbia, mas não encontra eco. Ele queria formar pessoas que atendessem a uma autoridade social e não pessoal. Foi o precursor da Escola de Artes e Ofícios, da Universidade Popular. Na época, comandava a Colômbia aquele que viria a trair toda a proposta de Bolívar: Santander. E obviamente esse tipo de ensino não lhe era favorável.

4. De novo com Bolívar

Quando Simón finalmente encontra Bolívar, depois de mais de ano de sua chegada, decide que não é mais possível ficar na Colômbia e segue com seu antigo aluno rumo ao Peru. Bolívar quer que o velho mestre se incorpore ao esforço de construir a grande pátria americana e não mede esforços nem recursos para que ele consiga colocar em prática suas ideias educativas. Simón segue então para a cidade de Cuzco onde cria um colégio já dentro do seu padrão: para crianças pobres, com ensino de

ciências, arte e trabalho. Para isso usa os espaços e o dinheiro das congregações religiosas, o que também já coloca uma boa parte do clero contra ele. Mas, como está com Bolívar, tudo vai se fazendo conforme as regras ditadas por Simón. Em várias cidades peruanas surgem colégios desse tipo. Logo em seguida eles partem para a Bolívia aonde vão se encontrar com Sucre. Na cidade de La Paz Simón estrutura uma biblioteca e Bolívar decide nomear o professor para comandar todo o processo de Educação no nascente país. Assim, no ano de 1825, Simón é nomeado Diretor de Ensino e prepara um Plano Educativo para o governo de Sucre. Entendia ele que o primeiro dever de um governo é dar educação ao povo e, assim, monta uma proposta semelhante a que tinha tentado trabalhar na Colômbia: uma escola social. Para isso buscou recolher todos os órfãos que andavam vagando pelas ruas e os colocou em ambiente adequado para o ensino das artes, da ciência e do ofício. Também procurou acolher as meninas, as quais acreditava mereceriam também receber educação. Da mesma forma que no Peru, também usou propriedades da igreja.

Bolívar segue seu caminho e deixa Simón na Bolívia. Sem a proteção do libertador, Simón vai perdendo apoio no seu projeto. As autoridades locais, os padres e até mesmo Sucre não conseguem entender os métodos de caraquenho. É que ele insistia em proporcionar aos alunos aquilo que havia de melhor. Os melhores móveis, as melhores máquinas para o trabalho, os melhores professores. Tudo isso custava dinheiro e, no meio da guerra, os que estavam no comando acreditavam que havia coisas mais urgentes para investir. Seis meses depois de estar no cargo de Diretor Geral, ele sai de Chuquisaca e vai para Cochabamba criar mais uma escola. Aproveitando a ausência, o prefeito da cidade fecha a sua Escola Modelo que abrigava mais de 200

crianças. “Essa é uma escola para cholos e filhos de putas”, dizia o prefeito, e pregava a necessidade de ter uma escola apenas para “gente decente”. Intrigado com os padres que não queriam ver os bens da igreja sendo dispensados aos garotos pobres e aos índios, Simón vai sendo derrotado. Até mesmo Sucre o repreende pelo alto valor dos gastos e Simón se sente insultado. Então, renuncia ao cargo e sai da Bolívia. “Por querer ensinar mais do que todos sabem, não me entenderam, muitos me depreciaram, e alguns me ofenderam. Entretanto, para fazer republicanos é preciso gente nova”.

Derrotado na Bolívia ele volta ao Peru, vai para a cidade de Arequipa onde escreve seu livro “Sobre o Projeto Popular” que é a sistematização das experiências que ele havia dado início na Colômbia e na Bolívia. Ali orienta, mais uma vez, o ensino da ciência, das letras e de ofício, defende a educação das meninas, dos índios e dos pobres. “Todos devem ser bem alojados, bem vestidos e alimentados”. Sua proposta era de educação integral. Além disso, preocupava-se com a situação dos pais das crianças. Acreditava que era preciso garantir trabalho a eles, e socorro se fossem inválidos. “Há que formar homens úteis, dar-lhes terras e auxiliar nos seus negócios”. Não é sem razão que o método de Simón é visto como assustador pelos novos dirigentes *criollos*. Sua proposta educativa era também uma revolução social e econômica.

5. Educação colonizada

Naqueles dias em que a independência se consolidava não eram poucos os educadores europeus que vinham oferecer seus serviços a Bolívar e aos outros dirigentes das repúblicas. Um deles

foi Lancaster. Seu método aparecia como muito mais interessante para os novos governadores porque era bem mais barato do que o de Simón. Lancaster propunha que os alunos mais adiantados fossem os professores dos menores, o que para Simón era uma vilania. Afinal, o pilar de sustentação do seu método era justamente a formação dos professores, a qualificação dos mesmos. “Instruir não é educar, nem instrução pode ser equivalente à educação, ainda que instruindo se eduque”, dizia, mostrando que aluno não podia educar aluno. Acreditava que na primeira escola as crianças, mais do que aprender a pintar as palavras, precisavam aprender a pensar e a raciocinar. E isso era tarefa para gente capacitada a educar. Simón trabalha com uma pedagogia prática: expõe como ensinar lógica, o idioma, o cálculo, a história, sempre por princípios e “como os princípios estão nas coisas, se ensinará a pensar”. Esse era seu mantra. “Ler não será estropear palavras para ganhar tempo, mas sim dar sentido aos conceitos. Assim, quem não entende o que está lendo, não deve ler”. E assim esgrimia sua crítica ao método lancasteriano. “O que pode ler aquele que não tem ideias?” Simón acreditava que ensinar mal era um crime que se cometia contra aqueles que deveriam ser os novos dirigentes na nova América.

6. Morre Bolívar

O ano de 1830 é particularmente triste para todo o continente sul-americano. A proposta de Bolívar de criar uma grande pátria, compostas por províncias interdependentes, fracassa. Traído pelos velhos companheiros, doente, Bolívar vê seu sonho desmoronar como um castelo de cartas. Certos de que a enfermidade vencerá o libertador, os novos dirigentes vão

dando fim a qualquer rastro da Pátria Grande idealizada por ele. Sucre, que seria o braço direito do libertador e seu natural sucessor, é assassinado em uma emboscada. Pouco depois, Bolívar morre, abandonado e degredado. Para Simón, tudo aquilo também significaria a derrota de seu projeto de educação. Sem seu velho amigo e marcado como um dos homens de Bolívar, Simón terá seu caminho sistematicamente travado a partir daí.

Abandona Arequipa e segue para Lima, onde recomeça a dar aulas. Mas, não consegue avançar no seu método. As famílias “de bem” o chamam de louco e imoral, porque ele insiste em educar as meninas e os índios. Ainda assim, insiste na crítica à educação da época, escrevendo num jornal local: “Para ser uma república há que se investir em educação popular. Com homens já formados só se pode fazer o que se faz hoje: desacreditar a causa social”.

Simón permanece em Lima até o ano de 1834, quando completa 60 anos. Recebe o convite de um amigo para ir ao Chile ser reitor de um Colégio Provincial. Apesar de todos os ataques que sofre, ainda restam muitos seguidores de Bolívar, muitos homens dispostos a dar outra cara para as repúblicas nascentes e é aí que ele se ampara. Che ao Chile e prefere dirigir uma pequena escola, onde seu método pode vingar. Lá, ele ensina a partir de quatro quadros, que desenha na lousa. O primeiro era o fisionômico, no qual repassava as noções acerca das matérias e dos ofícios. O segundo era o fisiográfico, no qual repassava o conhecimento mais aprofundado sobre os temas. O terceiro era o fisiológico, no qual ensinava as ciências e o quarto era o econômico, no qual ensinava filosofia. Sua maneira de ensinar era expositiva. Não usava textos, apenas os quadros sinópticos, sempre apontando explicações que estivessem ao alcance dos

alunos. “Encontrem vocês as suas ideias, para fixa-las e retê-las na memória. Procurem armazenar as ideias e se perguntem sobre o que fazer”.

7. Um homem sem raiz

Quando tudo parecia caminhar bem, alguma coisa acontecia e obrigava o velho educador a se mover. Era como se ele fosse predestinado a não encontrar guarida. Um ano depois de estar no Chile, um grande terremoto destrói a escola e faz com que Simón mude-se outra vez. Segue agora para Santiago onde abre uma escola e uma fábrica de velas, para dar aos alunos a possibilidade de aprender um ofício. Continua tentando imprimir uma educação transformadora, ainda acredita na possibilidade de um mundo novo. “A educação pública no século XIX pede muita filosofia. O interesse geral está chamando por uma reforma e a América está chamada pelas circunstâncias para empreendê-la. A América não deve imitar servilmente e sim ser original. Ideia, ideias, primeiro que letras”.

Naqueles dias, apesar de todos os infortúnios, Simón era muito procurado por educadores de todo o mundo. Vinha gente da Europa para conhecê-lo e aprender seu método. Mas, na América mesmo, sua voz era como pérolas aos porcos. Tanto que as escolas que criava acabam se fechando por falta de recursos. Não havia quem bancasse. E os que bancavam exigiam mudanças, queriam baixar os custos. Simón não aceitava. Foi o que se passou em Valparaíso, onde foi também obrigado a desistir da escola, embora seguisse com a fábrica de velas. Com sua fina ironia, dizia: “A liberdade me é mais querida que o bem estar. Vou continuar iluminando a América, sigo fazendo velas”.

A experiência chilena logo se desfaz e Simón volta para Lima onde permanece até o ano de 1843. Lá, aproveita o tempo para escrever seus livros. Tem 72 anos quando desde o Equador, um velho amigo o chama para ensinar na cidade de Latagunga. Atravessa os Andes no lombo de uma mula, mas não fica por lá muito tempo, em função da instabilidade política. O chamam da Venezuela, mas ele se nega a voltar. Segue então para a Colômbia outra vez. Apesar da idade, está forte e continua abrindo escolas por onde passa. Quando completa 80 anos de vida retorna para o Equador onde permanece por três anos ainda ensinando no Colégio São Vicente.

No final do ano de 1853 decide voltar para o Peru com o filho José e um amigo. Leva com ele tudo o que tem. Uma muda de roupa e duas caixas de livros. Sem recursos, eles decidem ir por mar, numa balsa. O mar encapelado, tempestades e eles se perdem. Quase naufragam. Acabam batendo numa pequena comunidade de pescadores. Simón está muito fraco e tem problemas de intestino. Os pescadores temem que seja doença contagiosa e expulsam os viajantes. O amigo vai até a aldeia, buscar ajuda junto ao padre. Explica quem é Simón, sua situação e o padre decide ajudar. Mas, depois, informado de quem era Simón, chamado de louco e imoral, não deixa que o velho venha para a aldeia. O confina numa propriedade fora do povoado. Simón vai definhando. Apenas uma caridosa mulher leva comida, apesar de ter sido proibida. Dois dias antes de morrer, manda chamar o padre. Ele vai, achando que o velho vai se confessar. Não o faz. Segundo o amigo, Camilo Gomez, ele apenas disserta uma arenga materialista e diz que a única religião que teve na vida foi o juramento que fez, junto com Bolívar, no Monte Sacro, de libertar a América. No dia seguinte, morreu. Foram 83 anos de

caminhada pelo mundo, incompreendido, amaldiçoado. Mas nunca traiu seus princípios.

8. O legado

Simón foi, em tudo, um homem original. Casou-se cedo, teve um filho, mas não viveu para ser um pai de família tradicional. Seu destino era o de ser um plantador de escolas por todo o lugar onde passou. E não foram poucos. Saiu da Venezuela, por conspirador, e nunca mais voltou. Mas nunca deixou de mandar dinheiro para a esposa, apesar de nunca mais vê-la. Forjou seu pensamento acerca de educação na crítica sistemática e seu maior legado foi ter pensado a América desde a América. Não foi capaz de se oportunizar das novas possibilidades do mundo novo que se abria. Insistiu no seu método de ensinar a pensar os meninos, as meninas, os negros e os índios, a quem chamada de “os donos do país”. Queria formar gente capaz de ser sujeito de sua própria vida. “Dos brancos não espere nada. Mais vale entender os índios que a Ovídio”. Acreditava que a escola devia ser um lugar de acolhimento, com espaço para a educação e a brincadeira, tirando as crianças da rua. Queria seres pensantes: “Que aprendam as crianças a serem perguntadoras, para que pedindo o porquê se acostumem a obedecer a razão, não à autoridade como os limitados, nem aos costumes como os estúpidos”.

Simón também ensinava a partir da realidade local, da observação da realidade da criança. “Se ensinamos ciências exatas e de observação, os jovens aprenderão a apreciar o que pisam”. Ministrava uma educação social, não individual. Propunha-se a tirar o pobre da ignorância. “O homem não é

ignorante porque é pobre, senão o contrário. Ensinem e terão quem saiba, eduquem, e terão quem faça. A América não deve imitar servilmente, deve ser original”.

Aquele que forjou Bolívar para a libertação tinha tanto amor pela educação que, apesar de toda a sisudez, foi capaz de produzir poesia. “Ler é ressuscitar ideias sepultadas no papel. Cada palavra é um epitáfio. Chamá-las à vida é uma espécie de milagre e, para fazê-lo, é necessário conhecer o espírito das palavras”. Tratado como louco ele ficou esquecido por longo tempo. Agora, tal qual as palavras que amava, ele também ressuscita, para assumir seu lugar no panteão dos grandes sábios dessa Abya Yala.

O Brasil desses dias precisa de educadores que se desafiem como Simón, que amem como Simón, que se disponham a ressuscitar palavras que a maioria vai querer manter escondidas. Serão tempos difíceis, mas fecundos. Educar para a vida, educar para a liberdade, educar para o exercício da soberania popular segue sendo absolutamente necessário e mostra que o sonho de Simón Rodríguez ainda não se cumpriu. É hora de os educadores fazerem realidade essa proposta.

Referências

Obras completas de Simón Rodríguez – Tomos I e II. Presidencia de la República. Venezuela, 1999.

sobre tudo

RECORRIDOS POR ABYA YALA LATINA

Yeni poet (Jimena Garrido)¹⁹

Tum..... tu-tum..... tum tu tum..
Un pulso fuerte hoy me ha despertado,
el retumbar de un latido pesado
de un pueblo con nombre muy escuchado
que siente suyas esas historias del pasado.

Y me pregunto... qué es eso que..
qué es eso que llevan escrito en los ojos,
qué es eso que cargan tendido en los brazos,
qué es eso que llevan tatuado en la mente,
qué es eso que defienden con uñas y dientes,
qué es eso que pintan de mil colores.
América Latina con tantos folklores.

¹⁹ Profesora de la Escuela Superior de Comercio Manuel Belgrano (UNC), actualmente Coordinadora del Intercambio entre la UFSC y la UNC. Contacto: profechorra@gmail.com

América Latina de gente que sueña,
que imagina y la engendra,
que crece, crea y vuela
en busca de nuevos caminos a través de las fronteras.

El tiempo los ha preparado.
Memorias pasadas, vivencias marcadas
de luchas comunes y heridas de espada.
Costumbres plurales, miradas variadas
mezclados colores, fronteras quebradas.

Latente es la lucha que lleva
que une o crea fronteras
pero más fuerte es el anhelo del cambio
de un diverso pueblo cantando.

Existe y no está.
A veces es líneas, a veces es mapa,
otras, sentimientos que se hamacan.
A veces me hablan de rasgos y raza,
otras de banderas, ritmos que se enlazan.
A veces se mueve o si no se estanca,
me han dicho que siempre se levanta.

(Trabajo de Julieta Sarabia - Irina Rodríguez, alumnas de historia sociocultural latinoamericana, ESCMB 2018)

Resumo: A partir do convite para escrever algumas palavras sobre experiências de viagem entre alunes e professores de Córdoba e Florianópolis, pretendo compartilhar algumas perguntas sobre a América Latina, a ficção brilhante que nos une, obscurece e desperta.

Em 2018, como professora de "Historia Sociocultural Latino-Americana", desenvolvi um programa para desvendar histórias sobre a imaginação em torno da "América Latina" (AL) a partir de uma perspectiva histórica "cultural", atenta aos significados a partir dos quais essa noção emergiu e se transformou. Nós nos concentramos em questões de gênero, etnia, raça e classe que permeavam histórias na tecitura deste manto. Por meio da análise de textos artísticos, acadêmicos e jornalísticos, a proposta era reconhecer o uso da AE, desde a ordem colonial até o início do século XXI, de modo a identificar significados dominantes e dissidentes nesses usos e a pensar as potencialidades dessa ficção corporificada em ações contemporâneas.

Palavras-chave: América Latina; História Sociocultural; Gênero; Etnia; Raça; Classe

Resumen: A partir del convite a escribir unas palabras sobre experiencias de viajes entre alumnes y profesores de Córdoba y Florianópolis, pretendo compartir algunas preguntas sobre Latinoamerica, ficción brillante que nos reúne, obnubila y despierta. En 2018, como profesora de "Historia Sociocultural Latinoamericana", diseñé un programa para destejer historias de las imaginaciones en torno a "América Latina" (AL) desde una perspectiva histórica "cultural" atenta a significados con que emergió y se transformó esta noción. Nos centramos en problemáticas de género, etnia, raza y clase que atravesaron historias en las reconfiguraciones de este manto. A través de análisis de textos artísticos, académicos, periodísticos, se propuso reconocer usos de AL, desde el orden colonial hasta comienzos del S XXI, para identificar significados dominantes y disidentes en estos usos y pensar las potencialidades de esta ficción corporificada en acciones contemporáneas.

Palabras clave: América Latina; Historia Sociocultural; Género; Etnia; Raza; Clase

Introducción

Doy clases de ciencias sociales en la Escuela Superior de Comercio Manuel Belgrano de la Universidad Nacional de Córdoba, en Argentina, hace más de una década y hace dos años participo de la comisión de intercambios. A partir del convite a escribir unas palabras sobre experiencias de viajes entre alumnos y profesores de Córdoba y Florianópolis, pensé sería lindo, a la vez que repensar estos intercambios, compartir algunas preguntas sobre Latinoamérica, ficción brillante que nos reúne, obnubila y despierta.

Este año 2018, como profesora de “Historia Sociocultural Latinoamericana” (que se dio por primera vez debido a un reciente cambio de plan de estudios), diseñé un programa para destejear historias de las imaginaciones en torno a “América Latina” (AL). La materia ofreció una aproximación a AL desde una perspectiva histórica “cultural” atenta a significados con que emergió y se transformó esta noción. Nos centramos en problemáticas de género, etnia, raza y clase que atravesaron historias en las reconfiguraciones de este manto. A través de análisis de textos artísticos, académicos, periodísticos, se propuso reconocer usos de AL, desde el orden colonial hasta comienzos del S XXI, para identificar significados dominantes y disidentes en estos usos y pensar las potencialidades de esta ficción corporificada en acciones contemporáneas.

1. Soñemos despiertos

La primera clase presenté algunas historias de las historias culturales. La “historia cultural” emergió en Alemania del siglo XVIII ligada a sus preocupaciones por registrar lo que sucedía en el campo artístico, literario y científico. Este significado de cultura se ligaba a las luchas de la burguesía alemana por acceder al poder. Según explica Gustavo Blázquez (2012):

Kultur fue el concepto utilizado como autoimagen ideal por parte de la elite burguesa ilustrada alemana, con un escaso peso poblacional, cuyos miembros se encontraban aislados, dispersos y sin participación en el mundo de las civilizadas cortes aristocráticas. Excluidos de la política, estos grupos buscaron refugio en la *Kultur* como un instrumento de crítica no política al régimen político.

La historia cultural clásica, entre 1800 y 1950 (Burke,2000), buscó retratar una época determinada desde el “canon” de las obras maestras (arte, literatura, filosofía, ciencia, etc.), producidas por la sociedad estudiada. En la década de 1970 intelectuales propusieron una nueva línea de estudio: la *volkskultur* o cultura popular, que tenía su impronta en algunos anticuarios y folcloristas alemanes del siglo XVIII y en los antropólogos decimonónicos. Historiadores propusieron hacer frente al descuido del enfoque historiográfico tradicional hacia “la gente común y corriente” y a la preeminencia de los estudios históricos político-económicos. La Nueva Historia Cultural, desde una mirada microscópica y transdisciplinar, pesquisó representaciones en tensión, y “los desechos” que quedaban fuera del ojo de otras disciplinas.

En una larga tradición del estudio de temas culturales desde el siglo XVIII alemán hasta la Nueva Historia Cultural, el común denominador, en palabras de Peter Burke (2000), es “la preocupación por lo simbólico y su interpretación”. Jacques Le Goff (2010) proponía el terreno de lo imaginario como objeto de la historia cultural y escribía: “Lo imaginario puede definírsele como el sistema de sueños de una sociedad que transforman lo real en visiones apasionadas. La historia de lo imaginario es la historia de la creación y uso de imágenes que hacen actuar y pensar”.

A partir del relato de algunos sueños de alumnos y con la propuesta de profanar una ciencia colonial que nos llega, traducimos la propuesta de Le Goff en los siguientes términos: “Lo imaginario puede definírsele como un jardín de sueños comunes con puertas de mil caras, que transforman lo real en visiones apasionadas. Las historias de lo imaginario son historias de la creación y uso de imágenes que nos hacen actuar y pensar”. Con este rezo comenzábamos todas las clases.

2. Imaginaciones de AL

Con las herramientas mencionadas, buceamos en documentos y encuestas e identificamos que eran relatos artísticos, periodísticos, cartográficos y académicos, las formas preferidas con las cuales aparecía AL. Entre las sensibilidades que la bañaban, predominaban la opresión y la lucha, marcadas por el fibrón indeleble de la colonización europea y las dictaduras. Abundancia de riquezas naturales, pobreza, calidez y alegría (Loza, 2013), también se repetían como marcas de esta “comunidad imaginada” (Anderson, 1993).

Los textos académicos que trabajamos desplegaban tensiones presentes en las definiciones de lo propio de AL. Bohoslavsky (2009) mostró la imposibilidad de definir a AL como territorio de fronteras fijas, por su lengua o religión común (marcadas ambas por la herencia colonial), y proponía entender esta comunidad por aquello que no era: EEUU.

3. Historias de imaginaciones

Las imaginaciones dominantes en torno a AL conllevaban viejas historias. AL, es un nombre colonial. El Gymnasium Vosagense, en la abadía de Saint Diése, fue un centro erudito con el mecenazgo del duque de Lorena. Allí, según explica Funes, en 1507 se fechó el mapa en el que por vez primera aparece el nombre de "América".

Al parecer, fue el mismo duque de Lorena quien entregó a los monjes cartógrafos la versión francesa de los cuatro viajes de Amerigo Vespucci. Y eso cambió los planes. Audaces, emprendieron la tarea del bautismo. En el lugar en el que Américo Vespuccio había colocado "Mundus Novus", los monjes, fascinados por el descubrimiento, pusieron "América", de Amerigie (tierra de Américo), y el femenino era para hacer corresponder esa "cuarta parte" con un nombre de mujer, como Europa, Asia y África. (Funes, 2008: 2).

El nombre "América Latina", doblemente colonial, surgió mediados del siglo XIX como estrategia cesarista de Napoleón III, en una renovada rivalidad interimperial.

El término "América Latina" surge como un esfuerzo consciente y explícito del Segundo Imperio Francés para asimilar sus intereses comerciales y diplomáticos con los de las jóvenes

repúblicas americanas, de manera tal de competir en mejor condición con otras potencias europeas como abastecedoras de préstamos, bienes industriales y culturales. La invención de la latinidad tenía varias ventajas simultáneas: la primera de ellas es que dejaba afuera a los ingleses y a los que habitaban en las excolonias británicas, los estadounidenses; la segunda es que desplazaba a España como referencia europea directa para los americanos. (Bohoslavsky, 2009: 2)

¿Cómo el estigma se vuelve virtud? Norbert Elías (2000), en su trabajo sobre las maneras en que se construyen establecidos y marginados, plantea: “dale a un grupo un nombre malo, y vivirá según él” (101). Las estigmatizaciones pueden convertirse en apatía paralizante o anarquía. Y en otras cosas también. ¿Cómo se pasó AL de nombre colonial a categoría reivindicatoria?

En las encuestas que realizamos en la materia, cuando se preguntaba por espacios de pertenencia, no aparecía AL como opción. Cuando se le preguntaba a le encuestado si se sentía latinomericano, la mayoría respondió que sí, e identificaban esta identidad como una cultura, con historia de lucha, un carácter cálido y alegre, lo que coincidía con imaginaciones estampadas en canciones y poemas.

Luego de su bautismo colonial, las historias de las imaginaciones mutan. AL se asoció al anterior sueño (de fines del siglo XVIII) de "Nuestra América", propuesto por sectores de elite. Dicho sueño, según Funes, marcó una alteridad respecto de la metrópoli y acompañó el proceso de independencias coloniales.

EL nombre y sus carnes siguieron viajes, y se transformaron en bocas de cartógrafes, militantes de movimientos sociales o partidos políticos, artistas y estudiosos, en

una ficción acogedora ligada a la experiencia de sumisión y a la prescripción de la esperanza y la lucha.

Abya Yala, la tierra que acoge a todes, es el nombre que propusieron en grupos indígenas para rebautizar a AL. Aún con la imposibilidad de encontrar una palabra capaz de dar cuenta de las aperturas, diferencias y movilidades de cualquier forma social, AL, en diálogo con viejos sueños monárquicos, renace entre extinciones de flora abundante.

Destejer las historias de “AL”, de sus significaciones operantes, puede ser una florida vía para reinventar historias comunes abrazadoras. AL es una buena excusa para juntarnos, andar senderos, mutar percepciones, planear próximos buenos tiempos en amistad transformadora.

Bibliografía

ANDERSON, Benedict. 1993. **Comunidades imaginadas**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica.

BLÁZQUEZ, Gustavo. 2012. ¿“Cultura para todos” (y todas)? En **Reflexiones**. Córdoba: Editorial Cepia.

BOHOSLAVSKY, Ernesto. 2009. Qué es América Latina, el nombre, la cosa y las complicaciones para hablar de ellos. Ponencia. **Taller de reflexión sobre América Latina**, Universidad Nacional de General Sarmiento, Los Polvorines, 15 y 16 de octubre. Pp. 1-12.

BURKE, Peter. 2000. **Formas de historia cultural**. Madrid: Alianza Editorial.

FUNES, Patricia. 2008. América Latina, los nombres del Nuevo Mundo. **Programa de capacitación multimedial Explora**.

GARRIDO, Jimena. 2018 Los usos de la cultura, hacia unas historias socio-culturales. **Apuntes de cátedra**. ESCMB. UNC.

LE GOFF, Jacques. 2010. **Héroes, maravillas y leyendas de la edad media**. Barcelona, Paidós.

LOZA, Jorgelina. 2013. Representaciones sobre América Latina en sectores populares de Argentina y Uruguay (2008-2011). En: **Revista de Estudios Latinoamericanos**.

ELIAS, Norbert y John SCOTSON. 2000. **Os establecidos e os outsiders**. Río: Jorge Zahar.

sobre tudo

LA GENESIS DE LA “REFORMA DO ENSINO MÉDIO BRASILEIRO”

Thereza Cristina Bertazzo Silveira Viana²⁰

Resumo: Em 2017, ano do 25º aniversário do intercâmbio, os professores do Colégio de Aplicação foram convidados para participar, na condição de professores intercambistas, das atividades de comemoração em Córdoba. Este artigo sintetiza a discussão conduzida por mim, na Argentina, sobre a Reforma do Ensino Médio que estávamos vivendo naquele momento, em fase final de discussão para posterior aprovação em forma de lei. Lamentavelmente, essa lei foi aprovada e as críticas tecidas naquela análise, feita em setembro de 2017, tornaram-se extremamente atuais.

Palavras-chave: Escola; Reforma do Ensino Médio; Leis de Diretrizes e Bases do Brasil (LDB)

Resumen: En el marco de los 25 años del intercambio, en el 2017, los profesores del Colégio de Aplicação fueron invitados a participar, en la condición de profesores intercambistas de las actividades

²⁰ Doutora em Sociologia e Professora de Sociologia do Colégio de Aplicação da UFSC. Contato: therezacristinaviana@gmail.com

conmemorativas em Córdoba. Este artículo faz la síntesis de la discusión por mi conducida, en Argentina, sobre la Reforma de la Enseñanza Secundária llevada a cabo en aquel momento por el gobierno brasileño. Lamentablemente, esa ley fue aprobada y las críticas tejidas en aquella análisis, hechas en septiembre del 2017, hicieronse extremadamente actuales.

Palabras clave: Escuela; Reforma de la Enseñanza Secundária; Ley de *Diretrizes e Base* (Directrizes y Basis)

Intercâmbio de ideias, experiências e reflexões no contexto do Projeto Córdoba

Desde que ingressei como professora de Sociologia no Colégio de Aplicação/UFSC, em 2011, tenho participado como orientadora dos projetos que os estudantes brasileiros elaboram para desenvolverem em Córdoba, Argentina e também colaborado com o desenvolvimento dos projetos que os estudantes cordobeses trazem para desenvolverem em Florianópolis, Brasil. Desta forma, pude estabelecer diversos intercâmbios de ideias, experiências e reflexões com as e os estudantes, que faço questão de nomear: Lucas Brandalise Machado, Maíra Moreira Mayer, Maria Eduarda de Moraes Sirydakís, Tamara Nizetich, Stephanie Garcia Bilhas, Valentina de Andrade Paiva, Vitória Martins da Silva, Mariana Silva, Ricardo Krüger, Julieta Cuevas, Florencia Duartez, Florencia Aranda, Agustina Blas Flores, Regina Pedraza, Florencia Quinteros, Joana Milan Lorandi, Maria Antônia Matheus Lopes, Júlia Toledo Melo Braga Henriques. Além destes, muitas e muitos outros estudantes foram e vieram durante os 25 anos em que o intercâmbio entre o

Colégio de Aplicação da UFSC e a Escuela de Comercio Manuel Belgrano da Universidad de Córdoba acontece.

No ano de 2017, ano do 25º aniversário deste intercâmbio, fomos convidados para participarmos, agora na condição de professores intercambistas, das atividades de comemoração deste aniversário em Córdoba. Aceitei o convite e preparei uma pequena apresentação sobre a Reforma do Ensino Médio que estávamos vivendo, naquele momento, sua fase final de discussão e aprovação em forma de lei. Lamentavelmente, a esta lei foi aprovada e as críticas tecidas naquela análise, feita em setembro de 2017, tornam-se extremamente atuais. Por este motivo, apresento na íntegra o que discutimos com jovens estudantes da Escuela de Comercio Manuel Belgrano e os intercambistas do Colégio de Aplicação sobre a Reforma do Ensino Médio.

La genesis de la “Reforma do *Ensino Médio Brasileiro*”

Quiero empezar esta charla haciendo una denuncia: los brasileños estamos sufriendo un terrible golpe parlamentario, judicial, policial, ético y, fundamentalmente, mediático. Este golpe está imprimiendo a la sociedad brasileña un retroceso sin precedentes en la historia del Brasil. Desde la destitución de la presidente Dilma Rousseff muchas reformas fueron hechas para retirarles al pueblo brasileño sus derechos, como el derecho a la jubilación pública, el derecho a una jornada de 8h por día de trabajo, el derecho de tener vacaciones, el derecho de ser contratado por la empresa en la cual se va hacer el trabajo, (con lo que llamamos la tercerización de la mano de obra), los

derechos sociales y, entre ellos, el derecho a una educación pública.

Habiendo hecho esta denuncia, ahora explico de cuales de estos derechos voy a hablar más específicamente: **del derecho a la educación.**

Pero antes mismo de empezar, quiero hacer unas preguntas para que podamos reflexionar un poco:

1. ¿Quién creó las escuelas?
2. ¿Con cuál objetivo?, ¿O sea, para qué sirve la escuela?
3. ¿En qué sistema económico las escuelas de Brasil y de Argentina están insertas?

El sistema educacional brasileño, tal como fue creado, desde siempre estuvo inserto dentro de la lógica capitalista. Por eso, las escuelas, de una manera o de otra, incluyen algunos estudiantes y, de forma más o menos explícita, excluyen otros. La lógica capitalista de que los medios de producción deben ser privados y que, por eso, el objetivo último del sistema económico debe ser el lucro, estaba, ya desde antes del golpe político, presente en la educación brasileña. Presente de tal modo que existe una cantidad de escuelas que son privadas y la mayoría de los hijos de las personas de las clases media y alta sólo frecuentan escuelas privadas. O sea, la educación, en muchos casos, dejo de ser un derecho y se convirtió en mercadería producida y comercializada por empresas privadas, para atender a las demandas de las clases dominantes.

Entonces, ustedes pueden estar preguntándose: ¿Pero si esta lógica ya estaba presente antes del golpe vivido en el 2016 en el Brasil, qué fue lo que efectivamente cambió en el contexto de la educación brasileña?

Bueno, con el golpe y con la apropiación de todas las pautas políticas por medio de reformas hechas apresuradamente, y aprobadas de forma relámpago por el Congreso Nacional, el gobierno golpista de Michel Temer impuso esta lógica capitalista **a TODAS las escuelas brasileñas**, o sea las públicas y las privadas, y además, de una forma muchísimo más radical, con el objetivo de silenciar cualquier movimiento de resistencia.

Fue aprobada en 2016 una medida provisoria N°746, que en 2017 se convirtió en la Ley N. 13.415 que hace una gran reforma en el *Ensino Medio brasileiro*, lo que acá en la Argentina sería más o menos el equivalente a la secundaria. Por eso, a partir de ahora voy a llamarla reforma de la Secundaria. Esta reforma impregna la moral capitalista a todo el sistema de educación brasileño de una forma extremadamente autoritaria. Y, lo peor, está siendo presentada por los medios de comunicación como **un proceso natural e inevitable por el cual debe pasar la educación**.

Con el discurso de que tanto la educación, como las escuelas son tal cual como existían en la Edad Media, que a los estudiantes no les gusta más este modelo de educación, que se sienten aburridos con las metodologías de los profesores y que se aprende muchas cosas innecesarias en las escuelas, una parte de la población brasileña, ve con buenos ojos la reforma de la secundaria y por eso la están apoyando. Esta parte de la población no se está dando cuenta de que lo que está en juego es la formación de los jóvenes, que pasa a estar direccionada **única y exclusivamente** para actuar en el mercado de trabajo. Pero no cualquier mercado de trabajo, sino el mercado de trabajo precario, que exige baja escolaridad, que tiene bajos sueldos y en el cual no habrá derechos laborales.

El ministerio de la educación brasileño defiende tal reforma con dos justificaciones principales:

Primero: Es necesario levantar las barreras que impiden el crecimiento económico brasileño y una de estas barreras es la calificación de la mano de obra. Ellos presentan datos mostrando que, en el Brasil, faltan personas con habilitación y calificación para muchos puestos de trabajo.

Segundo: que las escuelas, tal cual están diseñadas y sus currículos hinchados de disciplinas no necesarias, no atraen la atención de los jóvenes y, por eso, el alto índice de evasión escolar justamente durante el periodo de la secundaria.

Vamos detenernos en la primera justificación: existe un número grande de brasileños con baja calificación para el trabajo y por eso la escuela secundaria precisa de una reforma. Esta afirmación no está del todo equivocada. Hay si muchos jóvenes que no poseen formación adecuada para ocupar muchos de los puestos de trabajo; y si, la educación básica brasileña necesita una reforma, pero la pregunta que debemos hacer es **¿qué tipo de reforma?**

Para los dirigentes de la reforma, el objetivo es **formar capital humano** para atender a las demandas del mercado de trabajo.

En la lógica actual de una globalización neoliberal, la reforma de la secundaria está justificada por la necesidad de aumentar la competitividad del Brasil en el mercado internacional. Para eso, la educación debe atender a las necesidades del mercado del trabajo.

Muchos podrían preguntar ¿Cuál sería el problema de que una reforma en la educación busque mejorar la calificación de los jóvenes, para que el Brasil pueda alcanzar un pleno desarrollo?

El problema consiste en que, como ya había dicho antes, en el Brasil existen dos tipos de escuelas básicas: las públicas y las privadas. En la forma como está presentada tal reforma, las escuelas públicas irán a formar a los jóvenes para ocupar los puestos de trabajo precarios y las escuelas privadas harán una formación más amplia, preparándolos para la profesionalización en las universidades.

¿Basada en qué datos yo afirmo esto?

Bien, junto con la reforma de la secundaria, el gobierno también aprobó una propuesta de enmienda constitucional que congela las inversiones públicas en las instituciones públicas para los próximos veinte años. O sea, el presupuesto que el Colegio de Aplicação recibe hoy será lo mismo en el 2027 y lo mismo hasta 2037. Eso significa que el gobierno está disminuyendo drásticamente toda la inversión en educación, además de imponer que las escuelas empecen a funcionar en horario integral, sin ninguna contrapartida en el presupuesto. Es un claro estrangulamiento de las escuelas públicas, para que ellas se vean obligadas a desarrollar asociaciones público/privada con instituciones como la Fundación Lemann, el Instituto Ayrton Senna y el Banco Itaú. Instituciones éstas que, justamente, están entre los principales impulsores de esta reforma. O sea, el resultado final, a lo largo del tiempo, de la reforma de la secundaria será la privatización de la educación pública brasileña, transformando entonces **el derecho a la educación en un privilegio**, para los que puedan pagar por ella.

En este sentido, los medios de comunicación de masas están haciendo el trabajo muy bien articulado con el gobierno y las empresas privadas: ellos lanzan constantemente propagandas que utilizan el discurso de que el Brasil necesita avanzar

tecnológicamente y calificar su fuerza de trabajo para que pueda ocupar mejores posiciones en la división internacional del trabajo, y todo eso porque vivimos en una sociedad globalizada y neoliberal. Con este discurso los medios han convencido a mucha gente que **no hay otra solución** que hacer esta reforma en la educación y que ella posibilitará cambios significativos para la formación de los alumnos.

Volvemos ahora a la segunda justificación: que las escuelas, tal cual están diseñadas y sus currículos hinchados de disciplinas no necesarias, como Sociología por ejemplo, no han atraído más la atención de los jóvenes y, por eso, el alto índice de evasión escolar, justamente durante el período de la secundaria. Esta afirmación tampoco está del todo equivocada. Sí, hay un alto índice de evasión escolar de los jóvenes, principalmente en el período de la secundaria.

Pero el **motivo** de la evasión no es la desmotivación de los alumnos, ni tampoco los currículos inflados. El motivo de la evasión se da por la forma en que la lógica capitalista está impregnada, en las escuelas. Esta lógica no permite que los estudiantes trabajadores tengan condiciones de concluir sus estudios, esta lógica imprime una educación meritocrática, en la cual los estudiantes que no logran alcanzar las notas necesarias para aprobar en las materias se sienten fracasados e incapaces de seguir sus estudios. Ellos mismos acaban por creer que el problema es individual, de ellos, y no de la forma como está organizada la escuela.

Esta lógica capitalista no ofrece a los docentes un plan de carrera posible y humano, toda vez que los que trabajan en las escuelas públicas poseen bajísimos sueldos y tienen una carga horaria frente a alumnos de 40 horas semanales, cuando no de

60 horas, o sea, dan clases en los tres turnos, mañana, tarde y noche.

Esta lógica no permite que el gobierno invierta en el mantenimiento de las escuelas, que están cada vez más con espacios físicos precarios e insalubres.

O sea, **¿Cuál es el verdadero motivo de la evasión escolar de los jóvenes brasileños?** Dependiendo de la respuesta, la solución pasa por caminos muy distintos de lo que está siendo hecho en la reforma de la secundaria. La solución pasa por mejorar las condiciones laborales de los profesores, dar oportunidades a los alumnos que necesitan trabajar para seguir sus estudios, mejorar las condiciones físicas de las escuelas, o sea, invertir en la educación y no retirar dinero destinado a este fin para pagar deudas y favorecer el mercado financiero.

Otro aspecto importante es que la reforma defiende que la escuela secundaria ofrezca por lo menos dos de las cinco áreas del conocimiento, que en el Brasil están divididas de la siguiente manera: Lenguaje; Matemática; Ciencias naturales; Ciencias humanas y sociales; Formación técnica y profesional. O sea, no hay más, por parte de las escuelas y del gobierno, por consecuencia, la obligación de ofrecer una formación general en todas esas áreas del conocimiento, como lo que tenemos hoy. Según los defensores de la reforma, los estudiantes podrán elegir cuál de esas áreas irán a cursar y montar su propio currículo.

Bueno, ahora sí, ustedes deben estar preguntándose: ¿Cuál el problema? Si acá en la Escuela Manuel Belgrano estamos divididos de esta forma y funciona muy bien.

Hay que entender algunas especificidades de la educación brasileña para comprender porque eso va aumentar más las desigualdades en la educación, desigualdad ésta que ya existe en

el Brasil. Muchas escuelas públicas brasileñas trabajan con un cuadro de profesores en el límite, o, en muchos casos, no hay profesores suficientes. Con eso, muchos docentes se ven obligados a dar clases en disciplinas que no es la de su formación, por ejemplo, hay profesores de matemática dando clases de química, o profesores de historia dando clases de geografía o de filosofía.

La reforma apunta a que las escuelas deben ofrecer dos o más *itinerarios formativos*, o sea de estas cinco áreas ya citadas, las escuelas deben ofrecer por lo menos dos **“conforme la relevancia para el contexto local y la posibilidad de los sistemas de enseñanza”**.

Con esto el gobierno busca que las escuelas formen mano de obra para atender las demandas de las empresas e industrias locales (**relevancia para el contexto**) y las desobliga de ofrecer algún área en la cual no hay profesores en el establecimiento (**la posibilidad de los sistemas de enseñanza**).

Con eso, todo el discurso de que los estudiantes podrán elegir las disciplinas e montar su propio currículo para atender mejor a sus deseos de formación es una verdadera mentira. Los alumnos de las escuelas públicas, a lo largo del tiempo, **no tendrán opciones**, al revés, serán obligados a estudiar lo que el mercado dicta y necesita y no lo que a ellos les gustaría. Ojo, eso será solamente la realidad de las **escuelas públicas**, porque las escuelas privadas seguirán formando sus alumnos de la forma más completa posible, al final, para ingresar a la universidad en el Brasil, cualquier que sea la carrera, los estudiantes necesitan aprobar en una prueba que se llama **vestibular**. Conseguir puntos suficientes en esta prueba, es la condición del ingreso a la universidad. Y en el vestibular, los estudiantes son obligados a

hacer pruebas de todas las materias, o sea, física, matemática, historia, geografía, biología, química, sociología, filosofía, lengua portuguesa y una lengua extranjera, que puede ser inglés o español. Además, en las carreras específicas como las de artes o música necesitan hacer una prueba de aptitud en el área.

Ahora yo pregunto a ustedes: ¿Cuál es el principal objetivo, oculto en el discurso de los medios y del gobierno, de la reforma de la secundaria en el Brasil?

Impedir el ingreso de los hijos de las clases trabajadoras brasileña a las universidades y garantizar que ellos tengan una formación exclusiva de preparación para el mercado laboral, pero para ocupar los puestos más bajos. Es una reforma de cuño clasista, elitista y que está vestida con un ropaje de “mejorías en la educación brasileña”. Pero su objetivo es justamente al revés. Su objetivo es aumentar el abismo ya existente en la sociedad brasileña entre los ricos y los pobres, profundizando drásticamente la desigualdad social y posibilitando libre intervención del mercado privado en la educación pública, para que las empresas puedan ampliar la exploración de la mano de obra de los trabajadores y de las trabajadoras brasileñas.

Referências

MOTTA, Vânia Cardoso da; FRIGOTTO, Gaudêncio. Por que a urgência da reforma do Ensino Médio? Medida provisória nº 746/2016 (Lei Nº 13.415/2017). **Edu. Soc.**, Campinas, v 38, n.139, p. 355-372, abr.-jun, 2017.

OLIVEIRA, Dalila A. Das políticas de governo à política de estado: reflexões sobre a atual agenda educacional brasileira. **Edu. Soc.**, Campinas, v.32, n.115, p. 323-337, abr.-jun, 2011.

SIMÕES, Willian. O lugar das Ciências Humanas na “reforma” do ensino médio. Revista Retratos da Escola, Brasília, v.11, n.20, p. 45-59, jan.-jun., 2017. Disponível em: <[HTTP/www.esforce.org.br](http://www.esforce.org.br)>.

sobre tudo

ABAJO DE LA ESCALERA

Mariana D'El Rei Martins²¹

Sandra Mendonça²²

Resumo: Esta pesquisa analisa as condições de trabalho dos funcionários de serviços gerais terceirizados, vinculados à Escola Superior de Comércio Manuel Belgrano, no que tange à satisfação no exercício da função e à valorização da categoria dos funcionários de serviços gerais. Além disso, diante da substituição da mão-de-obra terceirizada pela contratação direta de funcionários, que aconteceu na referida escola no curso de 2014, incluiu-se como objetivo de pesquisa compreender os motivos que levaram à mudança no modo de contratação dos funcionários de serviços gerais. Entre os resultados obtidos, constataram-se divergências nas opiniões de professores, estudantes e funcionários administrativos no que diz respeito à contratação dos funcionários de serviços gerais. O término de

²¹ Estudante do Ensino Médio do Colégio de Aplicação até 2015, intercambista do Projeto Córdoba em 2014. Pesquisa orientada pelas professoras Sandra Mendonça CA/UFSC e Valéria Britos.

²² Doutora em Geografia pela UFSC e professora de Geografia aposentada do Colégio de Aplicação da UFSC. Fundadora e Coordenadora do Projeto Córdoba de 1992 a 2015. Contato: Sandra.mendonça@ufsc.br

contratação de terceirizados ocorreu por motivos financeiros, pois a contratação direta seria menos dispendiosa à Escola Manuel Belgrano.

Palavras-chave: Trabalho; Terceirização; Precarização; Satisfação

Resumen: Esta investigación analiza las condiciones laborales de los empleados del mantenimiento, tercerizados, vinculados a la Escuela Superior de Comercio Manuel Belgrano, en lo que se refiere al ejercicio de sus funciones y la valoración de la categoría de los trabajadores de servicios generales. Entre los resultados obtenidos, se constató divergencias en las opiniones de profesores, estudiantes y personal técnico administrativo en lo que respecta a la contratación de empleados de servicios generales. El término de la contratación de tercerizados ocurrió por motivos financieros, pues la contratación directa es menos costosa a la Escuela Manuel Belgrano.

Palabras clave: Trabajo; Terceirización; Precariedad; Satisfacción

Introdução

Nos últimos anos as instituições – sejam elas públicas ou privadas – vêm necessitando de mudanças constantes para se manterem vivas no mercado. Diante dessa realidade, para se manter no mercado competitivo, administradores sugerem que é inevitável que empresas privadas e instituições públicas mantenham em seu quadro funcional uma parcela de funcionários terceirizados. Ratificando esse contexto, DRUCK (1999) aponta que a terceirização é uma forma de as organizações se flexibilizarem e adaptarem a um mercado que está em constante mudança, exigindo montagens e desmontagens frequentes de seus processos organizacionais.

Esta política adotada pelo Estado, ou seja, a de inserir em seu quadro funcional uma gama de funcionários terceirizados, exime a responsabilidade legal de o Estado oferecer um vínculo trabalhista mais digno. SANTOS (2005) aponta que esta política também é conhecida como neoliberalismo e promove um enxugamento do Estado com o recuo de investimentos nas questões sociais e trabalhistas, o que supostamente aumentaria a oferta de emprego ao auxiliar as organizações a diminuírem os custos com encargos trabalhistas.

Sabe-se que implementar um processo de terceirização nas instituições não é uma tarefa simples, visto que proporciona inúmeros problemas, desde a insatisfação pelas condições de trabalho disponibilizadas a esses funcionários até o material por eles utilizado. Também envolve mudanças salariais e de carga horária, que impactam na valorização ou desvalorização dos trabalhadores, dos serviços prestados, do relacionamento no ambiente de trabalho, na rotatividade de setores, entre outros.

Diante desse contexto e buscando compreender não só o porquê do fim da terceirização de funcionários de serviços gerais da Escuela Superior de Comércio Manuel Belgrano, mas também a percepção da comunidade escolar, no que se refere à valorização dos serviços, é que surgiram as perguntas dessa pesquisa: os funcionários de serviços gerais vinculados à Escuela Superior de Comercio Manuel Belgrano sentem-se satisfeitos pela sua escolha profissional? Eles sentem-se valorizados pelo trabalho que executam? Como a comunidade escolar se porta perante estes serviços? E o que levou a escola a não mais terceirizar funcionários, contratando-os de forma direta?

1. Terceirização na América Latina: uma breve contextualização

O cenário político e econômico da década de 1990 proporcionou a expansão e a progressão no processo de terceirização do trabalho na América Latina, decorrente de um dinamismo precário no mercado de trabalho e de um aumento da economia informal. Houve uma grande diversificação dos setores em que a terceirização teve maior incidência na América Latina: na Costa Rica os serviços estavam com maior foco na “plantação de bananeira, palma africana, empresas maquiladores e manutenção e operação de redes elétricas e de telecomunicações”²³. No México, a terceirização focou a administração de pessoal, enquanto no Uruguai a terceirização atingiu, sobretudo, a mão-de-obra responsável pelo reflorestamento.

152

No Brasil, o processo de terceirização do trabalho incidiu nos serviços de limpeza e conservação, de vigilância, de atividades jurídicas e contábeis e da informática, além da prestação de serviços na área da arquitetura, engenharia, publicidade e aluguel de transportes. Na Argentina, os serviços de limpeza e vigilância também foram alvo de terceirizações, porém se restringiam aos estabelecimentos bancários.

Observa-se que houve uma ampla diversificação de setores e atividades terceirizadas desenvolvidas nos diversos países da América Latina. Contudo, ficou evidente que essas

²³ FALVO, Josiane F. Balanço da regulamentação da terceirização do trabalho na América Latina. Brasília/DF: Revista da ABET, 2010. 26 página.

atividades estão sendo desenvolvidas de forma desenfreada, de modo a colocar muitas vezes os trabalhadores na economia informal. Essa situação, agravada no decorrer dos anos de 1990, precisa ser melhorada, pois tem levado os trabalhadores a se submeterem a condições precárias e empregos que não lhes oferecem estabilidade, remuneração adequada ao serviço prestado, seguridade social, segurança e regulamentação da jornada de trabalho.

2. Contextualização da Escuela Superior de Comercio Manuel Belgrano

A Escuela Superior de Comercio Manuel Belgrano é uma instituição pública localizada na Ciudad Universitaria de Cordoba, Argentina. Foi fundada em 1938 e está vinculada à Universidad Nacional de Cordoba (UNC) – 4ª universidade mais antiga da América Latina, cuja fundação data de 1613. Em 2010, os estudantes da UNC totalizavam 105.054, distribuídos em treze faculdades e dois colégios, entre os quais a Escuela Superior de Comercio Manuel Belgrano, onde realizamos essa pesquisa.

Atualmente, a Escuela Superior de Comercio Manuel Belgrano é dirigida pelo professor Francisco Alejandro Ferreyra e nela estão matriculados aproximadamente 2 mil estudantes. Para ingressar na escola os estudantes precisam ser aprovados em um processo seletivo, no qual realizam provas de cálculo e língua materna. Após a conclusão dos primeiros quatro anos iniciais, os estudantes podem optar por estudar *Ciencias Naturales*,

Humanidades y Ciencias Sociales ou *Economía y Gestión de las Organizaciones*.

Além dos estudantes, a comunidade da ESDCMB é composta por 376 funcionários, a maior parte professores e técnicos-administrativos. Entre eles estão os 16 funcionários que executam os serviços gerais, ou seja, fazem a limpeza das instalações da escola. Esses trabalhadores, bem como sua relação com a instituição de ensino que os emprega, compõem o objeto desta pesquisa.

3. Objetivos

3.1 Objetivo geral

Analisar a situação dos funcionários de serviços gerais da Escuela Superior de Comercio Manuel Belgrano, de modo a perceber o grau de satisfação/insatisfação dos trabalhadores no exercício de suas funções, bem como a valorização/desvalorização sentida por esses sujeitos por parte dos diversos setores que compõem a comunidade escolar. Esta pesquisa também tem como objetivo investigar o motivo do fim da terceirização dos funcionários desse setor e como se deu a retomada da contratação direta.

3.2 Objetivos específicos:

- analisar o nível de valorização da categoria de serviços gerais na percepção da comunidade em que estão inseridos;
- identificar o grau de satisfação dos funcionários do setor de serviços gerais na ESCMB no exercício de suas funções;

- identificar a razão do fim da terceirização dos funcionários do setor de serviços gerais.

4. Metodologia

Para a realização da pesquisa, previamente à saída de campo, foram construídos questionários que seriam aplicados junto aos estudantes, professores e funcionários técnicos-administrativos. Também foi elaborado um roteiro de entrevistas a serem realizadas junto aos funcionários de serviços gerais e junto à direção da ESCMB.

Mediante a autorização da escola, aplicou-se um total de 189 questionários nos estudantes dos cursos de *Ciencias Naturales, Humanidades y Ciencias Sociales e Economía y Gestión de las organizaciones*, representados pelos seguintes códigos e turmas: 5EG2, 5EG4, 5HCS2, 6EG4, 6CN1, 7HCS1 e 7HCS2. O mesmo questionário também foi aplicado e respondido por 26 funcionários técnicos-administrativos e professores.

Realizaram-se entrevistas também com os professores Francisco Ferreyra e Lucas Albano, Diretor e Vice-Diretor, respectivamente, da ESCMB. O mesmo instrumento de pesquisa foi utilizado com 9 funcionários que exercem a função de serviços gerais na escola. Cabe salientar que, no que diz respeito às entrevistas, todas foram filmadas.

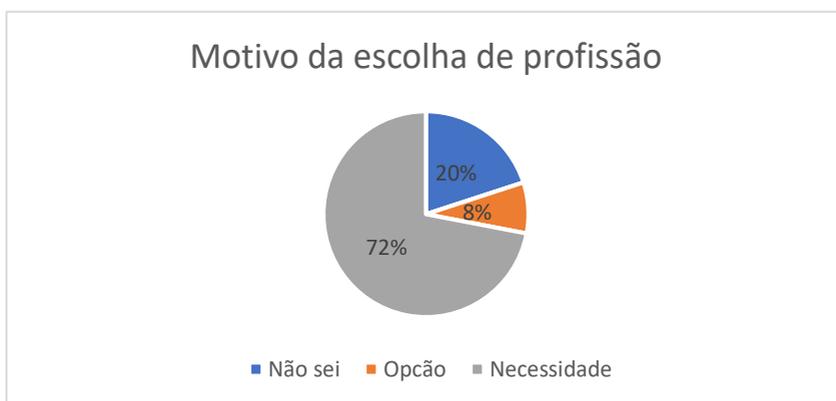
Durante a experiência em Córdoba foi possível acompanhar o cotidiano dos funcionários e por meio da observação direta e da produção de imagens em vídeo, foi possível fazer importantes registros para a pesquisa. Por fim, com

o material coletado foi possível construir um audiovisual que retrata o contexto institucional dos funcionários responsáveis pela limpeza da escola. Produzido a partir de uma mirada crítica, esse audiovisual buscou criar uma outra percepção a respeito desse grupo de trabalhadores e dar visibilidade a esta condição de trabalho e de vida.

5. Demonstração dos resultados da pesquisa

A primeira etapa da pesquisa em campo ocorreu, conforme previsto, a partir da aplicação dos questionários previamente desenvolvidos junto aos estudantes. Desta categoria participaram 189 alunos, com faixa etária entre 14 e 19 anos, matriculados entre o 5º e 7º ano, compreendendo os cursos 5EG2, 5EG4, 5HCS2, 6EG4, 6CN1, 7HCS1 e 7HCS2. Na investigação junto aos estudantes chegamos aos seguintes resultados:

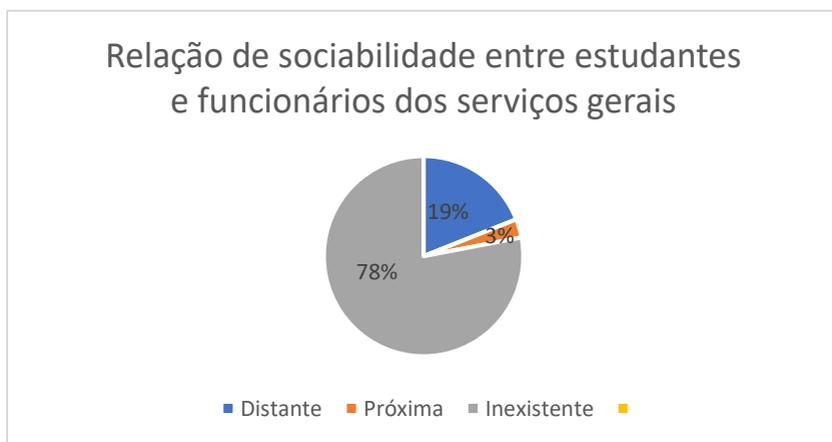
Gráfico 1



No que diz respeito a escolha da profissão de serviço geral, 72% dos estudantes entrevistados creem que os funcionários de serviço de limpeza atuam nesse ramo por necessidade, diferente dos 8% que acreditam que sejam uma opção, conforme apresenta o gráfico 1²⁴.

Em seguida, buscou-se verificar o grau de relacionamento entre estudantes e funcionários da limpeza. Numa gradação que variou entre distante, próximo e inexistente 78% dos entrevistados afirmaram que o modo com que se relacionam com esses trabalhadores é inexistente; 19% consideram distante e 3% dos estudantes acreditam ter uma relação próxima com esses funcionários, como podemos ver no gráfico abaixo:

Gráfico 2



²⁴ Todos os gráficos aqui apresentados foram elaborados pela autora no contexto da realização da pesquisa.

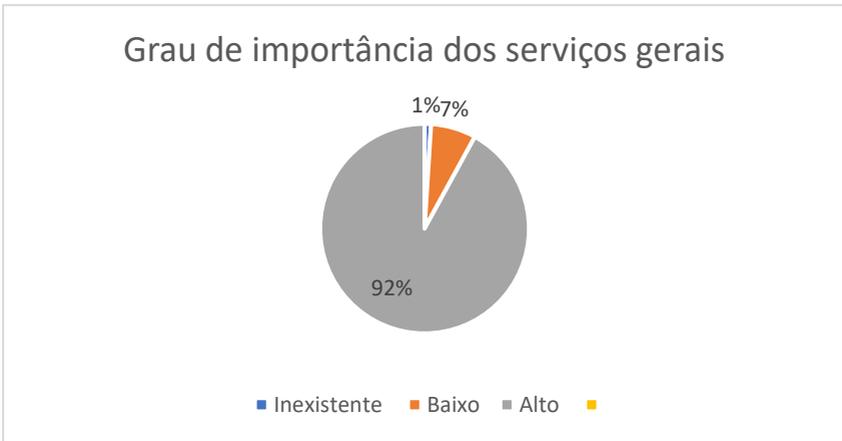
Nesta etapa da pesquisa também foi possível verificar que os estudantes da Escola Superior de Comercio Manuel Belgrano consideram que a função do trabalhador dos serviços gerais não é valorizada. Quando questionados sobre o grau de valorização que a comunidade escolar atribui a esses trabalhadores, a ampla maioria dos entrevistados considera que essa categoria de trabalhadores é pouco valorizada:

Gráfico 3



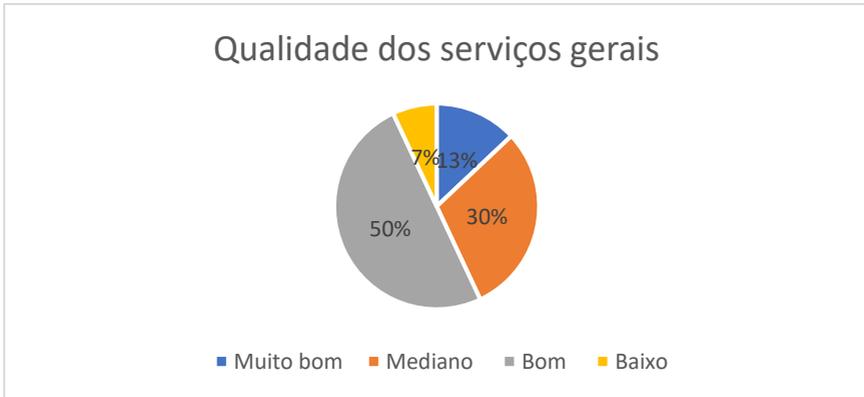
O gráfico 4 diz respeito à importância que os estudantes atribuem à limpeza da escola e às funções exercidas pelos trabalhadores dos serviços gerais. Nesse quesito, a ampla maioria dos entrevistados atribuiu um elevado grau de importância aos serviços prestados por esses profissionais.

Gráfico 4



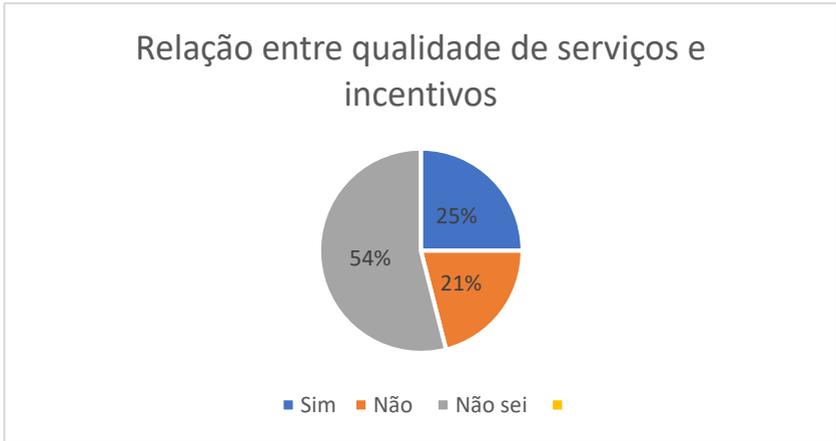
Em relação à qualidade dos trabalhos exercidos, as respostas representadas no gráfico 5 demonstram que apenas uma minoria, 7% dos estudantes, considera ser baixa, sendo que 50% dos entrevistados consideram que o serviço prestado seja bom, 30% consideram mediano e 13% consideram muito boa a qualidade dos serviços prestados pelos trabalhadores da limpeza.

Gráfico 5



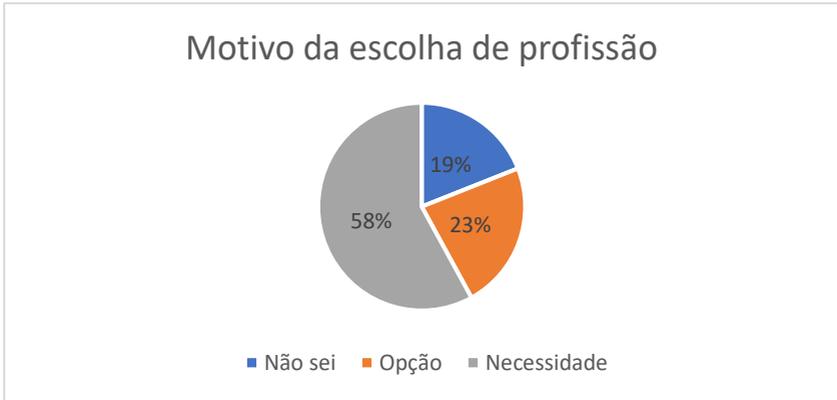
Questionou-se também se os estudantes percebem uma relação entre a qualidade do serviço de limpeza da ESCMB e o salário e as condições oferecidas aos trabalhadores dessa atividade. Nesse aspecto, mais da metade dos entrevistados não sabia ou não queria responder, 25% afirmaram que há sim uma relação entre salário e qualidade dos serviços. 21% dos estudantes restantes alegaram não perceber qualquer relação (ver gráfico 6).

Gráfico 6



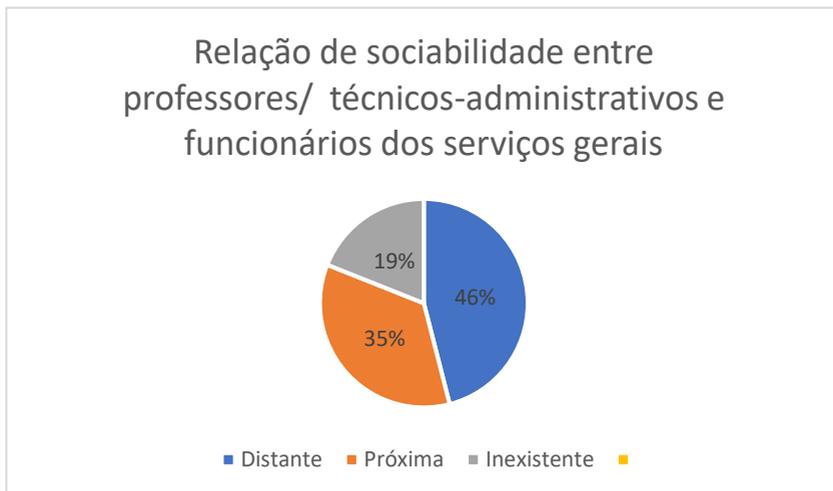
O objetivo da pesquisa era estudar o modo como toda a comunidade escolar se relacionava com os trabalhadores dos serviços gerais, por isso o mesmo questionário foi aplicado também junto aos técnicos-administrativos e aos professores da ESCMB. Os resultados revelaram que, no que diz respeito às motivações que levaram à escolha da profissão no serviço geral, 58% dos professores e técnicos-administrativos acreditam que os funcionários da limpeza atuam nesse ramo por necessidade, diferente dos outros 23% que acreditam que seja uma opção profissional, conforme representa do gráfico abaixo:

Gráfico 7



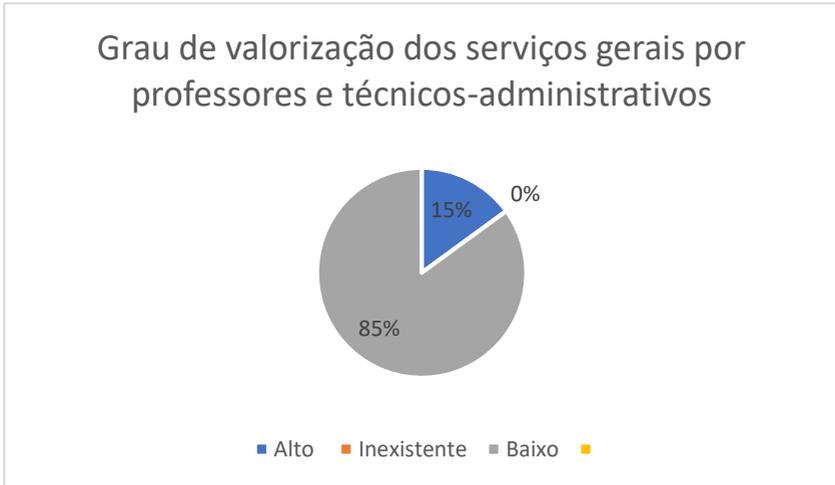
Quanto ao relacionamento entre técnicos-administrativos e professores e os trabalhadores dos serviços gerais obteve-se como resultado, conforme apresentado no gráfico 8, que 46% dos entrevistados veem sua relação com os trabalhadores dos serviços gerais como algo distante, 35% consideram que estabelecem uma relação próxima e 19% afirmam não possuir relações de quaisquer espécie.

Gráfico 8



A partir das respostas coletadas no questionário entregue aos professores e funcionários técnicos-administrativos, verificou-se que estas categorias de trabalhadores não consideram que a função de serviços gerais seja bem valorizada. Entre os entrevistados, a ampla maioria atribui um grau baixo de valorização aos funcionários da limpeza.

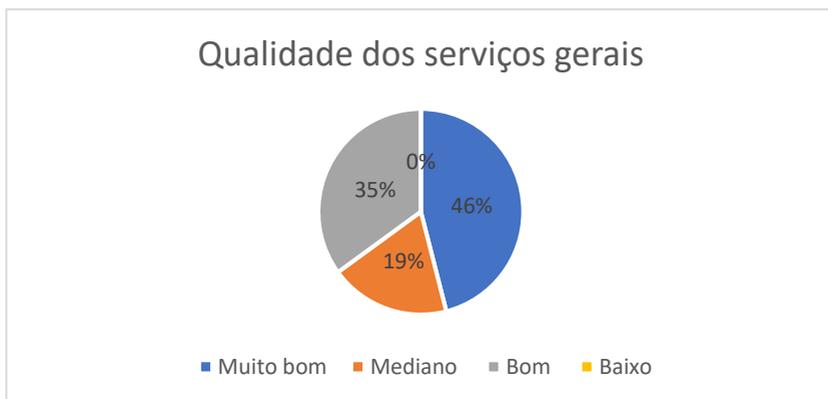
Gráfico 9



Destacamos que foi unânime entre professores e técnicos-administrativos o posicionamento de que os serviços prestados pela categoria de serviços gerais são importantes: 100% dos entrevistados fizeram essa declaração.

Em relação à qualidade dos trabalhos ofertados, as respostas representadas no gráfico 11 demonstram que nenhum dos entrevistados alegavam ser baixa, sendo que 46% dos entrevistados consideravam que o serviço prestado era muito bom, 35% bom e uma minoria de 19% consideravam-no mediano.

Gráfico 11



Questionou-se se há uma relação entre a qualidade do serviço de limpeza exercido na ESCMB e o salário e as condições oferecidas aos trabalhadores que a exercem. A maioria dos entrevistados, 66% não souberam responder, enquanto 19% afirmaram que há relação e os 15% restantes alegaram que não percebem relação (ver gráfico 12).

Gráfico 12



Na segunda etapa da investigação os funcionários dos serviços gerais foram consultados, por meio entrevistas, cujas respostas foram compiladas, como apresentaremos a seguir.

Quanto ao cotidiano desses trabalhadores, verificou-se que a maioria acorda entre 5h30 e 7h. Utilizam eventualmente carro próprio como meio de transporte, mas em geral transporte coletivo, táxi, e até mesmo caminham. Também se constatou que moram, em alguns casos, com os pais, filhos e esposa(o). Sobre gostar da atividade que desenvolvem, todos disseram que sentem prazer em exercer seu trabalho, seja por estarem satisfeitos com a equipe em que trabalham, seja por considerarem acolhedora a comunidade escolar da ESCMB. Todos têm carga horária semanal de 35 horas de trabalho.

Observou-se que todos se sentem bem trabalhando. A razão deste sentimento envolve a satisfação em trabalhar com

uma equipe amigável e sentir-se valorizado pela comunidade da ESCMB pelo serviço exercido.

Entre os entrevistados, verificou-se que todos exercem funções de serviços gerais no colégio há quase um ano, exceto quatro, que já exerceram funções na condição de terceirizados anteriormente (sendo que dois deles eram terceirizados no colégio e dois em outras instituições). A maioria dos entrevistados desenvolve atividades somente na ESCMB.

Notou-se que todos os entrevistados sentem seu trabalho valorizado – tanto por meio de elogios e agradecimentos recebidos diariamente, quanto pela conservação da limpeza realizada.

Nenhum dos entrevistados sofreu nenhum tipo de acidente no trabalho e todo material utilizado no desenvolvimento de suas atividades é disponibilizado pela instituição. Consideram o material de ótima qualidade. Quando o serviço era realizado por empresa terceirizada, consideravam que o material era de baixa qualidade.

Todos disseram possuir local destinado à higiene, lanche e descanso, mas quando eram contratados pela empresa que terceirizava seu trabalho também possuíam. Todos os entrevistados afirmam querer continuar prestando serviços para a instituição e almejando crescer dentro dela. Sobre esse aspecto, todos os entrevistados tinham perspectivas de carreiras distintas quando eram mais jovens: bombeiro, escritora, secretária, assistente de supermercado, bioquímica.

Averiguou-se que fora do horário do trabalho esses trabalhadores costumam buscar outras maneiras de efetuar

trabalhos extras. No tempo livre, a maioria afirma dedicar atenção à família e ao seu bem-estar, por exemplo, indo à academia.

Quando arguidos sobre seus sonhos, obteve-se como respostas frequentes “ver o sucesso dos filhos”, “construir uma família”, “possuir uma casa própria” e “completar os estudos”. Consideram também que o salário recebido pelos funcionários terceirizados não é condizente com a quantidade dos serviços executados.

Por fim, na investigação junto à Direção e à Vice Direção da escola, obteve-se os resultados que agora discutiremos. Identificou-se que apenas o setor de limpeza da ESCMB era terceirizado. Há cerca de 6 ou 7 anos este setor contava com aproximadamente 15 - 16 funcionários. No entanto, consideram que a qualidade do serviço prestado pelos terceirizados não era boa e que os salários que eles recebiam não eram condizentes com o tanto que trabalhavam. Segundo a Direção da escola, a mudança na forma de contratação dos serviços gerais foi motivada pela situação econômica da ESCMB: para cobrir os gastos da empresa terceirizada a instituição necessitava utilizar recursos próprios, não restando recursos para a manutenção da escola, como pequenos consertos, aquisição de materiais didáticos, etc. Diante disso, a instituição era obrigada a pedir ajuda extra à Universidad Nacional de Cordoba (UNC), para continuar funcionando. Para solucionar essa crise financeira, cortou-se a relação com as empresas terceirizadas.

Quando questionamos à Direção se ela conseguiria viver na condição de um terceirizado, afirmou que diante da situação

econômica atual da Argentina, o salário que eles recebem não permite satisfazer necessidades pessoais, tanto sendo terceirizado quanto contratado. Que a terceirização acontece devido à carência de trabalhadores e recursos. Considera, ainda, que a terceirização não é uma opção ética, pois é um regime que precariza a vida de um trabalhador.

Por fim, os diretores da ESCMB consideram que as mudanças que ocorreram em 2014 em relação à nova forma de contratação de funcionários para os serviços gerais foram positivas, pois os trabalhadores contratados, cientes da possibilidade de crescer dentro do colégio, fazem seus serviços com mais responsabilidade e sabem que possuem um grau maior de importância dentro da instituição.

6. Análise e interpretação dos resultados da pesquisa

Confirmou-se a informação de que apenas o setor de limpeza da Escuela Superior de Comercio Manuel Belgrano era terceirizado, com aproximadamente 16 funcionários e que manteve esse regime por cerca de 7 anos. No ano de 2014, os funcionários de serviços gerais passaram a ser contratados diretamente pela instituição, de forma permanente, por meio de avaliação escrita e de currículo. A mudança na forma da contratação foi motivada pela situação econômica em que se encontrava a escola e teve como finalidade eliminar os gastos com as empresas terceirizadas.

Ficou evidente, na demonstração dos resultados, que a comunidade escolar – estudantes, professores, técnicos-

administrativos – compactuam da mesma opinião em relação ao motivo da escolha da função de serviços gerais, ou seja, a maioria acredita que o trabalhador opta por essa profissão por necessidade. Como se identificou que os funcionários de serviços gerais tinham anteriormente perspectivas de carreiras diferentes das que eles atualmente exercem, como ser bombeiro, escritora, secretária ou bioquímica, a necessidade parece ter prevalecido na hora da escolha da profissão, apesar de gostarem da atividade que desenvolvem e sentirem prazer em realizá-la.

Outro fator que vem corroborar com essa interpretação, é o fato destes trabalhadores almejarem permanecer prestando serviços para a instituição, porém, desejando construir uma carreira, ou seja, tendo uma ascensão profissional. A Direção da ESCMB afirma que isto é possível, já que com o novo tipo de contratação de via direta os funcionários da limpeza podem fazer seus serviços com mais responsabilidade e empenho graças à possibilidade de crescerem dentro do colégio, além de saberem que possuem um grau maior de importância dentro da instituição.

Essa pesquisa também permitiu observar que a relação de sociabilidade entre estudantes, técnicos-administrativos e professores com os funcionários de serviços gerais é bastante restrita, quase inexistente em muitos casos. Apesar de distante, os trabalhadores de serviços gerais consideram-se satisfeitos com a equipe com a qual trabalham e também com o tratamento humano e acolhedor da comunidade da ESCMB para com eles.

Também foi possível perceber que a ampla maioria de professores, estudantes e técnicos administrativos consultados

considera a categoria dos servidores da limpeza desvalorizada, apesar de os próprios trabalhadores do setor sentirem-se valorizados. O que intriga esta pesquisadora é que estas categorias consideram aquela outra desvalorizada, mas ao mesmo tempo desconhecem a relação entre a qualidade de serviço *versus* a remuneração e as condições de trabalho. E, ainda, como mencionado anteriormente, tanto professores quanto estudantes e técnicos administrativos têm pouco envolvimento com o grupo dos trabalhadores do serviço geral. Mas é certo afirmar que representantes de toda a comunidade escolar consideram como muito boa a qualidade dos serviços prestados, bem como é quase unânime a importância atribuída aos serviços gerais dentro da instituição pesquisada.

Os funcionários de serviços gerais consideram que os salários percebidos por trabalhadores terceirizados não é condizente com a qualidade dos serviços executados. O mesmo afirma a Direção da ESCMB, quando considera que terceirizados são mal remunerados e que diante da crise econômica que está passando a Argentina não é possível satisfazer necessidades pessoais com a remuneração recebida.

Os funcionários de serviços gerais contratados de forma direta possuem uma carga horária de 25 horas de trabalho semanais, mesmo assim, fora do horário do trabalho buscam outras maneiras de realizar atividades extras para complementar a renda familiar, o que leva a crer que mesmo com a contratação direta seus salários não são suficientes para manter suas famílias. Ainda com as horas que lhes restam dedicam atenção à família e ao próprio bem-estar.

Os trabalhadores pesquisados exercem funções de serviços gerais na ESCMB há quase um ano pelo novo regime de contratação direta. Acordam cedo e a maioria utiliza transporte coletivo. A Direção que os contratou, considera positiva a troca da contratação terceirizada pela direta. Para o diretor entrevistado, a terceirização acontece devido a carência de trabalhadores e de recursos e precariza o local de trabalho e a vida do trabalhador.

Referências

DUCK, M. G. Terceirização: (Des)fordnizando a fábrica: um estudo do complexo petroquímico. São Paulo: Boitempo, 1999.

SANTOS, Flexibilização das normas trabalhistas e sua constitucionalidade. In: Portal JUS. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/12200/flexibilizacao-das-normas-trabalhistas-e-sua-constitucionalidade> Acesso: 04/01/2014.

FALVO, Josiane Fachini. Balanço da regulamentação da terceirização do trabalho na América Latina. In.: Revista da ABET. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/abet/article/view/15492> Acesso 28/06/2014.

Anexos

1. QUESTIONÁRIO QUANTITATIVO À COMUNIDADE ESCOLAR

a) Você acredita que os funcionários dos serviços gerais atuam na escola por:

necessidade opção não sei

b) Sua relação como os funcionários da limpeza costuma ser:

próxima distante Inexistente

c) Qual o grau de valorização por parte da comunidade escolar em relação aos trabalhadores de serviços gerais:

alto baixo inexistente

d) Qual o grau de importância desse trabalho na ESCMB?

alto baixo inexistente

e) Qual a importância desse trabalho para a ESCMB?

alto baixo inexistente

173

f) Qual o grau de qualidade desses trabalhos na ESCMB?

Baixo mediano bom
 muito bom

g) O grau de qualidade desses trabalhos tem relação com o salário e condições dos trabalhadores?

sim não não sei

2. ROTEIRO DE ENTREVISTA AOS FUNCIONÁRIOS TERCEIRIZADOS

a) Como é seu cotidiano? (horário que desperta, meio de transporte, com quem mora)

b) Você gosta do que faz? Por que?

- c) Qual sua carga horária de trabalho semanal?
- d) Você se sente bem trabalhando nesta instituição? Por que?
- e) Há quanto tempo você exerce funções neste colégio? Já foi trabalhador terceirizado?
- f) Este é seu único trabalho?
- g) Você sente valorização do trabalho que exerce?
- h) Você já sofreu algum acidente de trabalho? Qual a posição da instituição? E quando trabalhava como terceirizado?
- i) O material utilizado é disponibilizado pela empresa? É de qualidade? E quando terceirizado?
- j) Os trabalhadores que exercem atividades na mesma condição que vocês possuem locais destinados à higiene, lanche e pausas? E quando terceirizados?
- k) Se você pudesse mudaria de ramo? Trabalharia com o quê?
- l) Quando menor quais eram suas perspectivas de trabalho?
- m) Qual o seu maior sonho?
- n) Você acha que a qualidade do serviço do terceirizado é condizente com o salário que o trabalhador recebe?

3. ROTEIRO DE ENTREVISTA À DIREÇÃO DA ESCMB

- a) Quais setores da ESCMB abrangiam a terceirização dos serviços?
- b) Desde quando o trabalho terceirizado vinha sendo executado?
- c) Na sua percepção, a qualidade do serviço prestado pelos terceirizados é condizente com os salários recebidos?
- d) Por que houve mudança do trabalho terceirizado para a contratação direta esse ano?

e) Você conseguiria viver na condição de um terceirizado? Acredita que a contratação direta melhora a vida dos trabalhadores? Por quê?

f) Atualmente, grande parte das instituições utilizam-se das terceirizações. Para você por que isso acontece? Acredita que é uma escolha ética?

g) Que mudanças houve com a contratação direta de funcionários?

sobre tudo

LA PERLA: MEMÓRIAS E RASTROS DA DITADURA MILITAR ARGENTINA

Maria Luiza Pierri²⁵
Camilo Buss Araujo²⁶

Resumo: Essa pesquisa procura resgatar a história do Centro Clandestino de Detenção La Perla, que foi mantido em funcionamento pelo exército argentino entre 1975 e 1978, durante a última ditadura civil-militar do país, na qual juntas militares o governaram por sete anos. Ao mesmo tempo, busca-se demonstrar a importância de uma consciência social e histórica quanto ao passado de qualquer nação, levando em conta a questão da memória na sociedade cordobesa, mais especificamente com relação ao regime autoritário de 1976-1983.

Palavras-chave: Ditadura argentina, Córdoba, Centro Clandestino de Detenção, Memória, La Perla

²⁵ Estudante do segundo ano do Ensino Médio, intercambista do Projeto Córdoba em 2018. Contato: marialuizafey@hotmail.com

²⁶ Doutor em História pela UNICAMP. Professor de História e Estudos Latino-Americanos. Orientador da pesquisa. Contato: camilo.araujo@ufsc.br

Resumen: Esta investigación busca recuperar la historia del Centro Clandestino de Detención La Perla, el cual fue mantenido en funcionamiento por el ejército argentino entre 1975 y 1978, durante la última dictadura civil-militar del país, cuando corporaciones militares lo gobernaron por siete años. Al mismo tiempo, se intenta demostrar la importancia de la conciencia social e histórica sobre el pasado de cualquier nación, teniendo en cuenta la cuestión de la memoria en la sociedad cordobesa, más específicamente en lo que respeta al régimen autoritario de 1976-1983.

Palabras clave: Dictadura argentina; Córdoba; Centro Clandestino de Detención; Memoria; La Perla

Introdução

1.1 O autoritarismo e a ditadura na Argentina

La Perla foi um dos centros clandestinos de detenção mais importantes da Argentina, durante a ditadura que teve início em 24 de março de 1976. O golpe de Estado organizado pelos militares Jorge Rafael Videla, Orlando Agosti e Eduardo Massera, que destituiu a então presidenta Isabelita Perón do poder, deu origem a um governo extremamente opressivo e reacionário no país, cujo fim só se mostrou possível em 1983. Durante esses sete anos de introdução do Processo de Reorganização Nacional (como era chamado o governo após o golpe), estima-se que cerca de 30 mil pessoas tenham sido sequestradas, sendo que no mínimo 8 mil foram assassinadas.

Tal regime apresentou características autoritárias bem definidas. Alguns fatores decisivos para essa relação são o caráter ilegítimo do golpe de Estado, a manutenção da condição de governo por meio da violência, subversão da ordem política

anterior, concentração monopolizada do poder, controle de pensamento e de canais midiáticos, tomada de decisões impulsivas, restrição da liberdade de opiniões e manifestações, etc. Desse modo, podemos classificar o governo de 1976 a 1983 como um regime autoritário. Diferente do totalitarismo, de acordo com o cientista político Juan Linz, um regime desse tipo pode ser definido como um estado político que não possui nenhuma ideologia elaborada que o oriente, nem uma movimentação política extensiva/intensiva (a não ser em alguns momentos específicos), mas no qual um pequeno grupo exerce o poder dentro de limites formalmente mal definidos, mas de fato, bem previsíveis.²⁷

Além desse caráter autoritário, a Argentina vivenciou um período com aspectos ditatoriais baseados justamente nessa autoridade inquestionável que promove múltiplas dinâmicas para se manter no poder. Certos detalhes importantes que podem ser observados no decorrer da ditadura de 1976, são a ausência da democracia (os presidentes eram escolhidos sem consulta à população), problemas de legitimidade (incluindo a própria forma como ela se inicia), opressão de ideologias “perigosas” (como o pensamento marxista e outros segmentos de esquerda), e a eliminação de pessoas tidas pelos militares como subversivas. Como é possível observar, os elementos ditatoriais e autoritários se complementam e por vezes se interligam. Isso demonstra como são condições que, principalmente no século XX, atuaram em conjunto na América Latina. Essa última característica, que se

²⁷ LINZ, Juan. Regimes autoritários. In: PINHEIRO, P. S. (Org.). O Estado autoritário e movimentos populares. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980. p. 119-188.

refere à perseguição política, era alcançado através de grupos estatais e de edifícios de extermínio. Um exemplo são os Centros Clandestinos de Detenção, como La Perla.

1.2 - A cidade de Córdoba

Esse CCD se localizava na província de Córdoba, a 12 km da cidade com o mesmo nome. Esta última, fundada em 6 de julho de 1573, é a segunda mais populosa do país e abriga a mais antiga instituição de ensino superior da Argentina: a *Universidad Nacional de Córdoba*, que existe desde 1613. Tanto a UNC quanto a *Escuela Superior de Comercio Manuel Belgrano* sofreram com a efetividade do regime de 1976, convivendo com o desaparecimento de alunos e uma atuação marcante dos mecanismos militares de opressão.

A cerca de 710 quilômetros de Buenos Aires e possuidora de um valioso patrimônio arquitetônico deixado pelos jesuítas durante os primeiros séculos de ocupação da região, a cidade apresenta edifícios históricos como a *Capilla Doméstica*, o Colégio Nacional de Monserrat, a *Iglesia da la Compañía de Jesus*, a Catedral de Córdoba e a própria UNC. Lá existe uma espécie de Museu da Memória, uma construção que no período da ditadura serviu como o Departamento de Informações da Polícia de Córdoba (D2). Nesse local especificamente, fica também o *Archivo Provincial de La Memoria*, com várias salas voltadas para o aprendizado histórico. Esse território é extremamente rico em manifestações culturais, contendo cerca de seis outros museus, bem como inúmeras exposições e feiras ligadas às artes, por isso é chamada de Capital Cultural das Américas. A cidade possui mais de 1,5 milhões de habitantes e ocupa um papel fundamental na

história da Argentina, tendo sido um dos principais palcos da reforma universitária de 1918 e do Cordobazo, em 1969.

1.3. La Perla: O golpe de 1976, o regime autoritário e as perseguições

La Perla foi o mais atuante Centro Clandestino de Detenção da província de Córdoba, no intervalo de tempo entre 1975 e 1978, em plena ditadura argentina. Os militares dividiram o país em cinco zonas, nas quais mais de 300 campos de tortura e assassinato foram criados. A maioria surgia a partir de edifícios do Exército, como foi o caso da ESMA (Escola Superior de Mecânica da Armada), em Buenos Aires, um dos mais cruéis centros de detenção na Argentina. La Perla também foi o centro mais marcante da Zona 3, tendo recebido uma quantia superior a 3000 presos políticos (chamados pelas autoridades do remigo de “los negros”), dos quais apenas 200 sobreviveram às atrocidades. O grupo Comando Libertadores da América, que possuía uma inclinação fascista, foi responsável por ter implementado este CCD em Córdoba sob o poder do 3º Corpo de Exército. O chefe desse grupo, que teve uma significativa participação dentro de La Perla, era Héctor Pedro Vergez.²⁸

La Perla foi comandado pelo general Luciano Benjamín Menéndez (responsável por chefiar o 3º Corpo do Exército), juntamente com Juan Bautista Sasiañ, que foi chefe da Polícia Federal nos anos da ditadura. Além deles, atuaram no local o

²⁸ Informações disponíveis em: Infobae, Alfredo Serra. <<https://www.infobae.com/politica/2016/08/25/que-fue-la-perla-el-lugar-donde-la-dictadura-actuo-sin-ley-ni-dios/>> (Acesso em 8 de abril de 2018).

tenente Ernesto Barreiro (chefe de interrogatórios), César Emilio Anadón (chefe da unidade de inteligência), Luis Manzanelli, Carlos Alberto Díaz, Oreste Padován, Ricardo Lardone (torturadores e sequestradores) e mais 40 oficiais, sub-oficiais e inclusive civis. O local também era chamado de “La Universidad”, por causa de tudo o que, segundo os militares, os presos políticos teriam “aprendido” ali.

Localizado na Rua Nacional 20, que une a cidade de Córdoba à Carlos Paz, começou a funcionar como CCD ainda em 1975, tendo sido instalado meses antes do golpe de Estado e surgido a partir de uma necessidade de controle da oposição argentina. Assim que o então governador da província, Ricardo Obregón Cano, foi destituído de seu cargo em 27 de fevereiro de 1974, trabalhadores e estudantes (principalmente) com ideologias de esquerda e/ou que representassem uma possível “ameaça comunista”, segundo o governo e a direita argentina, foram perseguidos e sequestrados. As chamadas listas negras, desenvolvidas ao longo dos sete anos de ditadura, continham uma relação de nomes de indivíduos possivelmente perigosos. No Brasil, por exemplo, as empresas que cooperavam com os governantes do período (como Volkswagen, Johnson & Johnson, Grupo Ultragaz) emitiam delações de trabalhadores que pudessem ser considerados subversivos.

As ideias marxistas amedrontavam os militares, e estes usavam uma escala para definir a influência desses pensamentos nos cidadãos. Nas listas negras argentinas, os artistas (escritores, compositores, músicos, etc.) eram divididos em categorias que iam de “F1” a “F4”, de acordo com o perigo que representavam para o governo, sendo que em “F1” estavam aqueles que aparentemente não possuíam relações com a ideologia de

esquerda, e em “F4” cabiam as personalidades mais ameaçadoras do ponto de vista da ditadura.²⁹ Um exemplo de escritor perseguido foi Rodolfo Walsh, um jornalista argentino que foi militante em organizações de guerrilha urbana como os Montoneros. Em 1976 passou para a clandestinidade, e no ano seguinte foi assassinado durante uma abordagem realizada por um Grupo de Tarefas da ESMA (um centro clandestino em Buenos Aires).

Em Córdoba, mais precisamente na *Escuela Superior de Comercio Manuel Belgrano*, as delações eram muito frequentes. Tránsito Rigatuso, diretor do colégio nos anos anteriores ao golpe e próximo dos militares, teria entregue a eles listas de alunos, professores e funcionários “suspeitos”, influenciando decisivamente no desaparecimento de alguns deles. De forma semelhante atuou Manuel Carmelo Barceló, que, ao ocupar o cargo de Rigatuso, ordenou a queima de 19 títulos de livros da biblioteca da ESCMB. As obras pertenciam a autores como Karl Marx, Friedrich Engels, Freud, Eduardo Galeano, entre outros.

A intenção dos oficiais era derrotar os projetos das oposições revolucionárias na Argentina, e por isso se originaram duas importantes ferramentas reacionárias do Estado: os Grupos de Tarefas (GT) e a Aliança Anticomunista Argentina (Os Três A’s). Os primeiros eram responsáveis pelo sequestro das vítimas e seu transporte até os CCD’s, onde o Exército realizava torturas físicas e psicológicas imediatas contra os prisioneiros. A intenção era retirar a humanidade e a identidade das pessoas detidas, a fim de

²⁹ BBC, Marcia Carmo. <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/11/131108_lista_negra_argentina_mc_ik> (Acesso em 28 de abril de 2018).

obter informações úteis com os interrogatórios. Essa última organização também era encarregada de produzir os “traslados definitivos”, ou seja, o assassinato daqueles que continuariam como desaparecidos. Acabou tendo como um dos principais objetivos a aniquilação da juventude que participara do chamado “Cordobazo”, em 1969, que teve grande importância para o fim da ditadura anterior, denominada “Revolución Argentina”.³⁰

Em La Perla havia quatro prédios, cada um com uma função distinta. Relata-se que três deles eram conectados entre si, enquanto o outro servia como garagem. Os militares ocupavam dois edifícios, e o terceiro era “La Cuadra”, um espaço destinado àqueles que eram detidos. Nesse lugar os presos políticos ficavam alojados com pouca ou nenhuma infraestrutura, e era onde passavam a maior parte do seu tempo. Em um primeiro momento, eles eram levados para “las oficinas”, onde recebiam um número que substituiria seu nome, ao mesmo tempo em que eram criadas fichas com a sua afiliação política e diversas outras informações que poderiam ser úteis aos opressores. Ainda em cômodos como esse, alguns indivíduos eram confinados para se prepararem para a transferência, que significava o seu assassinato.³¹

Em um determinado setor de “La Cuadra” localizavam-se as salas de tortura, sinalizadas por uma placa que avisava “Sala de terapia intensiva - nenhum doente é permitido”. Ali, todo o tipo

³⁰ ROJAS, Gonzalo, Adrian. “A ditadura militar na Argentina (1976-1983): retomando algumas hipóteses frente aos relatos oficiais”, 2014.

³¹ Informações disponíveis em: Infobae, Alfredo Serra. <<https://www.infobae.com/politica/2016/08/25/que-fue-la-perla-el-lugar-donde-la-dictadura-actuo-sin-ley-ni-dios/>> (Acesso em 8 de abril de 2018).

de atrocidade física e psicológica acontecia, com o intuito de otimizar o tempo de recolhimento de dados. Muitas vezes, familiares das vítimas eram trazidos e torturados também, na maioria das ocasiões com uma espécie de médico acompanhando-os para evitar uma morte precoce, mesmo que mais tarde grande parte das pessoas seria executada (várias não chegavam a resistir a sessões como essas).

Próximo às salas de tortura, ficavam “las caballerizas”, usadas como depósito de corpos dos indivíduos antes de serem levados para longe. Eles eram eliminados de várias maneiras, e só alguns foram reconhecidos e entregues às suas respectivas famílias mais tarde. Não muito distante, havia um galpão com os veículos utilizados para os sequestros, incluindo um caminhão chamado “Menéndez Benz” (em referência ao comandante do centro de detenção) que realizava a ‘transferência’ dos prisioneiros. Quando esse processo acontecia, normalmente se realizavam fuzilamentos em um campo nas localidades próximas. A partir de 1977, cerca de três pessoas foram executadas por dia, e todos os soldados que faziam parte do 3º Corpo de Exército eram obrigados a participar dessa prática.

Aqueles prisioneiros que conseguiam sobreviver normalmente haviam sido liberados para visitar as suas famílias, ou eventualmente passaram a viver com elas, mas sempre sob observação dos militares. Isso era necessário para evitar manifestações contrárias ao governo, embora já tivessem acontecido torturas contra esses mesmos indivíduos. Outros eram levados a prisões convencionais, depois, é claro, de já terem passado por algum CCD.

Além de todas essas repartições de La Perla, havia uma cozinha destinada a preparação de alimentos para as vítimas,

bem como banheiros e dormitórios (também para os oficiais). Durante cerca de três anos, a mesma rotina violenta e desumana se repetia nos arredores da cidade de Córdoba. Essa é uma realidade que só teve fim em 1978, quando “a maior parte do trabalho (de aniquilação) já tinha sido feita”, e esse centro clandestino de detenção foi desativado, encerrando assim um ciclo de extrema crueldade.³²

1.4. O acerto de contas com os torturadores e a política de memória sobre a ditadura

Anos após o fim da ditadura, as autoridades responsáveis pelos os crimes cometidos contra os direitos humanos começaram a ser julgadas. Em 2016, o general Luciano B. Menéndez, o tenente Ernesto Barreiro, o militar Carlos A. Díaz e mais 25 pessoas foram condenadas a prisão perpétua pelos tribunais de Córdoba. Menéndez morreu em fevereiro desse ano, enquanto cumpria a sua pena. Podemos observar dessa forma, que a Argentina apresenta, nesse quesito, uma lembrança muito mais forte em relação às ditaduras do que o Brasil. Lá, por exemplo, é celebrado em 24 de março o “Día de la Memoria, Verdad y Justicia”, no qual se realizam atividades pelo país inteiro para homenagear as vítimas dessa época e relembrar o acontecido de forma crítica.

Nessa mesma data em 2007, o governo federal argentino criou o “Espacio para la Memoria y la Promoción de los Derechos

³² Comisión Provincial de la Memoria de Córdoba, <<http://www.apm.gov.ar/lp/recorrido-hist%C3%B3rico-funcionamiento-del-centro-clandestino-de-detenci%C3%B3n-tortura-y-extermio>> (Acesso em 15 de abril de 2018).

Humanos Ex CCD La Perla”, no mesmo lugar onde o regime autoritário atuou expressivamente por meio desse Centro Clandestino de Detenção. Esse é um museu de memórias administrado por organizações de direitos humanos em Córdoba. Seus principais objetivos são preservar o espaço onde funcionou esse Centro de Detenção como patrimônio histórico, construir um museu que explique os processos socio-políticos da ditadura militar, contribuir para a educação dos direitos humanos no país, e homenagear as vítimas. Nesse edifício, coordenado por Emiliano Fessia, existem relatos de sobreviventes, objetos, móveis e demais artigos da década de 1970 e 1980, além de muitos outros materiais informativos disponíveis à população.

A instalação desse museu se tornou possível quando o Governo Nacional Argentino destinou três hectares para a sua construção, após esse espaço ter sido reutilizado como guarnição militar por muitos anos, logo após o CCD ser desativado. Dessa maneira, o terreno foi transferido do Ministério de Defesa para a província de Córdoba, ficando sob responsabilidade da Comissão Provincial da Memória, que liberou o museu para o acesso do público dois anos após a sua criação, no dia 24 de março de 2009. Assim, La Perla deixou a invisibilidade para finalmente revelar a sua história.³³

A partir de todas essas evidências e outras mais, é possível concluir que dentre todos os países latino-americanos, de fato, a Argentina foi o que mais apurou os crimes cometidos na ditadura. Os dados mostram que, até hoje, mais de 200 militares e civis

³³ FESSIA, Emiliano; GÓMEZ, Alejandra; TELLO, Mariana. “Hacer visible lo invisible. Apuntes sobre el proceso de apertura del ex CCDTyE ‘La Perla’ como ‘Espacio para la Memoria y la Promoción de los Derechos Humanos’”.

foram condenados pelos seus atos nas décadas de 1970 e 80. Vale ressaltar, ainda, que imediatamente após o fim desse regime, o então presidente democraticamente eleito Raúl Alfonsín criou a Comissão Nacional sobre o Desaparecimento de Pessoas (Conadep), que ouviu mais de sete mil vítimas dos CCD's (o que resultou em cerca de vinte mil denúncias de pessoas desaparecidas).³⁴ Portanto, desde 1983 existem crimes sendo julgados, circunstância que nos dá dimensão da importância e respeito que os direitos humanos adquiriram na Argentina. Até hoje em dia há processos de condenações em andamento, com penas que vão de oito anos a prisão perpétua. Consequentemente, lá a ditadura não foi algo que se esqueceu, devido à escolha de punir os responsáveis por inúmeras violações dos direitos humanos, e à divulgação desses crimes para a população.

Por outro lado, no Brasil, poucas medidas foram tomadas para que se fizesse justiça pelo o que aconteceu no passado. As poucas que houveram, se resumem à Lei da Anistia (1979) e à Comissão Nacional da Verdade (2012). A primeira diz respeito a descriminalização dos civis que, na época da ditadura brasileira, foram autuados pelo então governo como presos políticos. Muitos daqueles que foram exilados conseguiram de volta os seus cargos de trabalho (no caso de funcionários públicos e membros do Exército) e tiveram os seus direitos políticos restabelecidos. Além disso, essas pessoas receberam indenizações e, em

³⁴ “Argentina é modelo na hora de punir crimes da ditadura, diz analista” <<https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2011/11/13/crimes-na-ditadura-argentina-e-modelo-na-regiao-paraguai-tenta-superar-fracasso-da-comissao-da-verdade.htm#fotoNav=1>> (Acesso em 16 de maio de 2018).

determinadas situações, algumas outras garantias relativas a continuação da vida acadêmica e profissional que fora interrompida.

Já a Comissão Nacional da Verdade, deveria investigar os crimes cometidos entre 1946 e 1988, principalmente aqueles relacionados aos desaparecimentos. Durante a investigação, concluiu-se que durante a ditadura 191 pessoas foram assassinadas, 210 desapareceram e 33 foram listadas como desaparecidas na época, mas acabaram sendo encontradas. Entretanto, estima-se que bem mais indivíduos foram mortos pelos órgãos de segurança do governo. Em seu relatório final, foram identificados 377 agentes responsáveis por sequestrar militantes de oposição, porém nenhum deles foi preso. A única forma de “reparo” encontrada no Brasil, foram as indenizações para aqueles que foram torturados ou presos durante o regime militar e conseguiram sobreviver. Assim sendo, todos os agentes de repressão conservaram a sua impunidade, uma vez que nenhum deles foi repreendido pelas suas ações.³⁵

Essas presenças e ausências de recordações da ditadura e punições dos torturadores, influenciam significativamente a consciência que temos sobre o nosso passado. Só podemos conhecer hoje o que aconteceu antes de nós, se tivermos materiais que nos tragam informações claras sobre isso. Logo, a memória torna-se um importante elemento para configurar o presente e, ao mesmo tempo, construir uma consciência social.

³⁵ “Comissão da Verdade responsabiliza 377 por crimes durante a ditadura” <<http://g1.globo.com/politica/noticia/2014/12/comissao-da-verdade-responsabiliza-377-por-crimes-durante-ditadura.html>> (Acesso em 16 de maio de 2018).

De acordo com Lucilia Delgado, esse mesmo elemento pode reaviver debates ideológicos e políticos, reativar correntes de pensamento e relembrar convivências mútuas constituídas em determinados períodos históricos.³⁶ Em consequência, podemos relacionar essas características da memória com os dias de hoje, refletindo sobre como ela sugestiona o modo como a ditadura é vista no Brasil e na Argentina, como ela criou significados distintos para a mesma época nesses dois países, e como a sua (não) conservação define as impressões que os brasileiros e os argentinos têm sobre o regime militar.

2. Justificativa

Escolhi abordar a temática da ditadura militar na Argentina (1976 – 1983), devido à importância de realizar uma análise dos impactos desse intervalo de tempo no país. Tenho interesse por esse assunto em função das oportunidades que ele proporciona, de repensar o papel social no combate aos regimes autoritários a partir do “não esquecimento” do passado e do cultivo à memória. Além disso, gosto de estudar sobre períodos dessa natureza para entender melhor o que acontecia, por quê e de que forma acontecia, já que frequentemente ouvimos falar sobre as ditaduras na América Latina, mas nem sempre temos uma noção clara da realidade social presente naquele momento, nem das consequências que elas trouxeram. Alguns exemplos que são pouco enfatizados, porém mais próximos de nossa realidade

³⁶ DELGADO, A. N., Lucilia. “História oral e narrativa: tempo, memória e identidades”. *História Oral*. n. 6, 2003. p. 9-25.

do século XXI, são as contradições da democracia que ocorreram em países como Honduras (2009), Paraguai (2012) e Brasil (2016). Nos três casos, os respectivos presidentes Manuel Zelaya, Fernando Lugo e Dilma Rousseff, eleitos constitucionalmente pela população, foram destituídos do poder de formas suspeitas, como costuma ocorrer nos golpes de Estado.

Outra importante razão para a realização desse projeto é a necessidade de reavivar lembranças da ditadura brasileira já apagadas pelo tempo e descaso, tendo em vista os recentes discursos que pedem o retorno do regime militar. Por terem se tornado “populares” nos últimos anos, essas manifestações aparecem como fruto de um ponto de vista que põe em risco uma sociedade que ainda possui certa democracia e liberdade de expressão. Um exemplo claro, foi a fala do ex-deputado Jair Bolsonaro, que chegou ao ponto de homenagear o torturador Carlos Alberto Brilhante Ustra no seu voto a favor do impeachment de Dilma Roussef na Câmara dos Deputados, em 2016. Quando um discurso como esse ganha uma grande visibilidade, alcançando pessoas de diferentes idades e sendo entendido como “correto”, é possível entender que todo um passado de opressão e violência está sendo ignorado. Portanto, é fundamental reconhecer os graves crimes que aconteceram não somente no Brasil, mas na unidade latino-americana como um todo, apontando as afrontas cometidas contra os direitos humanos, e evitando que ideias autoritárias se propaguem através de falas conservadoras e que incitam as repressões.

3. Objetivos da pesquisa

3.1 Objetivo geral

Conhecer o papel do Centro Clandestino de Detenção “La Perla” em Córdoba durante a ditadura militar, de modo a refletir sobre as prisões políticas e as memórias sobre os regimes autoritários. Com isso, construir uma coletânea de memórias e desenvolver uma pequena exposição ou “museu” da história da ditadura civil-militar em Córdoba, principalmente em relação a esse CCD.

3.2 Objetivos específicos

- Conhecer a história do Centro Clandestino de Detenção La Perla e sua atuação durante a ditadura civil-militar na Argentina, entre 1976-1983;
- Entender qual o espaço que o Ex CCD La Perla ocupa nos dias atuais;
- Coletar relatos e imagens relacionados ao período autoritário;
- Realizar entrevistas com a comunidade local;
- Confeccionar uma exposição de histórias e relatos sobre o CCD La Perla;
- Destacar a relevância da manutenção de uma consciência social e de um pensamento crítico quanto ao presente.

4. Metodologia

No início da pesquisa, coletei a maior quantidade possível de dados relativos ao Centro Clandestino de Detenção La Perla. Também procurei informações referentes ao período em que o edifício esteve em funcionamento (bem como a sua função antes

da ditadura), sua localização, número de presos políticos que lá estiveram e autoridades responsáveis pela administração do local. Do mesmo modo, busquei notícias e relatórios a respeito da criação de um “espacio para la memoria” no lugar onde antigamente funcionava esse CCD. Assim foi feito o desenvolvimento teórico fundamental, para que em seguida fosse estabelecido um roteiro de pesquisa de campo. Elaborei uma lista com as atividades que deveriam ser concretizadas na Argentina, contendo lugares a serem visitados, possíveis pessoas para entrevistar, fontes de informações locais, etc.

A etapa seguinte, que foi realizada principalmente em Córdoba, contemplou a realização de entrevistas com estudantes moradores da cidade e funcionários de museus locais, com o intuito de recolher dados que fossem úteis para a construção do projeto. Conversei com os alunos da *Escuela Superior de Comercio Manuel Belgrano* para entender como eles viam os períodos de regime autoritário pelos quais a Argentina passou, e também para encontrar pessoas que tivessem uma relação mais próxima com a ditadura, identificando quem estaria disposto a falar sobre suas experiências, para em seguida entrar em contato. Entrevistei funcionários dos museus *Espacio para la Memoria y la Promoción de los Derechos Humanos Ex CCD La Perla*, *Archivo Provincial de la Memoria (Ex D2)* e *Espacio para la Memoria, Promoción y Defensa de los Derechos Humanos Campo de la Ribera*. Pensei em aplicar as perguntas nessas instituições, anotando pontos importantes da fala dos entrevistados e gravando o áudio da entrevista, com a devida autorização das pessoas, para posteriormente poder examinar uma maior quantidade de informação. Usando esse sistema, consegui fazer cinco entrevistas, podendo ter sido um

número maior ou menor, dependendo da quantidade de conteúdo que obtivesse ao longo do andamento da pesquisa.

Através desse processo de contato com a população e de visitas a espaços históricos, construí o produto final da pesquisa, com relatos dos entrevistados e imagens autorais trazidas da Argentina. A ideia é que uma pequena exposição desses materiais seja realizada em uma determinada parte do Colégio de Aplicação – UFSC. Com a confecção do produto final, tornou-se possível concluir o projeto a partir do reconhecimento de espaços encontrados e de uma atualização do passado no presente.

4.1 Produto final

Consiste em uma coletânea de imagens, trechos de entrevista, experiências, fotos, relatos e informações que foram adquiridas por meio de visitas a museus e através da realização de diversas entrevistas, principalmente com funcionários desses museus locais e moradores da cidade de Córdoba. Tive como objetivo selecionar os fatos que estivessem mais intimamente ligados à história do Centro Clandestino de Detenção La Perla, bem como ao museu que abriga suas memórias. Entretanto, como uma das finalidades específicas do projeto era destacar a forte memória argentina quanto à ditadura (1976-1983), outras informações que não estejam diretamente relacionadas a esse CCD foram utilizadas, desde que pudessem promover reflexões sobre esse período e demonstrar a consciência social e crítica da população de Córdoba.

Durante e após o processo de recolhimento de dados, análise de entrevistas, etc, organizei as informações obtidas de

acordo com categorias que facilitassem a confecção da exposição, de modo que aqueles que a encontrarem possam entender claramente sua intenção. As classificações escolhidas foram: 1) introdução histórica sobre o golpe de Estado civil-militar de 1976 e suas consequências; 2) história do CCD, suas características, fatos importantes; e 3) a memória sobre a ditadura na Argentina, sua importância e o museu do Ex-CCD La Perla. Também foram incorporados simultaneamente em mais de um tópico relatos de pessoas que tiveram contato direto/indireto com a opressão militar, demais recortes sobre a cidade de Córdoba, o período de 1976 a 1983 e as ferramentas de repressão dessa época. Cada um desses itens contemplou a conclusão de um ou mais objetivos específicos.

A exposição em si, é constituída de três painéis com textos e fotos. Como sinalizado anteriormente, um deles explica o chegada dos militares ao poder em 1976, com uma breve introdução histórica que traz, por exemplo, informações sobre os objetivos que eram visados pela ditadura e os movimentos populares de resistência. O segundo conta a história do Centro Clandestino de Detenção La Perla, fala sobre seus principais setores e repartições, funções e as autoridades do exército que administravam o lugar. Contém um mapa do edifício, informações quanto ao número de presos políticos, características gerais do CCD, localização e outros dados do gênero. Já o terceiro, tem como intuito informar sobre a memória da ditadura, aborda temas relacionados ao *Espacio para la Memoria y la Promoción de los Derechos Humanos Ex CCD La Perla* como museu, a importância de cultivar a memória, opiniões de entrevistados em relação a importância da preservação de uma consciência social,

bem como as medidas tomadas pelo governo argentino para perpetuar essa memória.

Além desses dois espaços, adicionei um elemento a mais na exposição, para que a mesma se tornasse um pouco mais interativa. Meu objetivo foi produzir pequenas cartelas com informações que se encaixam nos tópicos citados anteriormente. De um dos lados de cada cartela há um relato sobre a ditadura, fatos mais específicos sobre as ferramentas de repressão do Estado nessa época ou demais informações relevantes; enquanto do outro lado há uma foto ou imagem que ilustre o respectivo texto. Essas cartelas devem ficar penduradas por um barbante no teto, dentro dos limites da exposição, com a finalidade de instigar a curiosidade dos visitantes e sua aproximação.

5. Resultado final

Durante o período de dois meses em que estive em Córdoba, como descrito na metodologia, pude avançar no desenvolvimento de minha pesquisa a partir de visitas aos Ex CCD La Perla, Campo de la Ribera e ao *Archivo Provincial de la Memoria* (APM - Ex D2), sendo que no primeiro estive duas vezes. Tive a oportunidade de realizar cinco entrevistas no total, com Jessica Rosencovich, 38, docente que trabalha no Ex CCD Campo de la Ribera, assim como Diego Sebastian Castaño, 38, que é funcionário público neste local; Joaquín Llorens, 43, professor de música em Mendiolaza e filho de pais desaparecidos durante a última ditadura na Argentina; Roberto Martinez, 40, comunicador social no APM; e Emiliano Fessia, 41, diretor do *Espacio para la Memoria ex CCDTyE La Perla* e ex-intercambista do Projeto Brasil/Projeto Córdoba.

A partir das fontes que consultei durante a construção do conteúdo bibliográfico de meu projeto, bem como as entrevistas feitas e as visitas aos *sítios de memória*, nas quais coletei várias informações relevantes sobre o assunto a ser pesquisado, apresento as conclusões de todo esse processo. Vale lembrar que, além de tudo o que aprendi seguindo as etapas metodológicas do meu trabalho, há ainda o conhecimento adquirido com a vivência diária em um ambiente que mantém inúmeras conexões com o meu tema de investigação. Um exemplo é a notável qualidade revolucionária que observei no contato com a população de Córdoba, que ainda em 2018 se organiza em uma luta contra políticas neoliberais e o FMI, entre outros inimigos.

Após a grande jornada de pesquisa pela qual passou meu projeto, compreendi todo o cenário social e histórico em torno da existência do CCD La Perla. Esse foi mais do que só um centro de tortura, detenção e extermínio que funcionou entre 1975 e 1978, era organizado pelo Exército Argentino e cumpria a função de desestruturar a esquerda revolucionária e os movimentos sociais do país. Com um sistema bem estruturado de investigação, militares como Menéndez (responsável pelo comando de La Perla), que participavam de um enorme movimento repressivo encabeçado pela junta militar (Jorge Rafael Videla, Orlando Agosti e Eduardo Massera, num primeiro momento), promoviam o terror e perseguiram insistentemente organizações populares como o Exército Revolucionário do Povo (ERP) e os *Montoneros*, guerrilhas urbanas de esquerda.

Por meio de sequestros, torturas, desaparecimentos e assassinatos, os militares tentavam apagar as identidades de militantes, trabalhadores e estudantes para concretizar um

objetivo que ia além da simples imposição de uma ideologia política (ou do intuito de destruir uma). Inúmeros crimes de lesa-humanidade foram cometidos, incluindo o sequestro de bebês dentro dos CCD's e os "voos da morte". De acordo com Emiliano Fessia, "O dano que La Perla produziu foi um dano que se transmitiu completamente para a sociedade. Pelo menos em La Perla (estiveram) mais de duas mil pessoas que eram militantes políticos, sociais, religiosos, culturais, artísticos e que em seu campo de trabalho de militância estavam propondo outra forma de nos relacionarmos".

Também durante 1976 e 1983 houve medidas econômicas e políticas que claramente privilegiaram uma elite, como a entrega formal de ministérios a organizações empresariais conservadoras e o aumento considerável da dívida externa - fruto de corrupção, além do início da Guerra das Malvinas (1982) contra o Reino Unido, conflito em que a Argentina saiu derrotada. Para compreender melhor a razão dessas mudanças, é indispensável levar em conta um aspecto muito expressivo que tem a ver com a Operação Condor e os golpes de Estado na América Latina, que é o evidente apoio estadunidense aos militares que tomavam o poder, perpetuado por ações da CIA. Havia nitidamente interesses do governo dos EUA voltados para os países periféricos do continente, explicado por seu caráter imperialista e o conflito ideológico da Guerra Fria. Ainda segundo Emiliano Fessia: "Não se pode pensar a ditadura só como os centros clandestinos, como La Perla, se não pensar também em que leis os ditadores promoveram, e aí (...) se encontram as leis de entidades financeiras que permitem que nossas riquezas se vão para outros países, aí se encontra a

destruição do trabalho como gerador da dignidade das pessoas, o aumento do desemprego, da pobreza, da dívida externa”.

Dessa forma, conclui-se que a ditadura fazia parte de um grande plano econômico e social que deixou inúmeros rastros na Argentina e em seu povo. Basta levar em conta (sem mencionar as heranças econômicas do regime) que foram mais de 30 mil mortos e desaparecidos, muitos podem nunca ser encontrados. Sabe-se, por exemplo, que em La Perla os corpos dos presos políticos assassinados eram depositados em uma fossa comum nas localidades do CCD, porém quando começaram as investigações, foram encontrados indícios de terra removida onde, segundo testemunhos, haviam sido enterrados os cadáveres de muitos militantes e trabalhadores. Através de um estudo, foi determinado que em 1979, após a declaração aberta de um morador das redondezas de La Perla que viu pessoas serem jogadas nessa fossa comum, os autores dos crimes de tortura e extermínio removeram os corpos que haviam sido deixados no local, assim que se depararam com a possibilidade de serem condenados devido a provas como essa.

Somente a questão dos desaparecidos já demonstra o impacto que esse movimento repressivo causou na população, pois muitas famílias procuram até hoje seus conhecidos e/ou parentes que foram sequestrados durante a ditadura. Em uma das entrevistas que fiz, dialoguei com uma pessoa que trabalha na H.I.J.O.S., uma organização argentina de direitos humanos fundada em 1995, que surgiu com o objetivo de lutar contra a impunidade dos opressores do regime militar e fazer uma tentativa de reconstrução das identidades dos desaparecidos. Descobri que são muitos os militantes sociais que trabalham

nessa instituição, e que sempre há alguém que conheça a história de uma pessoa que foi levada por esse governo autoritário.

Da mesma forma, é preciso destacar o cenário de medo e censura que tomava conta dos centros mais politizados e ativistas da Argentina. Em Córdoba especificamente, toda uma geração sofreu a tentativa de ser silenciada, de ver suas ideias e princípios serem contestados e proibidos. “Aqui havia um grupo muito forte de, por exemplo, pessoas muito conhecidas que desapareceram, que seriam muito importantes na política atual (...), que poderiam haver tido vozes mais fortes contra certas políticas que foram tomadas nesse tempo, agora e antes” disse Diego S. Castaño, “A partir do medo que a ditadura impôs, a política começou a ser vista como meio... complicada, digamos. ‘Não tinha que se meter em política’ (...) Então, bem, isso sim calou a sociedade cordobesa”. Foi assim uma das mais relevantes regiões revolucionárias da América Latina teve de lidar com a restrição de propagar seus valores sociais e de luta, porém seus cidadãos continuaram combatendo o Estado que os tentava ocultar incessantemente.

Quanto à memória comum que a população guarda com relação à ditadura civil-militar, marcada por todos os rastros que ela deixou, pude perceber quando conversei com pessoas que moravam em Córdoba, como elas tinham uma noção clara do que havia se passado na província durante 1976 e 1983. Portanto conheciam as consequências desse regime e compreendiam ao menos um pouco do cenário por trás do golpe de Estado. Isso se pode ver claramente em qualquer manifestação social de cunho político/histórico, quando o povo cordobês demonstra sua consciência sobre o seu passado. Essa qualidade da população em geral também é refletida em outras questões sociais, como a

importância que é dada a museus e espaços onde o conhecimento pode ser compartilhado democraticamente, bem como o incentivo de diversos setores para que esse tipo de espaço continue existindo.

A partir do momento em que se conhece essa realidade, que são feitas homenagens aos desaparecidos e quando os cidadãos saem às ruas em cada 24 de março, por exemplo, essa memória se mantém viva e nos ajuda a entender melhor não só o que já aconteceu, senão o que se passa hoje em dia em nosso continente e até mesmo o seu futuro. Como afirmou George Santayana, aqueles que não podem lembrar o passado estão condenados a repeti-lo, por isso é fundamental que qualquer pessoa conheça não só a sua própria história, como também a história de seu mundo. Esse conhecimento pode nos fazer refletir social e politicamente sobre várias circunstâncias. “Algumas (pessoas que viveram durante a ditadura) estão desaparecidas, outras são sobreviventes. E a partir disso (é importante) poder construir um relato que nos permita ver como trazemos esse passado ao presente, e que nos ajude, que seja um passado em movimento, não um passado em um ‘museu quieto’, mas que nos ajude a refletir sobre este presente, ou seja, que nos faça perguntas” exemplifica o comunicador social Roberto Martinez, sobre as funções dos espaços de memória.

Diante disso, em Córdoba é possível verificar claramente como tal memória ocupa um espaço valioso em cada cidadão, desde pequenos eles começam a conhecer os acontecimentos significativos repassados para cada nova geração. Um exemplo está no museu do Ex CCD Campo de La Ribera, que possui uma sala proposta para as crianças, com uma estrutura criativa voltada justamente para este público. Essa sala é dedicada ao movimento

das *Abuelas de La Playa de Mayo* e às mães que perderam seus filhos. Algo que foi muito destacado pelos entrevistados que trabalham nos museus, quanto à necessidade de repassar a história para as novas gerações, foi o fato de que os espaços de memória não devem ter o objetivo de assustar, mas sim de trazer à tona realidades e vidas que os militares queriam destruir. Para isso são fundamentais as atividades adaptadas para as crianças, para que trabalhem sempre com o lema de '*verdad, memoria y justicia*'.

Aliás, além de recordar o passado só para compreendê-lo, é preciso que isso seja feito para que todos aqueles que lutaram por seus direitos e liberdade de expressão nunca sejam esquecidos. Ao responder sobre quais as funções de um museu sobre a ditadura militar argentina, Jesica Rosencovich disse: “Bem, para mim, um pouco (é) contar as histórias de vida dos desaparecidos, dos sobreviventes, as homenagens, que é uma forma de ir contra o que quiseram fazer na ditadura, que é fazê-los desaparecer, apagar sua identidade, apagar sua história. Para mim é muito importante que nos museus hoje falemos deles, contemos suas histórias, como que trazê-los de novo”. Exatamente isso é o que é realizado atualmente em Córdoba. Em cada lugar há sempre uma sala dedicada às pessoas que foram sequestradas e desapareceram durante o regime militar, para que suas vidas e identidades tenham um lugar onde sua voz seja legitimada, respeitada e divulgada, que não sejam apenas mais um número em uma contagem de vítimas da repressão, mas que possam ser ouvidas e passar sua mensagem de luta adiante.

Agora, sobre a pergunta que fiz nas entrevistas sobre a memória e os incentivos à sua conservação por parte do governo argentino, obtive respostas muito semelhantes com todas as

peessoas com quem falei. A professora Rosencovich relata: “O governo atual não está apoiando as políticas de direitos humanos (...). Faz vários anos que se vinha trabalhando, desde o governo anterior, muitos materiais sobre a ditadura, que se davam às escolas, para que pudessem trabalhar sobre essa temática, por exemplo, e agora não são produzidos mais materiais. (...) Bem, tem a ver com uma decisão política de tirar as forças, de tirar importância”. Percebi, dessa maneira, que os direitos humanos recebiam muito mais atenção nos governos kirchneristas do que atualmente no mandato de Maurício Macri, que inclusive se posiciona de maneira negacionista quanto ao que houve na ditadura. Isso foi algo que me surpreendeu, enquanto ouvi perspectivas sobre memória e esquecimento que já esperava.

Outro ponto importante que se refere à justiça e à manutenção dessas lembranças são os julgamentos que ocorreram contra os militares e civis que participaram do processo nacional de repressão ditatorial. Ao contrário do Brasil, a Argentina tomou medidas mais severas para a punição de crimes como tortura e assassinato. No final de 2016 chegou ao Tribunal Federal a *megacausa La Perla*, um processo que decretou a prisão perpétua do comandante do 3º Corpo do Exército e que coordenava as atividades deste centro clandestino de detenção: Luciano Benjamín Menéndez, que faleceu no início desse ano. Foram cerca de 22 arquivos e quase 600 testemunhos que ajudaram a condenar 38 acusados, sendo que 28 receberam a mesma pena que Menéndez. “O julgamento me parece que sim, é necessário, porque senão uma sociedade (onde) (...) aconteceram coisas terríveis e nada foi feito, é como se lhe passasse uma insegurança enorme. Bem, ‘eu estou em um país onde assassinos matam toda a gente e não acontece nada’, ou

seja, é necessário que esses julgamentos sejam feitos” expressa Joaquín Llorens, filho de pais desaparecidos, que militavam no Exército Revolucionário do Povo (ERP) e compartilhavam ideais de esquerda.

A partir de todos esses fatos e relatos, tendo em vista as informações que obtive e a argumentação apresentada, chego à conclusão de que os cordobeses ainda guardam fortes recordações desse período tão marcante, que estão exercitando o lembrar e não deixando que esse passado seja esquecido. A importância de realizar julgamentos contra os militares que participaram da construção desse Estado desumano, bem como a organização de marchas, a manutenção dos museus sobre a ditadura e o incentivo a uma política de conservação da memória se mostra indispensável para um país que, assim como outros da América Latina, sofreu com políticas opressoras e cruéis.

Portanto, é vital que a história recente da Argentina seja ensinada para as novas gerações, que os jovens tenham consciência de tudo o que aconteceu e que possam construir um pensamento crítico quanto a isso. Logo, ao elaborar pontes temporais é preciso problematizar sobre a questão dos direitos humanos, da liberdade de expressão e da democracia, e é para isso que existem os espaços de memória: para que as pessoas construam reflexões e aprendam coisas novas ao passarem por esses lugares, que não sirvam somente para informar, mas para também incitar perguntas e problemáticas.

Uma fala muito significativa da uma entrevista com Emiliano Fessia, e que pode resumir aonde essa pesquisa me levou, é: *“Lo que intentamos hacer y lo que vos viste, que está representado en las historias de las victimas, (...) es que la desaparición de personas, al mismo tiempo cometieron el crime*

que fue intentar borrar su historia, borrar su trayectoria en el mundo, (entonces) recuperalas, que se conozca quién fueran los represores y como se formaron, digamos, y sobretudo que se comprenda que nunca, jamás, en ningún lugar del mundo y en ningún tiempo historico se puede justificar la tortura. Y creo que eso es algo esencial para la democracia”.

Assim, termino minha pesquisa tendo cumprido os objetivos que propus no início dessa jornada, que foi além da realização de um projeto. Essa foi uma experiência que, por tudo o que ensinou a mim, não termina com a volta a Florianópolis, mas sim ganha um novo panorama para que continue e traga sempre reflexões sobre temas como o que foi pesquisado, levando consigo também a ideia de justiça, liberdade e democracia.

Referências

“Qué fue La Perla, el lugar donde la dictadura actuó sin ley ni Dios”
<<https://www.infobae.com/politica/2016/08/25/que-fue-la-perla-el-lugar-donde-la-dictadura-actuo-sin-ley-ni-dios/>> Acesso em 8 de abril de 2018.

“La sangrienta historia de ‘La perla’, el campo de exterminio de Córdoba”
<<http://www.eldiariodecarlospaz.com.ar/provincial/2016/3/17/sangrienta-historia-perla-campo-exterminio-cordoba-23069.html>> Acesso em 8 de abril de 2018.

“A ditadura civil-militar na Argentina (1976-1983)”
<<https://historiandonanet07.wordpress.com/2015/08/20/a-ditadura-civil-militar-na-argentina-1976-1983/>> Acesso em 14 de abril de 2018.

“La Perla: centro de detención de obreros y estudiantes” <<https://www.laizquierdadiario.com/La-Perla-centro-de-detencion-de-obreros-y-estudiantes>> Acesso em 8 de abril de 2018.

“Los libros que la dictadura quemó” <<http://laizquierdadiario.com/Los-libros-que-la-dictadura-quemo-hace-cuarenta-anos>> Acesso em 30 de abril de 2018.

“La Perla” (centro de detención) <[https://es.wikipedia.org/wiki/La_Perla_\(centro_de_detenci%C3%B3n\)](https://es.wikipedia.org/wiki/La_Perla_(centro_de_detenci%C3%B3n))> Acesso em 15 de abril de 2018.

“Recorrido Histórico: Funcionamiento del Centro Clandestino de Detención Tortura y Exterminio” <<http://www.apm.gov.ar/lp/recorrido-hist%C3%B3rico-funcionamiento-del-centro-clandestino-de-detenci%C3%B3n-tortura-y-extermio>> Acesso em 15 de abril de 2018.

NOVARO, Marcos; PALERMO, Vicente. **A Ditadura Militar Argentina 1976 -1983: do Golpe de Estado à Restauração Democrática.**; São Paulo, Editora da USP, 2007.

LINZ, Juan. Regimes Autoritários. **O Estado Autoritário e Movimentos Populares**; Coordenação de Paulo Sérgio Pinheiro; Editora Paz e Terra, 1980.

ROJAS, Gonzalo, Adrian. “A ditadura militar na Argentina (1976-1983): retomando algumas hipóteses frente aos relatos oficiais”. **Lutas Sociais**, São Paulo, vol.18 n.32, p.163-176, jan./jun. 2014.

DELGADO, A. N., Lucilia. “História oral e narrativa: tempo, memória e identidades”. **História Oral**. n. 6, 2003. p. 9-25.

FESSIA, Emiliano; GÓMEZ, Alejandra; TELLO, Mariana. “Hacer visible lo invisible. Apuntes sobre el proceso de apertura del ex CCDTyE ‘La Perla’ como ‘Espacio para la Memoria y la Promoción de los Derechos Humanos’”. **Espacios, lugares, marcas territoriales**

de la violencia política y la represión estatal; Núcleo de Estudios sobre Memoria.

“Argentina revela listas negras de artistas na ditadura” <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/11/131108_lista_negra_argentina_mc_ik> Acesso em 28 de abril de 2018.

“Espacio para la Memoria y la Promoción de los Derechos Humanos La Perla” <<http://www.cba.gov.ar/direccion-del-ex-centro-clandestino-la-perla/>> Acesso em 15 de abril de 2018.

Anexos

Anexo 1

ENTREVISTA COM A POPULAÇÃO LOCAL

- Nombre/Nome:
- Edad/Idade:
- Profesi3n/Profiss3o:

207

1) ¿Usted conoce o ha oído hablar del Centro Clandestino de Detención "La Perla"? Si es así, ¿de qué forma tomó conocimiento de su existencia? (Você conhece ou já ouviu falar do Centro Clandestino de Detenção "La Perla"? Se sim, de que forma tomou conhecimento de sua existência?)

2) ¿Conoces a alguien que ha permanecido en "La Perla"? Si es así, ¿sería posible contar su historia? (Você conhece alguém que tenha permanecido em "La Perla"? Se sim, seria possível contar a sua história?)

3) ¿Puedes identificar algunas consecuencias traídas por ese Centro Clandestino de Detención para la ciudad de Córdoba? (Você consegue identificar algumas consequências trazidas por esse Centro Clandestino de Detenção para a cidade de Córdoba?)

4) ¿Usted ha visitado el "Espacio para la Memoria y la Promoción de los Derechos Humanos Ex CCD La Perla"? (Você já visitou o "Espacio para la Memoria y la Promoción de los Derechos Humanos Ex CCD La Perla"?)

5) ¿Crees que hoy en día todavía hay un fuerte recuerdo de la dictadura militar de 1976, principalmente en Córdoba? (Você acha que hoje em dia ainda há uma forte lembrança da ditadura militar de 1976, principalmente em Córdoba?)

6) ¿En su opinión, el gobierno de Argentina mantiene una política que incentiva la conservación de la memoria cuanto a ese período autoritario? (Em sua opinião, o governo da Argentina mantém uma política que incentiva a conservação da memória quanto a esse período autoritário?)

7) ¿De acuerdo con su punto de vista, ¿qué debe ser más importante o lo que le gustaría ver en un museo sobre la dictadura militar argentina? (De acordo com o seu ponto de vista, o que deve ser mais importante ou o que você gostaria de ver em um museu sobre a ditadura militar argentina?)

Anexo 2
ENTREVISTA COM OS FUNCIONÁRIOS DOS MUSEUS E/OU
ÓRGÃOS PÚBLICOS:

- Nombre/Nome:
- Edad/Idade:
- Profesión/Profissão:

1) ¿Cuánto tiempo usted trabaja en ese lugar? (Há quanto tempo você trabalha nesse local?)

2) ¿Qué más le llama la atención aquí? (O que mais lhe chama a atenção aqui?)

3) ¿Conoces a alguien que ha permanecido en "La Perla"? Si es así, ¿sería posible contar su historia? (Você conhece alguém que tenha permanecido em "La Perla"? Se sim, seria possível contar a sua história?)

4) ¿Puedes identificar algunas consecuencias traídas por ese Centro Clandestino de Detención para la ciudad de Córdoba? (Você consegue identificar algumas consequências trazidas por esse Centro Clandestino de Detenção para a cidade de Córdoba?)

5) ¿Crees que hoy en día todavía hay un fuerte recuerdo de la dictadura militar de 1976, principalmente en Córdoba? (Você acha que hoje em dia ainda há uma forte lembrança da ditadura militar de 1976, principalmente em Córdoba?)

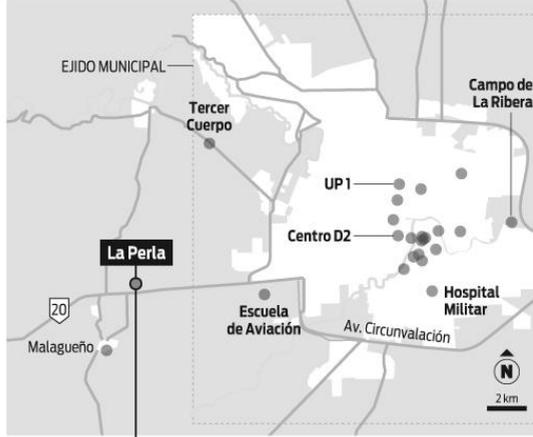
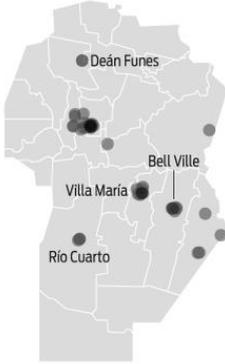
6) ¿Cuál es la importancia de la existencia de museos sobre la dictadura actualmente? (Qual é a importância da existência de museus sobre a ditadura atualmente?)

7) ¿En su opinión, el gobierno de Argentina mantiene una política que incentiva la conservación de la memoria cuanto a ese período autoritario? (Em sua opinião, o governo da Argentina mantém uma política que incentiva a conservação da memória quanto a esse período autoritário?)

8) ¿De acuerdo con su punto de vista, ¿qué debe ser más importante o lo que le gustaría ver en un museo sobre la dictadura militar argentina? (De acordo com o seu ponto de vista, o que deve ser mais importante ou o que você gostaria de ver em um museu sobre a ditadura militar argentina?)

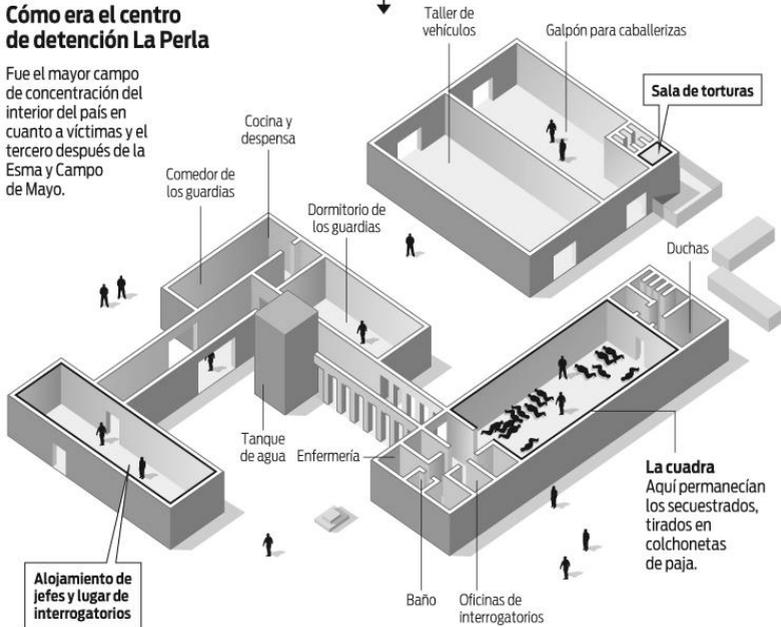
Los sitios del espanto

LOS CENTROS CLANDESTINOS EN CÓRDOBA



Cómo era el centro de detención La Perla

Fue el mayor campo de concentración del interior del país en cuanto a víctimas y el tercero después de la Esma y Campo de Mayo.



sobre tudo

TERCEIRA MARGEM

João Nilson P. de Alencar³⁷

Clavo mi remo en el agua
Llevo tu remo en el mío
Creo que he visto una luz
Al otro lado del río

Jorge Drexler

Começo com a pergunta que me fizeram, durante a última banca de defesa da carreira docente: “Por que você cita tanto a Argentina?” A questão me pegou de surpresa, tentando este texto ser uma espécie de diálogo mútuo – resposta, memória, pergunta, afeto.

Diria que, nestes 25 anos de Aplicação, a relação estreita com os colegas do Projeto Córdoba/Projeto Brasil foi sempre

³⁷ Doutor em Literatura pela UFSC e Professor de Língua Portuguesa do Colégio de Aplicação da UFSC. Pai de ex-intercambista, orientador e professor visitante em Córdoba. Contato: joao.nilson@ufsc.br

intensa. Acrescento, igualmente, que tem sido da maior importância. As primeiras memórias me remetem aos comentários de meus pares na Disciplina de Língua Portuguesa (isto era em 1993...): a professora Ana Sabino esteve em Córdoba, para o que se chama hoje de “Estágio Docência”. Pouco tempo depois, a professora Raquel Carranza vem ao Brasil e nos oferece um curso de Espanhol para iniciantes. Foi um curso leve, valoroso, porque comecei a bombardear meu imaginário com mais informações, mais trocas. A simpatia de ambas professoras nutriram entre nós este elemento que, poderia dizer, é o motor deste projeto e de nossas vidas: o desejo.

Desta forma, aos poucos, esta linha tênue de ideias, sensações, esperanças tornava-se um novelo, denso, com um emaranhado tamanho que, uma vez nele, novas formas foram ganhando corpo... Trata-se, sem dúvida, de um desenho em movimento! E não são poucos os traços, as marcas: atravessar esta fronteira pressupõe derrubar velhos preconceitos; colocar-se no lugar do outro, ali onde uma noção (uma ideia) encontra uma família, com seus hábitos, sua rotina, suas diferenças e suas alegrias, como também uma escola, novos colegas, outros professores, festas e tempo de “temblar”, mover-se, ecoar... Cruzar este rio é pôr em movimento outro tanto de “ignorância” mútua : dar-se a conhecer, aprofundar-se naquilo que nos faz tão diferentes e tão especiais. Estes são alguns aspectos que tentei abordar naquele dia da arguição da banca (particularmente de uma docente), que agora traço em linha dupla, no sentido que me serve para também pensar este vigoroso e árduo projeto... Aquele questionamento expõe, de alguma forma, a fragilidade das relações Brasil-Argentina (ainda nos conhecemos pouco, Cone Sul, Mercosul, Intercâmbio...), ao mesmo tempo em que

coloca a questão em um outro patamar : se chamou a atenção, é também porque intrigou, mexeu... Nada mal para tantas histórias vividas neste tempo. Nada pouco para outras tantas que certamente virão.

Seguindo a linha dúplice, agora na pista da memória, o que dizer da viagem com Danuza, levando e trazendo alunos, nos idos de 1999..? Primeira ida a Córdoba.. histórias ouvidas; projetos levados, discutidos; diálogos longos (a viagem de volta, e os intercambistas que não paravam de falar... !!!).. Sim, esta é uma viagem dos desejos! Intercambiantes, por certo. Mas desejos que alimentam esta estrada, este rio... Ali, além do frio, encontramos o calor do locro, feito por Susana Ferreyra e sua irmã Sílvia; a saída noturna com Leandro Cisneros – e ‘El Ateneo’ (que não existe mais) ficou sendo este lugar mágico, onde presenciei uma das melhores performances da música brasileira, tocada por um grupo argentino. Foi ali que nossa Macondo foi se tornando realidade. Foi ali que conhecemos Lucas, sobrinho de uma das professoras argentinas, então atuante em um grupo folclórico argentino, com quem trocamos as primeiras impressões. Também ali conheci a família de Ernesto Ambrosino, com quem travamos longa e intensa amizade, provando “el asado” que seu pai, Sílvio, nos preparou. Junto conheci a força e alegria de Marcela Martinez, ao lado do outro filho, Lisandro, que viria anos depois também para o intercâmbio. Esta ponta de lança reforçou os laços : retornei em 2002, na comemoração dos 10 anos do Intercâmbio, quando oferecemos várias oficinas – e o ônibus fretado daqui, cheio de colegas (Rodolfo Pantel, Sílvia Leni) e tantos outros. Já em 2006, depois de longo projeto, morei em Buenos Aires por 4 meses, onde desenvolvi larga pesquisa sobre escritores brasileiros (exilados ou não) que tinham publicado na

imprensa argentina – isto durante o “sanduíche” do Doutorado. A Biblioteca Nacional “borgeana” só confirmava que a vida é ampla e densa. Ali fui descobrindo que a vida era mais do que alfajores! E para um momento de Copa do Mundo, não foi nada fácil. No entanto, entre um café e muitas caminhadas até a Biblioteca, ser “morador”, ainda que provisório, dava esta sensação de estar em permanente texto cotejado. E se trabalhamos no lado a lado, descobrimos que nossas semelhanças e diferenças perfazem um percurso ainda pouco trilhado.

No Brasil, as orientações constantes e variadas de projetos de brasileiros e argentinos, além da vivência em sala de aula e fora dela, tornaram esta experiência ainda mais rica. Então, na bagagem, além do doce de leite, enchíamos nossa vida da ambrosia dos deuses : sair do seu lugar – remar – cruzar a fronteira – encontrar lá/aqui o motivo de desejar mais ainda este querer. Não seria demais afirmar que é, assim como a música de Caetano Veloso, um mundo de “quereres”. Anos depois, Mateus, meu filho, é quem desejaria participar deste movimento todo. E foi. E foram alguns amigos daqui. E mais amigos fizeram por lá. Recebemos outro filho, Frederico. Também nestes anos, conheci outros parceiros de projeto : Gustavo Tobar e Willy, duas forças que me impressionaram. O primeiro, além do registro, do desejo de fotografar este mundo de cá, surpreendeu-me o vasto conhecimento sobre nossa música e o desejo intenso de conhecer mais sobre a cultura brasileira em geral. Não há assunto que não lhe interesse. Hoje frequenta aulas de Português em Córdoba, o que só o enriquece, certamente.

Por fim, em 2017, aconteceram as comemorações do Intercâmbio – 25 anos!!! Preparamos uma oficina interdisciplinar

: Literatura (comigo) + Arte (Fabíola e Natasha) que aconteceu lá e se encerrou, emocionadamente, aqui. Lá contamos com a atuação de (Thereza) e com a parceria e amizade de Tomás Fontan, sempre muito atuante, hoje um dos coordenadores do Projeto no CA. Nem Sandra Mendonça nem Fernanda, colegas igualmente batalhadoras neste propósito, estiveram lá neste momento, mas atuaram decisivamente para que este evento tivesse ocorrido. Outros nomes, obviamente, estão presentes nesta história. Perdoem-me: a pauta é longa, mas o espaço, curto. Fica, aqui, minha homenagem a todos os que tornam, ano a ano, este projeto possível.

Assim, o barco cresce, a força do rio é imensa... No entanto, os barqueiros não se cansam de nele entrar... navegar e, ao contrário do personagem de Guimarães Rosa, que inspirou o título deste texto, vivendo na terceira margem, no meio do rio, neste “entre-lugar”, poderia dizer que esta experiência é uma das razões as quais, para além de tornar bela a vida, marca, indelével e para sempre, nossa existência. E nisso a fronteira, o rio, lá e cá, nutrem-se do mesmo alimento: o entre-lugar chamado desejo desejo.

sobre tudo

CARTA AOS COORDENADORES DO PROJETO CÓRDOBA

Thomas Soltau³⁸

Córdoba, segunda feira 29 de outubro de 2018.

Sempre o desafio da palavra, a linguagem. Fragmentos em sintonia almejando ser o que buscam, pretendendo construir outras formas líricas, vinculadas com a nossa mais profunda raiz. Pois carrego comigo o peso dos caminhos que vamos traçando como sociedade, sou vítima e cúmplice ao mesmo tempo. Uma caixa de memória ancestral pendulando sob um ser, alimentando suas próprias ilusões, guiando caminhos e dirigindo pensares e pesares nas trilhas de nossa terra.

Assumo que tomar partida e impulso para lhes escrever não está sendo tarefa fácil, meus amigos. Não são tempos de otimismo e parece que cada vez mais nos distanciamos de outros

³⁸ Estudante do ensino médio e intercambista do Projeto Córdoba em 2011. Estudante universitário do Bacharelado em Cinema e Televisão da Univeridade Nacional de Córdoba. Contato: thomas.soltau@gmail.com

mundos possíveis que em outras ocasiões sonhamos juntos. Mas por outro lado, penso que talvez a única forma de reverter este processo é justamente através do fortalecimento de nossos valiosos laços com àqueles que deixaram algo positivo ressonando em nossas perspectivas. Por isso aceitei com tamanha felicidade esse convite de compartilhar algo de minhas vivências atravessadas por estes dois países em questão, irmãos de histórias e de memórias, carregados de sintonias e de semelhanças. Mas as fronteiras são claras, demarcação. A verdade é que todo aquele papo de patriotismo e rivalidade inventada nunca me convenceu. Argentina pulsa em mim hoje como parte do meu ser, e não tinha a menor idéia de que isso aconteceria depois daquele empurrão certo que a galera do Projeto Córdoba promoveu. Fiz o intercâmbio entre o Colégio de Aplicação da UFSC e a Escola Superior de Comércio Manuel Belgrano em 2011, e realmente esse acontecimento transformou minha vida. Logo, em 2013, quando terminei o ensino médio vim morar em Córdoba, coração da Argentina, porque me encantei com a universidade nacional, por ter um sistema de ingresso menos excludente e mais integradora, com o curso de Cinema e Televisão, com a faculdade de artes e toda a atividade estudantil que a cidade propunha. Muita movida cultural, muita música e muitas oportunidades circulando.

Ainda que o cenário esteja bastante triste em ambos os países, não posso levantar queixa e gostaria de aproveitar o espaço também para agradecer pelos privilégios que a vida vai me proporcionando. Tive a honra de estudar, então, em uma universidade pública gratuita e de qualidade. Também não posso negar que deixou algo a desejar, mas enfim, hoje estou a ponto de terminar o curso, trabalho e sobrevivo exclusivamente com a

profissão que escolhi, com a arte, com a música, com a fotografia, com o audiovisual em geral. Freqüento ambientes interessantes e tenho acesso a experiências que não pensei que as alcançaria com tanta rapidez. Desde um primeiro momento fui recebido aqui de braços abertos, pela família que me acolheu, pelas amizades e vínculos que encontrei.

Em Córdoba há lugar para todos, cidade plural, múltiplas realidades. Aqui derrubei muitas facetas minhas, encontrei outros de mim mesmo que eu nem sequer imaginava que existiam, aprendi a olhar para dentro e reconhecer minhas falhas, a construir outras formas de relacionar-se com os seres. Mas a vida aqui é intensa, não sobra muito tempo pra respiro, estudar e trabalhar custa caro, e sempre algum interrogante termina por cruzar nossos caminhos e a reflexão fica por tempos ressonando. Conheci muito sobre a America Latina nesse tempo aqui na Argentina, e às vezes penso que somos nós mesmos quem impedimos de romper as fronteiras. A gente se põe num lugar meio hermético e só recebe de fora o que for de primeiro mundo. Não nos damos conta que nosso continente não está demarcado por nacionalidades, e sim por nossas raízes e origens, nossa história, nossa terra.

Era realmente muita ingenuidade pensar que a America Latina teria se livrado da ambição do poder. Dias difíceis nos esperam, feridas antigas e a luta parece não dar abasto à fúria do opressor. Querem derrubar todas as árvores, todos os lápís, toda a forma expressiva que não enquadra, que não se entrega, todas as sementes da nossa almejada liberdade. Plantam o medo e colhem a desgraça. Como se a sombra de todos os males que acompanharam a nossa evolução, hoje saísse à tona. Coragem e astúcia para enfrentá-la foi o que eu aprendi

encarando o Projeto Córdoba. Pequenas atividades que transformam o rumo de alguns, com a certeza de que em algum dia encontraremos um lugar para todos. Só me resta agradecer, por abrirem as portas dessa América profunda. Estou à disposição do que seja necessário para manter vivo este projeto.

Gracias Danuza, Rodolfo, Tomás e toda essa galera que trabalha firme na resistência.

De seu amigo, admirador, ex intercambista e eterno aprendiz,

Thomas.

sobre tudo

SOBRE UTOPIA E HORIZONTES

Maria Clara Prates Machado³⁹

A utopia está lá no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos.

Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei. Para que serve a utopia?

Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar.

Eduardo Galeano.

Foi com esta frase que deixamos nossa "marca" em uma parede da Escuela Superior de Comercio Manuel Belgrano (ESCMB) que fica localizada na capital de Córdoba, um dos estados de nosso país vizinho, Argentina. Mas em 2016 eu e mais dez brasileiros que, depois de um longo processo abraçamos nossa grande sede por aventuras e novos conhecimentos e decidimos dar um novo significado à essa parede que até então era considerada "só mais uma parede" que constituía o tal colégio. Mas para chegarmos até essa parede, muitas coisas

³⁹ Estudante do Colégio de Aplicação e intercambista do Projeto Córdoba em 2016. Contato: pratesrochamariaclara@gmail.com

aconteceram e acredito que não tenha como relatar toda essa experiência sem explicar onde meu encanto por esse projeto começou.

Ainda me lembro da época em que nem tinha entrado no Colégio de Aplicação (CA), nas vezes em que acompanhava minha mãe ao ir buscar meu irmão mais velho que lá estudava. Naquele período, sendo bem sincera, a escola era um lugar totalmente desconhecido e de outro mundo. Mas ainda tenho recordações do meu irmão comentando sobre algumas coisas, mas é claro, lembro especialmente em relação ao Projeto Córdoba. Era algo totalmente distante da minha rotina, mas de alguma forma o sentimento que esse projeto de intercâmbio tinha sobre mim sempre foi muito bom. Então em 2007, quando fui sorteada e ingressei no CA, portas daquele mundo desconhecido se abriram. Além de começar a me familiarizar com números, letras e novos símbolos, o intercâmbio também começou a se tornar algo mais próximo, principalmente quando em certo período de cada ano via rostos novos pelos corredores.

Mas quando finalmente cheguei ao Ensino Médio, em 2015, tudo ligado à Córdoba se tornou mais real e possível. Foi a primeira vez que tive contato com alguém do grupo de intercambistas. Durante dois meses recebemos em nossa sala uma cordobense. A partir daí estava mais determinada que nunca a participar do Projeto Córdoba de 2016. Lembro-me de estar tão determinada e ao mesmo tempo ansiosa que no ano anterior ao intercâmbio me flagrava pensando em diversos temas para o projeto de pesquisa.

Então enfim 2016 começou. No mesmo dia em soube que as inscrições estavam abertas adicionei meu nome naquela lista em que muitos conhecidos já tinham inserido os seus. Foi na

primeira reunião que realmente percebi quantas pessoas naquela escola compartilhavam um mesmo sonho. A princípio eram mais de quarenta nomes para no final onze entrarem em um ônibus e viajar durante aproximadamente trinta horas até o destino tão esperado.

Todos os momentos que se seguiram naqueles meses de seleção foram acompanhados por uma montanha russa de emoções. Sentia uma certa tristeza ao ver algum colega desistindo, ansiedade por prazos de entrega de resenhas ou versões do projeto escrito e até medo por não conseguir chegar até o final. Mas quando conversava com o restante os outros futuros intercambistas ou participava das aulas de espanhol, reuniões, "palestras" e outros encontros, onde sempre aprendia um pouco mais sobre algum tema, só conseguia sentir alegria e tranquilidade. Ainda lembro-me do grande nervosismo no dia em que iria encontrar o meu professor de história dos três anos anteriores e lhe perguntar se aceitaria ser meu orientador do projeto. Depois de uma longa conversa escutei o "sim". Uma imensa felicidade tomou o lugar daquele nervosismo e ao sair da sala caminhei durante um bom tempo com um grande sorriso estampado no rosto.

Foram longos meses, mas depois da entrega do projeto final a única coisa que conseguia pensar era no resultado final de quem iria estar no grupo de intercambistas daquele ano e se estaria entre esses nomes. Era para ser mais um daqueles dias que chegava atrasada na escola, mas tudo mudou quando passei na frente do mural do Projeto Córdoba e vi um papel que até o dia anterior ele não estava lá. "Maria Clara Prates Rocha". Confesso que estava com muito sono, então fiquei um tempinho encarando aquela folha até ter certeza absoluta do que estava

lendo. Quando tive certeza, uma felicidade acompanhada de um sorriso afastou o sono. Além de mim, outras nove pessoas do segundo ano (sendo que quatro eram da minha turma) e uma do terceiro ano conseguiram. Quando todos já estavam sabendo do resultado, na primeira oportunidade que tivemos, nos reunimos na frente do mural. Quando vi todas aquelas sorrisos seguidos de abraços, tive mais certeza ainda de que tudo era real, que juntos aprendemos/ aprenderíamos um pouco mais sobre toda essa bela confusão que conhecemos como "mundo" e realizaríamos um sonho.

Foi tudo muito rápido durante aquele um pouco mais de um mês até a viagem. Mas é claro que foi tempo suficiente para a montanha russa das emoções ficar mais intensa. Em meio a conseguir fazer todas as coisas necessárias (entre elas fazer uma campanha para arrecadar o dinheiro suficiente para todos os gastos, já que só a minha família não iria conseguir arcar com eles), conversar com a família que me acolheria durante os dois meses, a ansiedade se uniu com a insegurança e fizeram com que eu quase desistisse de tudo. Foi no domingo anterior à chegada das cordobesas. Toda aquela confusão da minha cabeça estava tão sufocante que depois de muito choro minha mãe levou-me até as dunas que ficam próximas de casa. Naquele breve momento longe de toda a loucura urbana, decidi gritar para liberar um pouco aquela agonia. No final, consegui me acalmar um pouco, principalmente quando fui acolhida pelo abraço de minha mãe.

No dia seguinte, onze companheiras argentinas dessa grande aventura chegaram na ilha. Por viver em uma mini casinha, não teria condições de receber mi hermanita. Confesso que isso me deixava um pouco triste, mas quando a vi entrando

na rodoviária, aquele turbilhão de sentimentos sufocantes foram se indo mais um pouco. Agora, se o mês anterior já tinha voado, imagina essa semana que antecedia a viagem!

Depois que fui nas dunas, toda aquela confusão em minha cabeça aos poucos estava sumindo e a determinação do começo do ano estava voltando. Mas, sem dúvida alguma, estava nervosa quando finalmente o dia chegou. Foram lindos os últimos momentos antes do embarque. Onde todos os familiares, intercambistas, amigos e todos os outros envolvidos na realização daquele sonho. Após muitas despedidas e de receber duas cartinhas com diversas recomendações de *mi hermanita* e de uma amiga, entrei no ônibus e todos já estavam lá.

Foram horas e mais horas compostas por momentos únicos e paisagens que nos deixavam de boca aberta. Largos minutos acompanhados com muitas risadas, nervosismo e choques de culturas. Já tínhamos sido avisados sobre isso, mas foi muito interessante atravessar a fronteira e de repente precisar pagar por um pedaço de papel higiênico ao ir em um banheiro público. Ou de uma hora para outra você precisar enfrentar a vergonha e começar a dialogar em castelhano.

Depois das cansativas e também maravilhosas trinta horas de viagem, estávamos em Córdoba. Um lado meu ainda não acreditava, mas aquilo realmente estava acontecendo. O ônibus estava passando pelas ruas daquela cidade que anos antes era algo totalmente distante de minha realidade. Como acabamos chegando uma hora antes do estava previsto, ao descer na rodoviária não havia nenhuma família. Então aproveitamos e fomos ao banheiro. Ao voltar vi que duas pessoas tinham chego e não demorei muito para perceber que era *mi papi* e *mi hermana*

mais velha. Quando os abracei, qualquer indício de nervosismo e insegurança que ainda restava, se foi.

No caminho até em casa, *papi* e *mi hermana* foram mostrando e falando brevemente sobre alguns lugares, inclusive a escola que ia começar a frequentar, o famoso Belgrano. Quando chegamos em casa, mesmo já passando da meia noite, junto a uma janta *muy rica*, *mami*, minha outra *hermanita*, que é um pouco mais nova que eu e Nina, a cachorrinha, estavam lá. Apesar de naquele dia ainda estava meio travada no castelhano, conversamos e nos conhecemos melhor (claro, naquele momento e outros tantos durante os dois meses, *mi hermana* mais velha que também estudava na ESCMB e que no ano anterior tinha feito um intercâmbio à Belo horizonte sempre me salvava quando não sabia como falar alguma frase ou palavra).

Todos os ocorridos ao longo de todo o intercâmbio foi muito importante e marcante, mas naquele primeiro dia vivi diversos momentos especiais. Começando por um *desayuno* com muitas coisinhas deliciosas, como por exemplo, mini alfajores. Enquanto comia, *mi hermana mayor* apresentou alguns nomes de cantores e grupos argentinos dos maiores gêneros musicais do país. Claro, conversamos sobre outras coisas, mas pra mim aquela manhã foi marcada pela canção “La argentinidad al palo” do grupo Bersuit Vergarabat. Aparentemente ela é como um hino, pois em sua letra podemos ver diversos ocorridos marcantes da história dos argentinos e algumas curiosidades lindo país.

Pela tarde, fomos ao colégio para a recepção dos brasileiros. Nunca tinha estado em uma escola com tantos estudantes. Por todos os lados era possível ver cartazes com a bandeira brasileira ou algum de nossos nomes. Foi tudo muito lindo. Então, quando a cerimônia terminou, alguns colegas da

turma que iria frequentar levou-me até uma das salas de aula, onde uma professora e o restante da turma estavam a minha espera com um grande banquete. Após muita conversa e comilança, voltei para casa com um pote de doce de leite como um *regalito*.

Naquela mesma semana, realizamos um passeio turístico com coordenadores do projeto e com estudantes que nos anos anteriores participaram do intercâmbio, tanto para Floripa quanto Belo Horizonte, que ainda frequentavam a escola. Foi nesse dia que comecei a perceber algo... De certa forma, não importa a duração de um intercâmbio, pois ele nunca irá terminar efetivamente. Mesmo depois de voltar a cidade natal, ele estará acontecendo em nossa memória, conversas sobre tal vicência e é claro, em uma pequena jornada com intercambistas dos outros anos.

Sempre que lembro daqueles dois meses, milhares de imagens vêm à minha cabeça: as comidas deliciosas que *mi papi* criava pelo fato de eu ser vegetariana; A vez em que me perdi no próprio bairro onde morava; Ou da madrugada em que saí com mi hermana e seus amigos e não parei de dançar um minuto; De cada pôr do sol apreciado em algum dos parques ou até mesmo de casa; Das vezes em que nós, os brasileiros, nos reuníamos depois da escola e comprávamos trinta ou mais *criollos* e *medialunas* ou íamos até alguma sorveteria e experimentávamos um sabor melhor que o outro; Quando conhecia um pouco mais sobre os estudantes ao entrevistá-los ou ao responderem o questionário que realizei para a coleta de dados do projeto de pesquisa; Dos passeios entre amigos ou em família, onde conheci alguns cantinhos da capital e outros lugares do estado, por exemplo, Cosquín que para chegar até lá subi em um trem pela

primeira vez e conheci paisagens incríveis que se escondem entre as montanhas; Do ato de comemoração da “independência do Brasil”, onde levantamos cartazes com o famoso “Fora Temer!” junto com outros estudantes que estavam por lá para manifestarmos nossa indignação com tudo que estava acontecendo no Brasil durante aquele ano, principalmente naqueles meses; E é claro, um dos momentos mais emocionantes que já presenciei: El juicio de la Perla. Eram muitas pessoas caminhando em uma só direção com fotos de muitas das vítimas da ditadura, faixas e cartazes para comemorar as sentenças (principalmente nas 28 vezes que escutamos “*perpetua*”) dadas a cada um daqueles que durante este período violaram os direitos humanos.

Certamente esse intercâmbio tem um objetivo principal além de conhecer um novo lugar, cultura e os que vivem por lá. Entre esses momentos de lazer e descoberta da cidade, tínhamos que ir em busca de dados e respostas para os “?” relacionados a cada um dos temas que escolhemos para nossos projetos. Ao embarcar naquele ônibus, não estava levando somente uma mala e mochila, também carregava diversos questionamentos sobre a identidade latino-americana e, sendo um pouco mais específica, buscar compreender o ponto de vista dos jovens argentinos (a princípio) sobre esses temas que possuem suma importância em suas vidas, em como vivem ela, como se relacionam com a sociedade e é claro, por eles fazerem parte dessa identidade. Já no primeiro encontro com minha orientadora de lá precisei fazer uma pequena mudança em relação ao em minha pesquisa. Uma pequena modificação que colaborou em tudo que se seguiu em relação às buscas de dados. Ela explicou que “argentinos” era um público muito grande e que dentro deste existiam muitas

particularidades entre eles. Assim, sugeri que eu elegesse um ou dois anos da escola. Então, após escolher o 6to (sexto) e 7mo (sétimo) ano, fui seguindo um caminho mais certo. Mas, mesmo assim para finalizar o produto final (um cartaz/mural) com a conclusão da pesquisa foi uma grande correria, pois acabei não conseguindo distribuir muito o bem o tempo. Mas, acabou que tudo correu bem. Além de conhecer pessoas e opiniões incríveis eu, Maria Clara, que no começo de tudo isso não sabia ao certo se me identificava ou não como latino-americana, ao final conseguia compreender melhor o conceito de identidade e os muitos fatores que levaram a criação de uma para essa região conhecida como América Latina. Claro que ainda tenho muito o que descobrir sobre eu mesma, mas essa pesquisa juntamente com as vivências em Córdoba ajudaram a reconhecer que além de viver nesta parte do continente americano, também me vejo como uma latino-americana.

Depois da apresentação do projeto final, no nosso penúltimo dia antes da viagem de volta para Floripa, novamente só tive momentos especiais. Ao longo daquela última semana fui conhecendo melhor *la hermanita* que viveu dois meses aqui e que tinha voltado naquela semana. Ainda lembro que no último dia, fomos juntas ao *Paseo de las Artes* (uma feira de artesanatos que é um dos meus lugares favoritos). Lá encontramos alguns brasileiros que também estavam com *sus hermanas*. Faltavam algumas horas para ir embora daquele lugar que durante dois meses chamei de lar. Mas antes desse momento chegar, tínhamos um último jantar em família. Depois de sair do *Paseo*, caminhamos por ruas e mais ruas até chegar na Pizzaria. Enquanto percorremos esse caminho, fui observando todos aqueles carros e outros transportes, construções, comércios e as

árvores que ficam ao redor de praticamente todas as ruas pela última vez. Pelo menos até o momento em que conseguisse retornar. Foi muito curioso, mas naquele momento percebi que também era possível sentir tranquilidade em meio à agitação urbana e que aquele caos também tinha sua beleza.

O jantar foi maravilhoso e inesquecível. Além de a pizza estar *re rica*, estava ao lado de pessoas que sempre irei amar muito e que me acolheram em sua casa e se tornaram *mi mami*, *papi* e *hermanitas*. Lembro-me que após voltar para casa e no restante daquela última noite e madrugada, passei a noite em claro escrevendo cartas. Creio que foi uma maneira que encontrei de viver cada minuto que restava.

Antes mesmo de o sol aparecer, colocamos minhas coisas dentro do carro e seguimos em direção à rodoviária. Depois disso, só consigo me lembrar de ver as coisas meio embaçadas, pois a única coisa que conseguia fazer era chorar. Após um último abraço em *mi familia*, os outros familiares, amigos e *las compañeras* de aventura que trocaram de cidade, casa e país conosco, embarquei no ônibus. Quando ele já estava indo em direção a saída de Córdoba comecei a chorar mais ainda ao ler uma carta de uma querida amiga. Então, as lindas paisagens e risadas voltaram a nos acompanhar nas largas horas que se seguiram e a nos distrair da saudade que ficava mais forte a cada quilômetro que íamos nos distanciando do lugar que em tão pouco tempo conquistou nosso amor.

Dois meses. “Os dois melhores meses da minha vida”, já nem sei quantas vezes repeti isso, mas com certeza foram centenas. Não os considero um mar de rosas, mas é exatamente por causa desses momentos que não muitos agradáveis que deixaram os meses mais completos e onde tive oportunidade de

aprender com eles. Tenho arrependimentos? Claro que sim. Mas, são eles (juntamente com a saudade e o grande carinho que tenho por aquela cidade) que me motivam ainda mais em voltar à Córdoba.

Iniciei esse relato com a frase sobre a utopia do escritor uruguaio, Eduardo Galeano. Não tem como ler ela, ver tudo que tem acontecido nesses últimos tempos e não se perguntar sobre a memória da população brasileira. Durante o breve tempo que vivi em Córdoba foi possível observar no dia a dia esse trabalho de lembrar e informar os difíceis períodos ditatoriais que a Argentina viveu. Foi possível identificar essa conscientização não só no Juicio de la Perla, mas também na escola ou até mesmo no trajeto para a minha casa, onde tem um muro com desenho e frase que sinalizam que a ditadura deixou vítimas e não foram poucas. Mais de três décadas se passaram desde o fim da ditadura militar do Brasil e nenhum responsável pelas torturas e mortes foi julgado. Somos o país em que partes da população acredita que nunca houve uma ditadura ou também aqueles que desejam a volta dos militares no poder. E recentemente nos deparamos com parte da população elegendo um governo fascista. Segundo Galeano, a utopia “existe” para que possamos seguir em frente e continuar caminhando, mas do que adianta caminhar em direção ao futuro se ignoramos o passado e conseqüentemente vivemos condenados a repetir os mesmos erros. Já não está mais do que na hora de nos direcionarmos ao horizonte, acompanhados de uma memória nossa ao invés de uma imposta?

sobre tudo

ABRAÇANDO A IRMANDADE

Joana Milan⁴⁰

Quando me pediram para escrever algo sobre o Projeto Córdoba para comemorar os seus 25 anos, muitas coisas passaram pela minha cabeça. Foram tantos significados. Apareceu um sentimento de saudade daquelas pessoas, da cidade, da língua, do espírito curioso de quem viaja e vive algo novo. Ao recordar da minha trajetória no Colégio de Aplicação é inevitável que esse intercâmbio seja sempre uma memória presente e importante. Porque, além de ter sido uma grande oportunidade de explorar um país diferente, foi um processo de construção de conhecimento e para além disso um intercâmbio de conhecimento. Porque a gente aprende muito! com quem vem nos visitar, com a nossa própria família que recebe, com as pessoas lá, com todo o processo de preparação.

⁴⁰ Estudante do Colégio de Aplicação e intercambista do Projeto Córdoba em 2016. Estudante universitário da licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal de Santa Catarina. Contato: joana_milan@hotmail.com

Estar em movimento, se desafiar, sair da zona de conforto, ver o natural de outras perspectivas, olhar para o mundo de forma crítica e refletir sobre ele sempre que possível eram alguns dos ensinamentos que os queridos professores do projeto transmitiram, e que eu carreguei durante a viagem e levo junto a mim até hoje. Porque esse percurso não é uma simples viagem turística, é sobre viver intensamente aquele ambiente e, assim como na vida, tiveram algumas pedras pelo caminho, mas se reinventar também fazia parte do itinerário.

Lembro até hoje do primeiro dia na escola. O pátio lotado (quase 2000 alunos) nos observando com um olhar curioso, com cartazes de “bienvenidas”. Eu não sabia o que esperar daquele colégio. Mal imaginava o quanto ia me surpreender, como ia trocar experiências e fazer amizades as quais tenho um carinho até hoje e, como eu ia aprender mais sobre mim mesma. Porque sair de casa aos 16 anos para morar em outro país sem os pais é uma responsabilidade e tanto, principalmente quando a juventude em questão tende cada vez mais a se fechar e se superproteger desde pequena.

Conhecendo diferentes perspectivas e saindo das realidades em que vivemos, do nosso núcleo de amigos e famílias, por que no fundo a gente cresce para ser um cidadão do mundo. Para compreender a história dos locais pelo qual passamos e refletir sobre a sua realidade e semelhanças com o nosso próprio contexto. Por isso, foi tão importante olhar para o nosso país vizinho e entender como temos tantas lutas e condições sociais em comum e quais diferimos, indo além de um olhar estereotipado sobre a Argentina, mas abraçando a irmandade que a história deve representar.

Assim, o projeto é construído pelos professores, estudantes e colaboradores e há 25 anos faz um papel grande na formação dos estudantes, dando a oportunidade destes de experienciarem momentos fora de sala de aula que contribuem para a sua formação como sujeitos, deixando marcas no Manuel Belgrano e ele deixando marcas na gente também.

sobre tudo

UMA EXPERIÊNCIA SOBRE CÓRDOBA

Júlia Toledo⁴¹

O intercâmbio pra Córdoba foi uma das coisas melhores oportunidades que eu tive, sempre foi um sonho participar do Projeto, então eu fiquei muito feliz em ver o meu nome na lista de intercambistas selecionados.

Na primeira reunião, deveria ter umas 40 pessoas no auditório, para 10 vagas, o que me deixou apreensiva, porque eu queria muito ir esse ano. Com o tempo e o passar das reuniões, foi diminuindo o número, até restar, finalmente, o grupo que viajou.

Nesse período em que o grupo foi se formando, fomos fazendo a pesquisa prévia do nosso trabalho que íamos realizar na Argentina, essa não foi a melhor parte, mas também foi muito boa, pois além em cada uma das etapas íamos aprendendo mais.

Depois de 4 ou 5 meses, finalmente chegou a hora. Os dias entre o momento em que vi meu nome na lista e o dia em que viajamos foram de pura ansiedade e felicidade, até que

⁴¹ Estudante do Ensino Médio do Colégio de Aplicação e intercambista do Projeto Córdoba em 2018. Contato: jutoledohenriques@gmail.com

finalmente chegou o momento de embarcar, no dia 31 de julho de 2018, por volta das 19 horas da noite, quando partimos em viagem.

O caminho até lá levou mais ou menos 30 horas, mas as horas até passaram rápidas em meio a imensa vontade de conhecer esse novo local. Talvez isso tenha se intensificado porque eu nunca tinha ido ao exterior, mas de qualquer maneira, seria emocionante.

Sem dúvida tínhamos muitas expectativas, mas eu acabei até me esquecendo delas no momento em que vivia meu sonho... Chegamos lá em um momento complicado para o país, tanto que ficamos um mês e meio sem aula, ou seja, tivemos apenas duas semanas de aula, e isso tem seus prós e contras.

Não vou dizer que não gostei de ter tido praticamente outras férias, mas também teria sido bom ter vivenciado por mais tempo como são as aulas na Argentina. Sei que em uma viagem, e na vida de maneira geral, cada pessoa sente as coisas de um modo, mas sem dúvida a nossa experiência se tornou ainda mais diferente por isso.

Sem aula, tínhamos tempo para fazer muito mais coisas, eu participei de manifestações e assembleias, que mostravam outro lado, porque, com aulas normais, provavelmente eu não teria percebido.

Uma coisa que me deixou muito feliz foi a casa em que eu fiquei: na minha opinião eu tive muita sorte, porque lá eu tinha uma irmã um pouco mais velha do que eu e nos tornamos muito amigas, então eu sempre tinha alguém para sair comigo.

Sobre o tempo que tive de aula, também foi muito interessante. A escola é organizada um pouco diferente daqui,

com aulas obrigatórias e elegíveis e as carteiras são organizadas em duplas.

Ainda sobre a escola, uma coisa que eu me arrependi foi de não ter me “soltado” tanto, na minha percepção, quem era mais extrovertido conseguiu fazer muito mais amizade e construir relações que eu senti que, para mim, faltaram um pouco. Não que seja algo obrigatório, mas me parece muito importante, claro que eu também fiz amigos, mas foi de uma forma diferente.

No meio disso tudo, tínhamos uma pesquisa para realizar, o que foi muito bacana, pois nos “obrigava” a fazer coisas que talvez sem a pesquisa não fizéssemos, mas que deixaram a experiência mais rica. Por exemplo, tive a oportunidade de entrevistar pessoa de um país diferente do meu, que cresceram com uma realidade diferente (embora às vezes parecida), que falam um idioma diferente, etc.

Por falar em idioma, certamente o intercambio melhorou muito meu espanhol, nem falando necessariamente do ponto de vista técnico, mas no sentido da comunicação, de entender e de ser entendido, vendo as características da língua, aprendendo gírias... Uma das coisas que mais gostei foi em relação a isso, a linguagem inclusiva que foi implementada lá, então num grupo misto de homens e mulheres, não se diz todos, mas sim todes. Isso ainda inclui quem não se sente nem homem nem mulher.

Sem saber muito como descrever essa experiência e com um resumo (bem resumido), porque se eu expressasse realmente tudo que eu passei lá precisaria da revista toda, tenho algumas palavras que servem para descrever minha experiência: incrível, maravilhosa, amor, alegria, felicidade, realização, e teriam mais milhões de palavras boas que eu poderia citar, mas não posso

deixar de dizer que, por ter sido tão bom, também é um pouco triste, porque terminou.

*Tenho 2 interpretações para esse “terminou”:

1 - na verdade, nunca vai terminar completamente, porque cada vez que eu contar, ou escutar algo sobre o projeto, vou sentir essa felicidade de novo, provavelmente nostalgia, além disso, se/quando eu voltar lá, quando eu rever as pessoas que conheci, meus amigos, minha família e ano que vem novos intercambistas no colégio, vou lembrar e nunca vai ter um fim, mas...

2 - eu nunca vou ter uma experiência exatamente igual a essa, as experiências nunca são exatamente iguais, mesmo que eu volte lá e veja as pessoas, eu não vou ter que ir para escola (mesmo eu tendo ido pouco) ou ter que fazer minha pesquisa, mas nesse sentido, é apenas o fim de uma experiência, não me impede de ter outras, diferentes, mas igualmente boas.

Para concluir, eu gostaria de agradecer muito aos coordenadores do Projeto Córdoba: Danuza, Fernanda, Marcio e Tomas, e também aos antigos coordenadores, aos daqui e aos de lá, por se dedicarem tanto e permitirem que o intercâmbio continue existindo. Gostaria também de agradecer a minha orientadora, Thereza, que além de me orientar me apoiou ao longo do processo. Todos vocês foram muito importantes para mim. Obrigada! <3

sobre tudo

A INTENSIDADE DOS AFETOS

Raí Fantin Dietrich

Maíra Fantin Dietrich

Cauê Fantin Dietrich

Maristela Fantin

Luiz José Dietrich

Família Fantin-Dietrich⁴²

A nossa família tem sua história fortemente marcada pelo Projeto Córdoba e pelas experiências que se fizeram possíveis com a participação neste. Os três irmãos (Cauê, Maíra e Raí) participaram do projeto e por 5 vezes hospedamos estudantes cordobeses em nossa casa (Alejandro 2002, Lucas 2004, Águeda 2005, Sofia 2013 e Lurdes 2014). Com cada intercambista um laço especial foi se formando.

42 Família Fantin-Dietrich, parceira nos 25 anos do Projeto Córdoba: Maristela Fantin (mãe), Luiz José Dietrich (pai) e Raí Fantin Dietrich, Maíra Fantin Dietrich e Cauê Fantin Dietrich (filhos). Contato: caue.fd@gmail.com

Foi em 2002 que Cauê e a família resolveram embarcar na aventura que o Projeto Córdoba incentiva os estudantes a encarar. A Argentina vinha passando por crises econômicas e políticas profundas, mas mesmo assim decidiu-se por manter o intercâmbio acontecendo, ainda que de forma reduzida, dentro das possibilidades. Mais do que uma troca cultural, foi uma abertura de muitas portas que se manifestava na vibrante intensidade dos afetos que se desenvolveram com pessoas que se conheciam por menos de um mês.

Dali a família foi pegando gosto por essa ideia, na medida em que também fomos sentindo o quanto de aprendizados, alegria e amizades iam se somando.

O aprendizado da língua espanhola foi também proporcionando uma reaproximação com a cultura latino-americana para todos nós, vencendo as falsas rivalidades que se criam para nos separar e enfraquecer.

Acolher estudantes argentinos nestes anos, nos fez amar mais as diferentes Argentinas. Conhecer melhor suas histórias, seu povo, suas múltiplas linguagens nos aproximaram de realidades tão belas, singulares, com profundo respeito e admiração. A presença destes e destas estudantes em nossas vidas deixam sabores dos encontros, dos estudos e abre caminhos para mais solidariedade e projetos possíveis em nosso continente. Muitos aprendizados e muito carinho com este tempo fértil de intercâmbios múltiplos.

[...]

A possibilidade do Cauê, da Maíra e do Raí participarem do Projeto Córdoba, e de podermos viver com bastante

profundidade este intercâmbio recebendo também vários estudantes argentinos em nossa casa, foi uma alegria muito grande para mim é para Maristela! Nós formamos nossa consciência política entre os anos 70 e 90 na luta contra as ditaduras militares que na época dominavam o Brasil e praticamente toda a América Latina. Essa consciência foi formada numa forte solidariedade com a América Latina. Cantávamos muitas músicas de Violeta Parra, Mercedes Sosa, Pablo Milanés, Inti Illimani e tantos outros. Admirávamos Che Guevara, a Revolução Cubana, as Mães da Plaza de Mayo, os movimentos de resistência de El Salvador, a Frente Sandinista da Nicarágua, éramos todos "compas" na luta contra o imperialismo e por um mundo mais justo e igualitário. Procuramos sempre passar essa história e valores para Cauê, Maíra e Raí. E o Projeto Córdoba foi uma oportunidade para eles mesmos mergulharem mais nessas histórias e por eles mesmos refazerem seus laços de solidariedade com a América Latina! E foi muito bom! Deu muitos frutos: viagens daqui p lá, de lá p cá; nós nos hospedando na casa das famílias de lá, famílias deles se hospedando em nossa casa, amizades que marcaram e permanecem, nos ajudando a manter nossos rumos e esperanças nesses tempos que parecem trazer de volta dias cinzentos, cor de chumbo, que já vivemos. Sim, vivemos, mas também conseguimos superar e vencer, dando passos na direção de nossas utopias. Será assim também agora!

Somos muito gratos a todas e todos que fazem esse projeto uma realidade.

Seguimos acreditando que outra América é possível!
Abraços fraternos!

sobre tudo

SENTIMIENTOS Y GRATITUD

Familia Vreys⁴³

En primer lugar, quisiera agradecer en nombre de mi familia, la posibilidad que nos brindan de compartir nuestras vivencias respecto a la implementación del proyecto de Intercambio. Participar de esta experiencia fue para nuestra familia algo que impactó más allá de lo que nosotros pudimos pensar.

En un primer momento, reímos que albergar a jóvenes de Brasil sería compartir unos días con un turista ofreciéndoles lo único que teníamos a nuestro alcance: nuestro cariño. Con el paso del tiempo y a partir de los lazos que se fueron creando con cada joven que llegó a nuestra familia fuimos tomando conciencia de que “intercambio” es más que una experiencia compartida.

Si tuviera que definirlo, podría decir que es “adoptar hijos”, “ampliar la familia”, “tener un millón de amigos”, como

⁴³ Publicado originalmente en: “25 AÑOS DE INTERCAMBIO: 1992-2017. Escuela Superior de Comercio Manuel Belgrano/Comisión de Intercambio. Córdoba: UNC/ESCMB/Pueblo de la Toma Editorial. Septiembre, 2016. p.19-21.

diría un cantante brasileiro... Pero también tendría que destacar que dicha experiencia lleva implícito el tomar decisiones, como padres, de animarnos a “soltar a nuestros hijos” con la confianza y la convicción que volar sólo se aprende volando.

Si pudiera expresar lo que ha significado en nuestra familia, tal hecho, diría que han sido más los logros y cosechas, que lo que hemos sembrado en ellos. Observando a nuestros hijos, los de aquí y los de allá, hemos podido ver la madurez con la que comienzan a sortear situaciones de la vida, la facilidad, con la que rápidamente comprenden y usan el idioma. Además, la perspectiva cada vez más amplia con la que se aproximan al análisis de las problemáticas que son comunes en nuestros países y la inagotable energía que poseen para que cada día de intercambio les rinda horas al doble.

¿Qué nos queda después de cada intercambio? Principalmente fuertes emociones, nostalgias, aprendizajes, sensaciones de haber crecido, la satisfacción plena del dar y recibir y la intensidad de los momentos compartidos.

Nuestros hijos brasileños, sus familias y sus profesores han dejado en nuestra casa una presencia vivía, que se advierte en las fotos, el café, el perchero, la música ya las recetas de strogonofi y feshoda, y en el afecto que se pone de manifiesto en la comunicación que conservamos.

Como padres, proyectamos lo mejor para nuestros hijos. Si educar es formar para la vida estamos inmensamente agradecidos a la Escuela Superior de Comercio Manuel Belgrano, a la Escuela de Aplicación de Florianópolis y la comisión de Intercambio en la persona de cada uno de los profesores que la integran porque ellos colaboraron con nosotros en formar ciudadanos con autonomía, responsabilidad, sosteniendo valores

de respeto, solidaridad, compañerismo y fundamentalmente acompañando a cada alumno en la comprensión del sentido de la experiencia.

No tenemos palabras para hacer el merecido reconocimientos al compromiso puesto de manifiesto por los profesores, que más allá de lo académico alientan y sostienen la ejecución de este proyecto, sin retribución alguna, más que la satisfacción profesional y personal de alcanzar los objetivos propuestos.

Hoy nosotros sentimos que Florianópolis es nuestra casa. Con cada joven brasileño y sus amistades, hemos establecido vínculos que han generado un tejido amplio y fuerte, que estamos y convencidos de que no habrá tiempo ni distancias que puedan dañarlo.

Abrimos nuestro corazón e intentamos generar ligaduras que superen la reciprocidad cultural, con el convencimiento que la hermandad entre los pueblos también nace en el abrazo compartido en cada familia.

Por eso, no tenemos dudas, que mañana seré capaz de reconocer entre muchos, a aquellos jóvenes que un día fueron nuestros, porque el brillo de una sonrisa y el calor de una caricia no se borrarán jamás de nuestro corazón.

Gracias a ellos, a esos jóvenes que nos permitieron ser parte de sus vidas.

sobre tudo

ENTRE NÓS E AS LINHAS: FOTOMONTAGEM DA COMEMORAÇÃO DOS 25 ANOS DO INTERCÂMBIO ESTUDANTIL

Natasha Mota⁴⁴

Difícil escrever sobre as memórias.

Entretanto tentei. Eu conto:

Era noite. Deitada no meu quarto, à meia luz, o único ruído vinha do relógio de parede atrás da cama.

O tic-tac contínuo me recordava que a cada segundo seguinte o presente se tornava passado.

Pensei nos caminhos percorridos. Seriam essas linhas as memórias? Escrevi sobre as linhas-caminhos.

Continuei por elas, mas eram muitas e com os encontros acabaram por criar pequenos nós. Escrevi sobre (os) nós.

Entre nós e as linhas, formas, texturas e cores.

Lembraram-me então que a viagem começara bem antes e que os pequenos desvios não eram sinônimo de apagamento.

⁴⁴ Licenciada em Artes e Professora de Artes do Colégio de Aplicação da UFSC entre 2015 e 2017. Professora Intercambista do Projeto Córdoba em 2016. Contato: deslocamentosafetivos@outlook.com

Tampouco os cruzamentos, confusões. Apenas reconfigurações do vivido, do eu e do outro.

Uma garrafa solta em alto mar que abriga um desejo plantado ninguém sabe muito bem como nem quando, retorna com outro desejo.

E a cada quilometro percorrido o futuro se torna presente.

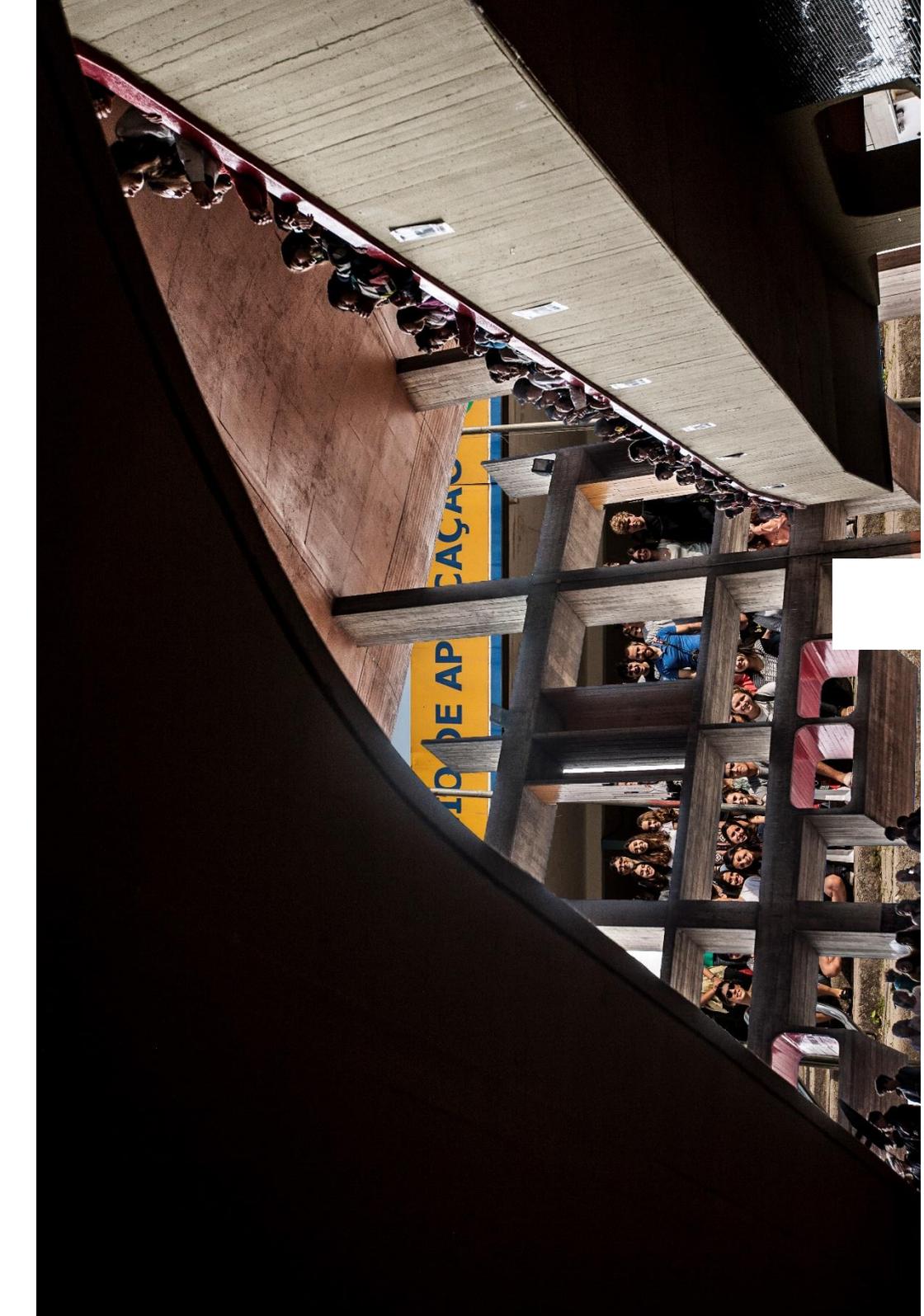
A lua laranja diante da janela, os olhos entreabertos no limite entre sonho e realidade, o único ruído eram as respirações. Era madrugada.

Eu conto. Tentei.

Difícil escrever sobre as memórias.

Retirei o sobre.⁴⁵

⁴⁵ Texto criado a partir da poesia "O fotógrafo" de Manoel de Barros, disponível no livro "Ensaios fotográficos". Peço licença ao poeta para criar utilizando a estrutura de seus versos.







Colégio de Aplicação UFSC

27 h

2.204 km

23 h 33 min

1.877 km

22 h 31 min

1.886 km

Uruguai

Rosário

Villa Maria

Rio Cuarto

Joinville

Balneário Camboriú

Chapeco

Pelotas

Formosa

Parque Iberá

Concordia

Santa Fe

Santa Maria

Porto Alegre

RÍO GRANDE DO SUL

tiago asterio

Jito Manuel
ano

Av. Cobán

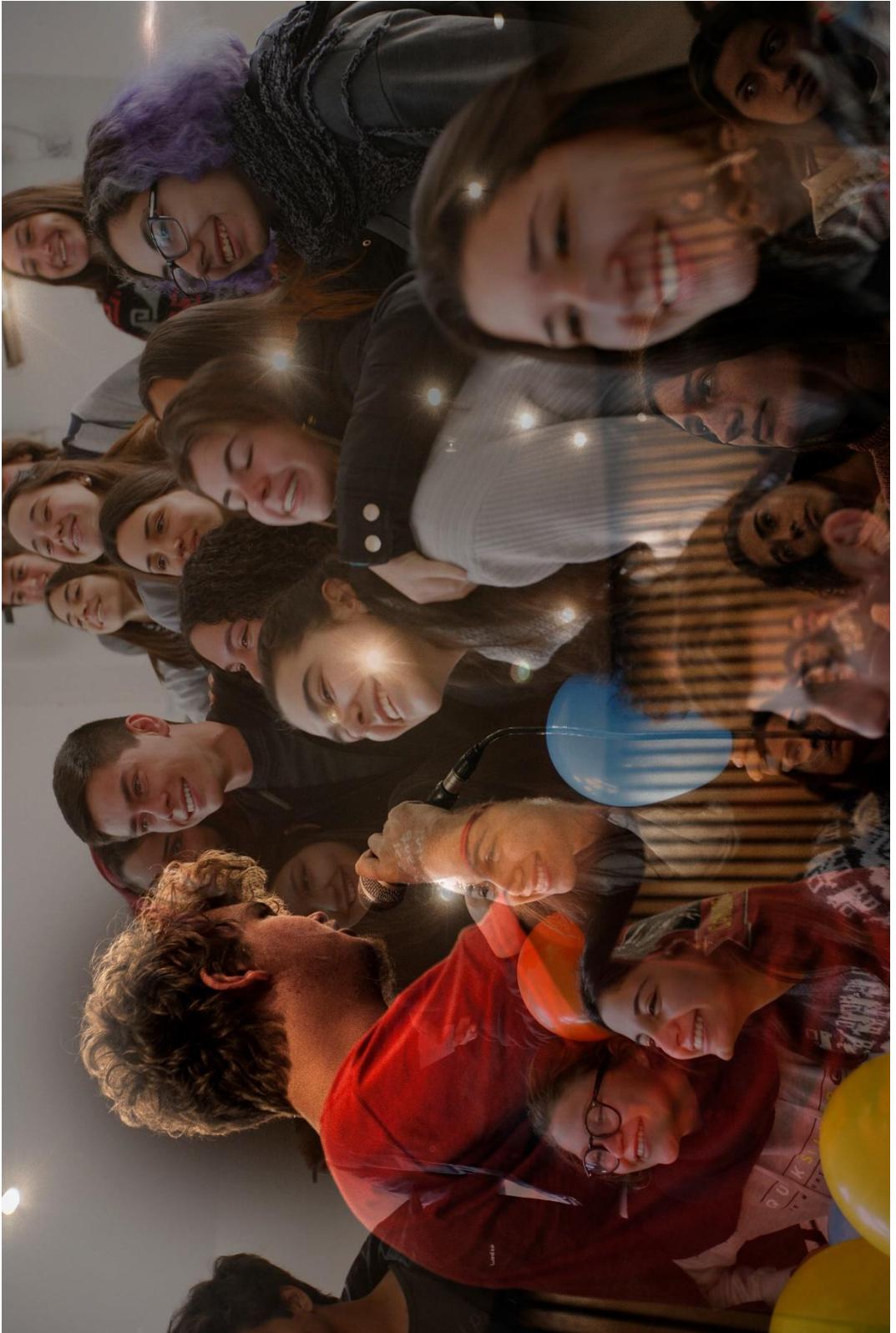
Cnel. Pedro B. Zauli

Google

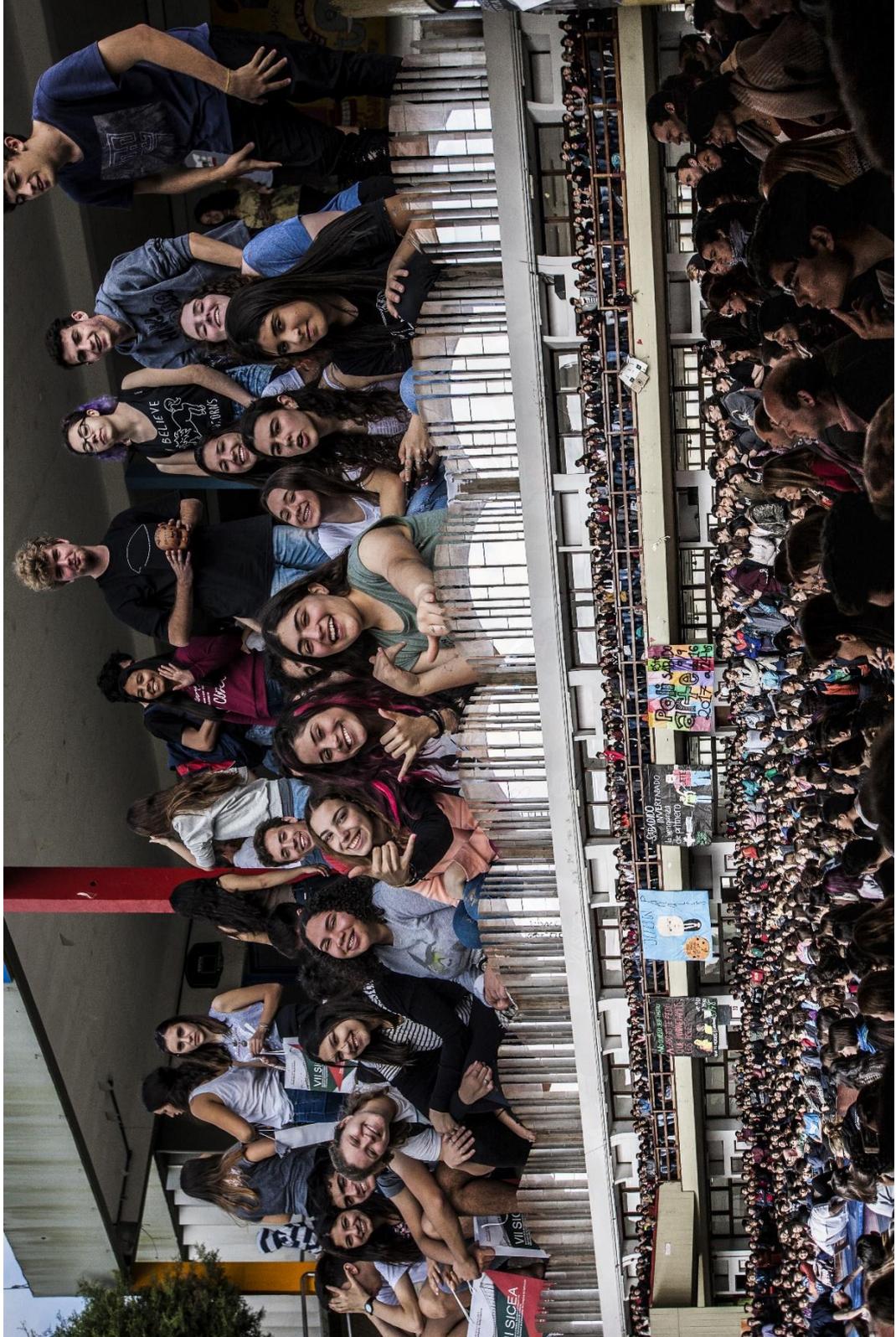


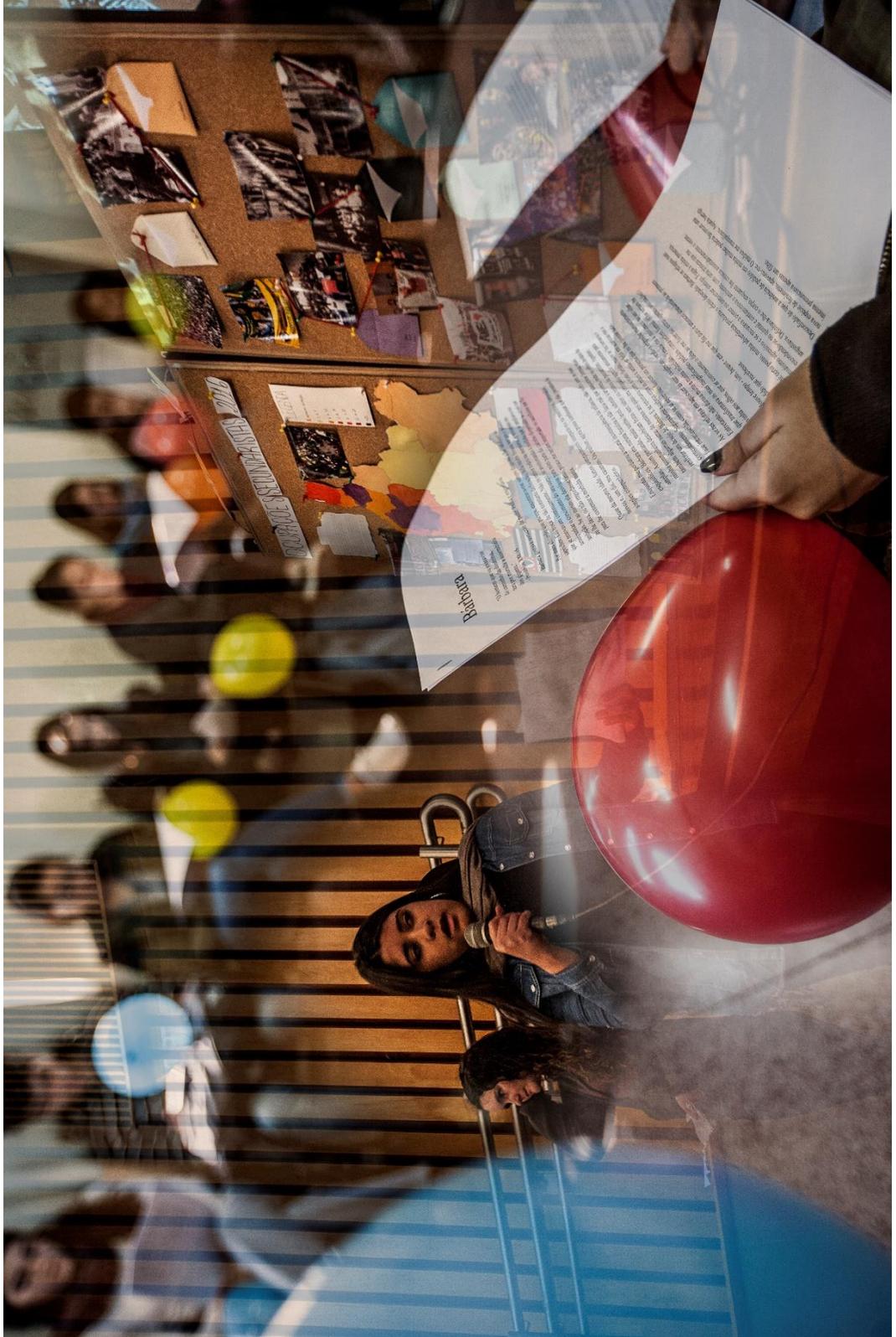
Escuela Superior
de Comercio Manuel...

Sta Fe







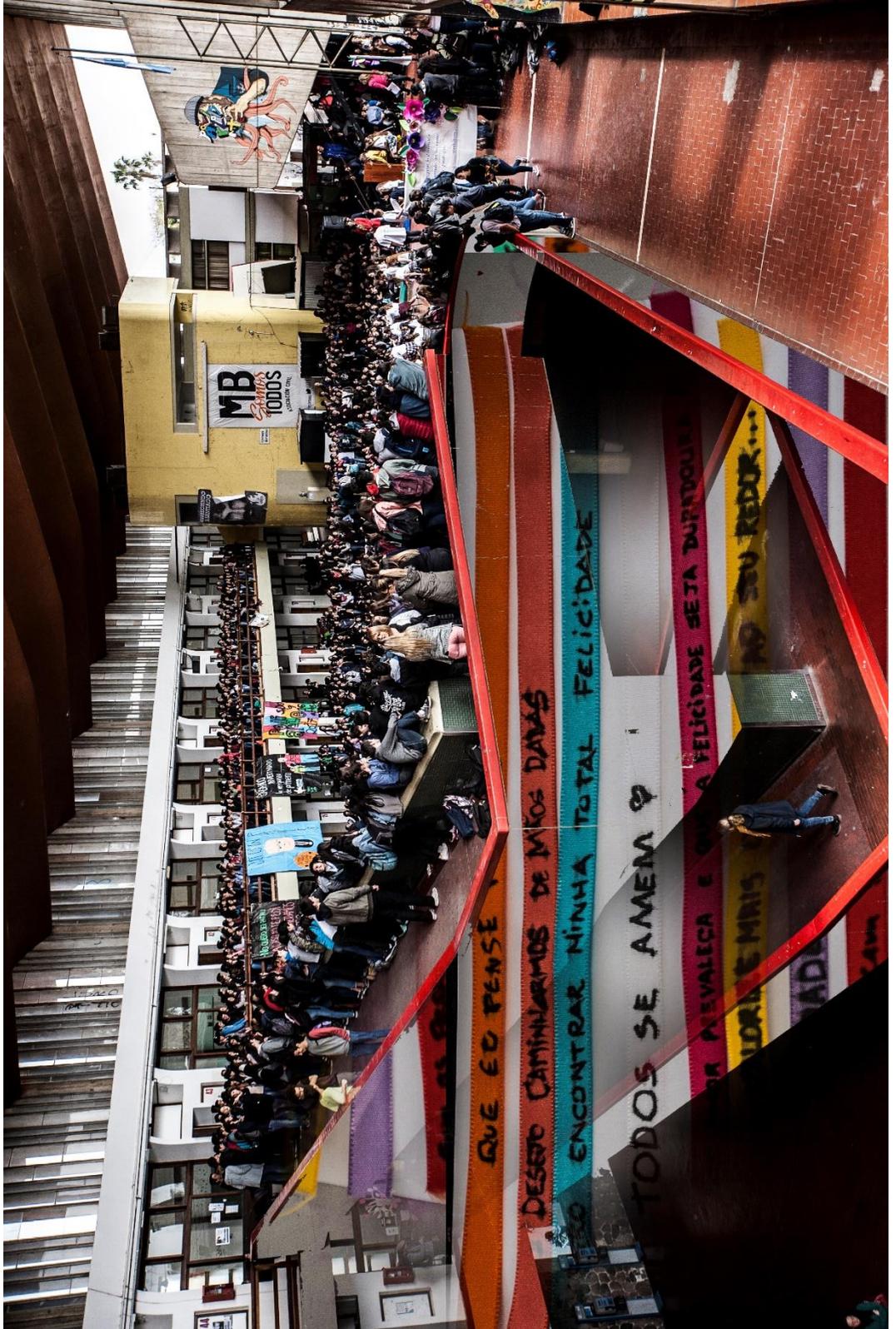


Barbara

The world is a beautiful place, and it's up to us to make it a better one. We can do this by being kind, helpful, and respectful to everyone we meet. We can also make a difference by taking care of our environment and our community. Let's all work together to make the world a better place for everyone.







MB
Sempre
TODOS
COMUNIDADE

NOVA BRASÍLIA

QUE EU PENSE

DESEJO CAMINHARMOS DE MÃOS DADAS

EU ENCONTRAR NINHA TOTAL FELICIDADE

TODOS SE AMEM ♀

PARA REVALIAR E COM A FELICIDADE SEJA DURINDO

ALORAS É MAIS

NO SEU REDOR...



Em seu segundo número do Volume 9, a revista **Sobre Tudo** oferece uma edição especial, dedicada a homenagear os 25 anos do Projeto Córdoba. Até o presente momento, não haviam sido publicados exemplares temáticos ou comemorativos, mas a decisão de quebrar esse paradigma, celebrando um trabalho que admiramos e acompanhamos tão de perto, foi unânime entre os editores. Estabelecemos muitas parcerias e o resultado é uma rica coletânea de artigos, projetos de pesquisa, entrevistas, relatos de vivências de intercâmbio e uma exposição fotográfica de professores, estudantes e pesquisadores brasileiros e argentinos que nos auxiliaram, compartilhando tão generosamente seu tempo, suas memórias e seu conhecimento. Seguramente o fizeram porque sabem da importância do Acordo Internacional de Cooperação, estabelecido em 1992, entre o Colégio de Aplicação, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), e a Escuela de Comércio Manuel Belgrano, da Universidad Nacional de Córdoba (UNC). Acordo que se desdobrou em inúmeras ações, entre as quais um intercâmbio que completou 25 anos e hoje é o mais antigo de nossa instituição.

Desengavetem suas ideias:
Leiam! Escrevam! Compartilhem!



COLÉGIO DE APLICAÇÃO
desengavetandoideias